

Universidade do Sul de Santa Catarina

Fundamentos Filosóficos

Disciplina na modalidade a distância

UnisulVirtual

A sua universidade a distância

Universidade do Sul de Santa Catarina

Fundamentos Filosóficos

Disciplina na modalidade a distância

Palhoça
UnisulVirtual
2011

Créditos

Universidade do Sul de Santa Catarina | **Campus UnisulVirtual** | Educação Superior a Distância

Avenida dos Lagos, 41 – Cidade Universitária Pedra Branca | Palhoça – SC | 88137-900 | *Fone/fax:* (48) 3279-1242 e 3279-1271 | *E-mail:* cursovirtual@unisul.br | *Site:* www.unisul.br/unisulvirtual

Reitor Ailton Nazareno Soares	Coordenadores Graduação Aloísio José Rodrigues Ana Luísa Müllbert Ana Paula R. Pacheco Artur Beck Neto Bernardino José da Silva Charles Odair Cesconetto da Silva Dilsa Mondardo Diva Marília Flemming Horácio Dutra Mello Itamar Pedro Bevilacqua Jairo Afonso Henkes Janaina Baeta Neves Jorge Alexandre Nogaredo Cardoso José Carlos da Silva Junior José Gabriel da Silva José Humberto Dias de Toledo Joseane Borges de Miranda Luiz G. Buchmann Figueiredo Marciel Evangelista Catâneo Maria Cristina Schweitzer Veit Maria da Graça Poyer Mauro Faccioni Filho Moacir Fogaça Nélio Herzmann Onei Tadeu Dutra Patrícia Fontanella Roberto lunskovski Rose Clér Estivalete Beche	Marilene de Fátima Capeleto Patricia A. Pereira de Carvalho Paulo Lisboa Cordeiro Paulo Mauricio Silveira Bubalo Rosângela Mara Siegel Simone Torres de Oliveira Vanessa Pereira Santos Metzker Vanilda Liordina Heerdt	Patrícia de Souza Amorim Poliana Simao Schenon Souza Preto	Karine Augusta Zanoni Marcia Luz de Oliveira Mayara Pereira Rosa Luciana Tomadão Borguetti
Vice-Reitor Sebastião Salésio Heerdt				Assuntos Jurídicos Bruno Lucion Roso Sheila Cristina Martins
Chefe de Gabinete da Reitoria Willian Corrêa Máximo				Marketing Estratégico Rafael Bavaresco Bongioiolo
Pró-Reitor de Ensino e Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Mauri Luz Heerdt		Gestão Documental Lamuniê Souza (Coord.) Clair Maria Cardoso Daniel Lucas de Medeiros Jaliza Thizon de Bona Guilherme Henrique Koerich Josiane Leal Marília Locks Fernandes	Gerência de Desenho e Desenvolvimento de Materiais Didáticos Márcia Loch (Gerente)	Portal e Comunicação Catia Melissa Silveira Rodrigues Andreia Drewes Luiz Felipe Buchmann Figueiredo Rafael Pessi
Pró-Reitora de Administração Acadêmica Miriam de Fátima Bora Rosa		Gerência Administrativa e Financeira Renato André Luz (Gerente) Ana Luise Wehrle Anderson Zandrê Prudêncio Daniel Contessa Lisboa Naiara Jeremias da Rocha Rafael Bourdot Back Thais Helena Bonetti Valmir Venício Inácio	Desenho Educacional Cristina Klipp de Oliveira (Coord. Grad./DAD) Roseli A. Rocha Moterle (Coord. Pós/Ext.) Aline Cassol Daga Aline Pimentel Carmelita Schulze Daniela Siqueira de Menezes Delma Cristiane Morari Eliete de Oliveira Costa Eloísa Machado Seemann João Lumi Matuzawa Geovania Japiassu Martins Isabel Zoldan da Veiga Rambo João Marcos de Souza Alves Leandro Romanó Bamberg Lygia Pereira Lis Airê Fogolari Luiz Henrique Milani Queriquelli Marcelo Tavares de Souza Campos Mariana Aparecida dos Santos Marina Melhado Gomes da Silva Marina Cabeda Egger Moellwald Mirian Elizabet Hahmeyer Collares Elpo Rafael da Cunha Lara Robertta de Fátima Martins Roseli Aparecida Rocha Moterle Sabrina Bleicher Verônica Ribas Cúrcio	Gerência de Produção Arthur Emmanuel F. Silveira (Gerente) Francini Ferreira Dias
Pró-Reitor de Desenvolvimento e Inovação Institucional Valter Alves Schmitz Neto		Gerência de Ensino, Pesquisa e Extensão Janaina Baeta Neves (Gerente) Aracelli Araldi	Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Design Visual Pedro Paulo Alves Teixeira (Coord.) Alberto Regis Elias Alex Sandro Xavier Anne Cristyne Pereira Cristiano Neri Gonçalves Ribeiro Daiana Ferreira Cassanego Davi Pieper Diogo Rafael da Silva Edison Rodrigo Valim Fernanda Fernandes Frederico Trilha Jordana Paula Schulka Marcelo Neri da Silva Nelson Rosa Noemia Souza Mesquita Oberdan Porto Leal Plantino
Diretora do Campus Universitário de Tubarão Milene Pacheco Kindermann	Vice-Cordenadores Graduação Adriana Santos Rammê Bernardino José da Silva Catia Melissa Silveira Rodrigues Horácio Dutra Mello Jardel Mendes Vieira Joel Irineu Lohm José Carlos Noronha de Oliveira José Gabriel da Silva José Humberto Dias de Toledo Luciana Manfroi Rogério Santos da Costa Rosa Beatriz Madruga Pinheiro Sergio Sell Tatiana Lee Marques Valnei Carlos Denardin Sâmia Mônica Fortunato (Adjunta)	Elaboração de Projeto Carolina Hoeller da Silva Boing Vanderlei Brasil Francielle Arruda Rampelotte	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	Multimídia Sérgio Giron (Coord.) Dandara Lemos Reynaldo Cleber Magri Fernando Gustav Soares Lima Josué Lange
Diretor do Campus Universitário da Grande Florianópolis Hércules Nunes de Araújo		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	Conferência (e-OLA) Carla Fabiana Feltrin Raimundo (Coord.) Bruno Augusto Zunino Gabriel Barbosa
Secretária-Geral de Ensino Solange Antunes de Souza		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	Produção Industrial Marcelo Bittencourt (Coord.)
Diretora do Campus Universitário UnisulVirtual Jucimara Roesler		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	Gerência Serviço de Atenção Integral ao Acadêmico Maria Isabel Aragon (Gerente) Ana Paula Batista Detóni André Luiz Portes Carolina Dias Damasceno Cleide Inácio Goulart Seeman Denise Fernandes Francielle Fernandes Holdrin Milet Brandão Jenniffer Camargo Jessica da Silva Bruchado Jonatas Colloço de Souza Juliana Cardoso da Silva Juliana Elen Tizian Kamilla Rosa Mariana Souza Marilene Fátima Capeleto Maurício dos Santos Augusto Maycon de Sousa Candido Monique Napoli Ribeiro Priscilla Geovana Pagani Sabrina Mari Kawano Gonçalves Scheila Cristina Martins Taize Muller Tatiane Crestani Trentin
Equipe UnisulVirtual		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Diretor Adjunto Moacir Heerdt		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Secretaria Executiva e Cerimonial Jackson Schuelter Wiggers (Coord.) Marcelo Fraiberg Machado Tenille Catarina		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Assessoria de Assuntos Internacionais Murilo Matos Mendonça		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Assessoria de Relação com Poder Público e Forças Armadas Adenir Siqueira Viana Walter Félix Cardoso Junior		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Assessoria DAD - Disciplinas a Distância Patrícia da Silva Meneghel (Coord.) Carlos Alberto Azeias Cláudia Berh V. da Silva Conceição Aparecida Kindermann Luiz Fernando Meneghel Renata Souza de A. Subtil		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Assessoria de Inovação e Qualidade de EAD Denia Falcão de Bittencourt (Coord.) Andrea Ouriques Balbinot Carmen Maria Cipriani Pandini		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Assessoria de Tecnologia Osmar de Oliveira Braz Júnior (Coord.) Felipe Fernandes Felipe Jacson de Freitas Jefferson Amorim Oliveira Phelipe Luiz Winter da Silva Priscila da Silva Rodrigo Battistotti Pimpão Tamara Bruna Ferreira da Silva		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Coordenação Cursos		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Coordenadores de UNA Diva Marília Flemming Marciel Evangelista Catâneo Roberto lunskovski		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	
Auxiliares de Coordenação Ana Denise Goularte de Souza Camile Martinelli Silveira Fabiana Lange Patricio Tânia Regina Goularte Waltemann		Reconhecimento de Curso Maria de Fátima Martins	Extensão Maria Cristina Veit (Coord.)	

Caroline Izidoro Marim
José Dimas d' Avila Maciel Monteiro

Fundamentos Filosóficos

Livro didático

Design instrucional
Karla Leonora Dahse Nunes

1ª edição revista

Palhoça
UnisulVirtual
2011

Copyright © UnisulVirtual 2011

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização desta instituição.

Edição – Livro Didático

Professores Conteudistas

Caroline Izidoro Marim
José Dimas d'Ávila Maciel Monteiro

Design Instrucional

Karla Leonora Dahse Nunes
Luiz Henrique Queriquelli (1ª ed. rev.)

Projeto Gráfico e Capa

Equipe UnisulVirtual

Diagramação

Jordana Paula Schulka (1ª ed. rev.)

Revisão

Foco Opinião e Mercado

ISBN

978-85-7817-354-8

100

M28 Marim, Caroline Izidoro

Fundamentos filosóficos : livro didático / Caroline Izidoro Marim, José Dimas d'Ávila Maciel Monteiro ; design instrucional Karla Leonora Dahse Nunes. – 1. ed. rev. – Palhoça : UnisulVirtual, 2011.

149 p. : il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7817-354-8

1. Filosofia. 2. Filosofia grega. 3. Filosofia medieval. 4. Filosofia moderna. I. Monteiro, José Dimas d'Ávila Maciel. II. Nunes, Karla Leonora Dahse. III. Título.

Sumário

Apresentação	7
Palavras dos professores	9
Plano de estudo	11
UNIDADE 1 - A investigação filosófica	17
UNIDADE 2 - O pensamento grego	45
UNIDADE 3 - O pensamento medieval	79
UNIDADE 4 - O pensamento moderno	89
UNIDADE 5 - O pensamento contemporâneo	111
Para concluir o estudo	133
Referências	135
Sobre os professores conteudistas	141
Respostas e comentários das atividades de autoavaliação	143
Biblioteca Virtual	149

Apresentação

Este livro didático corresponde à disciplina **Fundamentos Filosóficos**.

O material foi elaborado visando a uma aprendizagem autônoma e aborda conteúdos especialmente selecionados e relacionados à sua área de formação. Ao adotar uma linguagem didática e dialógica, objetivamos facilitar seu estudo a distância, proporcionando condições favoráveis às múltiplas interações e a um aprendizado contextualizado e eficaz.

Lembre-se que sua caminhada, nesta disciplina, será acompanhada e monitorada constantemente pelo Sistema Tutorial da UnisulVirtual, por isso a “distância” fica caracterizada somente na modalidade de ensino que você optou para sua formação, pois na relação de aprendizagem professores e instituição estarão sempre conectados com você.

Então, sempre que sentir necessidade entre em contato; você tem à disposição diversas ferramentas e canais de acesso tais como: telefone, e-mail e o Espaço Unisul Virtual de Aprendizagem, que é o canal mais recomendado, pois tudo o que for enviado e recebido fica registrado para seu maior controle e comodidade. Nossa equipe técnica e pedagógica terá o maior prazer em lhe atender, pois sua aprendizagem é o nosso principal objetivo.

Bom estudo e sucesso!

Equipe UnisulVirtual.

Palavras dos professores



É com grande satisfação que elaboramos este material. Com ele podemos apresentar-lhes questões de maior relevância no debate filosófico. A sociedade contemporânea está resgatando comportamentos que possibilitem o cultivo de relações éticas. São frequentes as queixas sobre a falta de ética na sociedade, na política, nas organizações, tanto públicas quanto privadas, e até mesmo nos meios esportivos, culturais e religiosos. Assim, temas como os que agora você vai estudar estão na ordem do dia e constituem importantes fatores de transformação social.

Notamos que um dos campos mais carentes, no que diz respeito à aplicação da ética é o do trabalho e exercício profissional. Por esta razão, executivos e teóricos em administração de empresas voltaram a se debruçar não somente sobre questões éticas, mas passaram a valorizar a reflexão filosófica como forma de oxigenar e renovar o mundo dos negócios.

Os problemas que a sociedade vive atualmente estão intimamente ligados à falta do exercício da cidadania, do respeito aos direitos humanos mais básicos, à falta de compreensão da essência de todas as ciências e quais realmente devem ser seus objetivos e aplicações.

Portanto, a reflexão filosófica e o estudo dos importantes períodos do pensamento ocidental podem auxiliar a compreender de que modo nossa cultura se estabeleceu, como construímos nossos valores e de que modo as reflexões desses pensadores alimentaram a construção de nossa sociedade tal qual ela é hoje. É certamente com este intuito que escrevemos este livro didático, de modo que possa servir não apenas como instrumento de estudo, mas possa também auxiliar no exercício da cidadania.

Bom estudo!

Caroline Izidoro Marim e José Dimas d' Avila Maciel
Monteiro



Plano de estudo

O plano de estudos visa a orientá-lo no desenvolvimento da disciplina. Ele possui elementos que o ajudarão a conhecer o contexto da disciplina e a organizar o seu tempo de estudos.

O processo de ensino e aprendizagem na UnisulVirtual leva em conta instrumentos que se articulam e se complementam, portanto, a construção de competências se dá sobre a articulação de metodologias e por meio das diversas formas de ação/mediação.

São elementos desse processo:

- o livro didático;
- o Espaço UnisulVirtual de Aprendizagem (EVA);
- as atividades de avaliação (a distância, presenciais e de autoavaliação);
- o Sistema Tutorial.

Ementa

O que é filosofia. Teses centrais da filosofia Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Filosofia e demais formas de conhecimento. Filosofia e ideologia. Filosofia e cenário mundial.

Objetivos

Geral

Identificar princípios fundamentais da filosofia, em sua origem e no seu desenvolvimento histórico, com vistas a compreender e abordar criticamente questões que envolvem o homem e sua relação com os outros e o mundo, possibilitando ao acadêmico formar opinião sobre estas questões na sociedade contemporânea.

Específicos

Possibilitar ao acadêmico o exame de aspectos significativos da história da filosofia e de problemas que permeiam todas as áreas de conhecimento, tais como:

- o homem;
- o outro e o mundo;
- o conhecimento humano;
- a construção da racionalidade: seu nascimento, seu apogeu e sua decadência;
- a ética, a sociedade e a política.

Carga Horária

A carga horária total da disciplina é 60 horas-aula.

Conteúdo programático/objetivos

Veja, a seguir, as unidades que compõem o livro didático desta disciplina e os seus respectivos objetivos. Estes se referem aos resultados que você deverá alcançar ao final de uma etapa de estudo. Os objetivos de cada unidade definem o conjunto de conhecimentos que você deverá possuir para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à sua formação.

Unidades de estudo: 5

Unidade 1 - A investigação filosófica

Esta unidade tem a finalidade de abordar conteúdos que o ajudem a compreender o papel e a abrangência da atividade reflexiva contextualizando as formas de conhecimento humano, tais como, o mito, a filosofia e a ciência. Possibilitar a compreensão das relações do homem com a vida e o mundo: a ação, a sociedade, a arte, a ciência etc.

Unidade 2 - O pensamento grego

Esta unidade irá proporcionar condições para que você possa conhecer como se deu o surgimento da filosofia; conhecer o pensamento dos filósofos do período homérico, clássico e helenístico; e compreender como a filosofia grega nos influencia até os dias de hoje.

Unidade 3 - O pensamento medieval

A unidade 3 vai mostrar a você a grande mudança ocorrida no período Medieval e o pensamento de dois importantes representantes da época: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. É importante entender, nesta unidade, a influência da Igreja e da Teologia cristã no pensamento medieval.

Unidade 4 - O pensamento moderno

Na unidade 4, você conhecerá dois momentos históricos importantes do pensamento moderno: o Renascimento e o Iluminismo e os principais pensadores do período. Você irá, também, compreender as características do Racionalismo e do Empirismo no pensamento moderno e conhecerá as duas principais correntes éticas normativas do período.


Unidade 5 - O pensamento contemporâneo

Na unidade 5, você irá reconhecer a crise da ciência, isto é, a crise da verdade; como a descoberta de novos paradigmas no início do Século XX revolucionou a ciência, questionando a ideia de uma verdade absoluta; vai refletir sobre o papel das ideologias; sobre a alienação que acontece no mundo do trabalho e nas relações sociais; e como se estabelece a globalização. Esta unidade também proporcionará um panorama geral sobre as principais aplicações da ética em nossa sociedade atualmente.



Agenda de atividades/Cronograma

- Verifique com atenção o EVA, organize-se para acessar periodicamente a sala da disciplina. O sucesso nos seus estudos depende da priorização do tempo para a leitura, da realização de análises e sínteses do conteúdo e da interação com os seus colegas e professor.
- Não perca os prazos das atividades. Registre no espaço a seguir as datas com base no cronograma da disciplina disponibilizado no EVA.
- Use o quadro para agendar e programar as atividades relativas ao desenvolvimento da disciplina.

Atividades obrigatórias	
Demais atividades (registro pessoal)	

UNIDADE 1

A investigação filosófica

1



Objetivos de aprendizagem

- Compreender o papel e a abrangência da atividade reflexiva.
- Contextualizar as formas de conhecimento humano.
- Possibilitar a compreensão das relações do homem com a vida e o mundo: a ação, a sociedade, a arte, a ciência, etc.
- Reconhecer a trajetória do “senso comum” ao mito, a filosofia, a ciência, a arte e a religião.



Seções de estudo

- Seção 1** O desejo de compreender o mundo
- Seção 2** O ato de pensar
- Seção 3** As formas de conhecimento humano



Para início de estudo



Figura 1.1 - Cocar dos tapirapés do Mato Grosso
Fonte: Locatelli (2011).

Você deve estar pensando: “Por que a imagem de um adorno indígena aparece logo no início de um livro sobre filosofia? Será que é para enfeitar? Talvez porque a imagem seja bela? Mas a filosofia é um estudo sério e não poderia se preocupar com tais detalhes, ou poderia?”

Se pensou assim, não se preocupe, você está participando da investigação filosófica e ela está apenas começando.

Que tal iniciar a leitura desta unidade para percorrer os passos da Filosofia?

Bons estudos!

Seção 1 - O desejo de compreender o mundo

Todos os homens desejam por natureza conhecer.
Aristóteles



Todos os homens desejam conhecer?

O que é o conhecimento? Por que os seres humanos procuram compreender a si mesmos, as coisas, o mundo?

Há um desejo natural que os impulsiona a dar sentido às coisas, a conhecer?

Estas questões compõem o itinerário da atividade reflexiva.

Vamos investigar?

Conhecimento e informação: lados da mesma moeda?

É comum a consideração de que o ser humano se relaciona com o mundo a sua volta e com ele mesmo por meio do conhecimento. Este é, num sentido primário, o resultado da relação entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido.



Vamos retornar às perguntas iniciais a respeito do adorno indígena.

Primeiramente, a imagem nos traz um estado de plenitude estético, isto é, de contemplação do belo, da beleza do arranjo e das cores do cocar. Contudo, muitos adornos indígenas guardam conhecimentos milenares dos povos indígenas, como, por exemplo, os Parikos, que são adornos comuns entre os índios bororós, do Mato Grosso, que representam uma forma de linguagem visual capaz de expressar dados qualitativos e

quantitativos. Ou seja, não são apenas adornos, são um modo de representar dados matemáticos. A este respeito nos diz Ubiratan D'Ambrosio (2005, p.9):

O conhecimento é criado e organizado intelectualmente pelo indivíduo em resposta a um ambiente natural, cultural e social; depois de ter sido difundido pela comunicação, ele é organizado socialmente, tornando-se assim parte integrante de uma comunidade (uma cultura), essencialmente por reconhecer e explicar fatos e fenômenos. Observadores, cronistas, teóricos, sábios, universitários e “guardiões do poder” se apropriam desses conhecimentos, classificam-nos e dão-lhes uma etiqueta, antes de transmiti-los e difundi-los. Assim nascem as formas estruturadas de conhecimento: a língua, a religião, a culinária, a medicina, as vestimentas, os valores, a ciência, a matemática, todas interdependentes e em resposta à percepção da realidade desse ambiente. Esse conhecimento, “congelado” em estruturas coerentes, é transmitido e difundido pelos agentes, em particular, os professores.

Assim, você irá conhecer como inúmeros pensadores de diversas épocas sistematizaram suas ideias e propuseram ao mundo novos modos de viver e de pensar.

De modo prático, por exemplo, você que inicia uma investigação nesta disciplina é o **sujeito** (do conhecimento) e os temas da Filosofia são o **objeto** a ser conhecido. Desta relação, sujeito/objeto, você vai adquirir um determinado conhecimento. Porém, não é tão simples assim. Embora você tenha ouvido e lido que vivemos na era do conhecimento, é importante ter cuidado para refletir com precisão.

Um bom exemplo dessa consideração é a internet. Por meio dela, barreiras foram quebradas, fronteiras ultrapassadas, distâncias diminuídas e milhares de informações chegaram e chegam até nós em milésimos de segundo. Podem-se conseguir informações sobre tudo: cultura e costumes de países; a última receita de um grande *chef*; as mais novas tecnologias para a construção civil, para os sistemas de informação, para a preservação ambiental; até mesmo sobre o melhor programa para você e seus amigos numa

noite chuvosa, entre outros. Tudo isso é muito bom. Contudo, repare que possuir muitas informações ou ter acesso rápido a elas não garante, necessariamente, conhecimento, pois **informação e conhecimento não são sinônimos**.

A **informação** se compõe de dados que, se não são depurados, analisados, refletidos, vão permanecer apenas como informação: fria, insípida, impessoal. Para que haja **conhecimento**, é necessário transformar a informação em algo que modifica o comportamento do homem, que melhore significativamente sua vida, que promova uma reflexão contínua sobre sua condição diante do mundo, dos outros e de si mesmo.

Deste modo, o estudo nesta disciplina constituir-se-á em conhecimento na medida em que os assuntos investigados modifiquem o modo como você **vê as coisas**, pois, ao conhecermos alguma coisa, apropriamo-nos dela de modo particular, único. Por isto, talvez, o conhecimento seja uma eterna novidade, e o que sobra, apenas um conjunto de informações. Portanto, se o conhecimento pode ser entendido como o resultado sofisticado da relação entre sujeito e objeto, como esta relação se inicia?

Ver: conhecer, compreender. Como você investigará na seção 3, há várias formas de ver as coisas, a realidade, o mundo.

Perguntar não ofende!

Você já deve ter se sentido bastante incomodado com aquela criança que, repentina e repetidamente pergunta: “Por quê?” Se a resposta for porque sim ou porque não, certamente você ouvirá um sonoro “porque sim não é resposta” ou “porque não não é resposta”.



Por que os cangurus vivem na Austrália?

De fato, é um incômodo e até um despropósito, pois o que tem a ver perguntar sobre coisas tão ‘banais’?

Sim, quando se responde porque sim ou porque não geralmente é a saída para aquilo que nunca deveria ter sido perguntado. Mas por quê? Porque é banal, óbvio, ora essa! Qual é o propósito de se perder tempo com perguntas se as coisas sempre foram assim? É banal! Por que o sol nasce todos os dias? Porque sim; sempre foi assim! Por que existem guerras? Porque sempre existiram; é banal! Por que existe a morte? Porque sim; sempre existiu!

Mas, será assim mesmo?

Quem pergunta quer respostas, mesmo para as mais simples. Geralmente, elas encobrem e desvelam uma maneira de o ser humano se relacionar com as coisas do dia a dia, com os outros, com o mundo e, principalmente, com ele mesmo. Há um desejo, natural e incontrolável, de dar respostas e sentido às coisas, numa tentativa de conhecer e de explicar o mundo.

Aristóteles, filósofo grego do século IV a.C., considerava que o desejo de conhecer, saber, dava-se, inicialmente, pelo prazer que os nossos sentidos proporcionavam, principalmente a visão, pois, de todos os sentidos, é o que capta com maior intensidade as diferenças, até se chegar ao grau mais elevado do conhecimento que era a filosofia primeira, ou seja, o conhecimento teórico, aquele que explica o porquê das coisas e não apenas o que são (Cf. *Metafísica*, Livro I).

Portanto, a busca pelo conhecimento pode ser tomada como um caminho para dar sentido às coisas, tirá-las do caos, da desordem, e dar-lhes a garantia, talvez ilusória, de que é possível dar conta da sua existência e da realidade que o cerca. Mas, também, pode indicar que este caminho se concentra na necessidade do ser humano em criar mecanismos de sobrevivência em que tal busca é um destes mecanismos.

Seção 2 - O ato de pensar

Uma vida sem investigação não merece ser vivida.

Sócrates

Podemos compreender o mundo?

Sócrates, filósofo grego, dizia aos atenienses que ele não era sábio. Dizia que ele era apenas como uma parteira que ajuda a criança a nascer. Seu papel era extrair o verdadeiro conhecimento do seu interlocutor e não conhecer as coisas. Com essa atitude, Sócrates demonstrava sua sabedoria, pois, ao admitir sua ignorância, mostrava que, quanto mais aprendemos, menos sabemos sobre a vida e o mundo. Então, esta é a atitude dos filósofos diante do saber, mas não foi sempre assim.

Desde os primórdios da humanidade, o homem procura entender o mundo que o rodeia. Imagine-se vivendo no século VII a.C., na Grécia, em um mundo onde não existiam máquinas, onde sequer a moeda ainda tinha sido inventada, onde a natureza era voraz e exuberante! Imaginou?

Vivendo naquele período, de que forma você explicaria os raios que surgiam dos céus?

Possivelmente, diria que é um fenômeno natural, ou, talvez, que os deuses estavam bravos e enviavam raios para acertar os humanos rebeldes. Quem sabe?

Todas as explicações que procuramos para compreender o que existe ao nosso redor são expressões de nossa necessidade de compreender o mundo a fim de viver melhor e sobreviver. E essa necessidade é tão antiga quanto a existência do ser humano.

Primeiro os homens expressavam seus sentimentos e desejos por meio das inscrições rupestres, ou em pinturas nas cavernas, ou através de movimentos - linguagem corporal. Com o tempo, foram diversificando sua linguagem e passaram a criar símbolos para expressar sua compreensão do mundo, até que os alfabetos foram criados e inúmeras palavras possibilitaram o surgimento de um pensamento que não era apenas expresso oralmente, mas que

criava a possibilidade de armazenamento, de construção de uma história escrita que nos chega até os dias de hoje.

Veremos na seção 3, quais foram as formas criadas pelo homem para expressar o mundo que o rodeava. Mas, o que sempre possibilitou e possibilitará esta compreensão?



Por que pensar?

Como apontamos acima, a necessidade de compreender o mundo nos guia rumo ao conhecimento. Quando pensamos sobre o mundo, fazemos um retorno a nós mesmos. Por isto, Sócrates dizia: “Conheça a ti mesmo”. É, portanto, por meio desse ato “humano” que o homem pensa e se conhece. Mas o ser humano também é um animal e se relaciona com o mundo e com os outros por meio de seus desejos, surgindo a necessidade de criar uma linguagem para compartilhar esta compreensão de si mesmo e do mundo. Daí a **reflexão** voltar-se para as relações que estabelecemos neste mundo.

O ato de pensar pode ser organizado, de acordo com Chauí (1997, p. 15), em três grandes conjuntos de questões. Acompanhe-as no quadro a seguir:

1. Por que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos e fazemos o que fazemos? Isto é, quais os **motivos**, as **razões** e as **causas** para pensarmos o que pensamos, dizermos o que dizemos, fazermos o que fazemos?
2. O que queremos pensar quando pensamos, o que queremos dizer quando falamos, o que queremos fazer quando agimos? Isto é, qual é o **conteúdo** ou o **sentido** do que pensamos, dizemos ou fazemos?
3. Para que pensamos o que pensamos, dizemos o que dizemos, fazemos o que fazemos? Isto é, qual é a intenção ou a finalidade do que pensamos, dizemos e fazemos?

Reflexão significa, segundo Chauí, “movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo” (1997, p. 14).

Essas questões tratam do pensar, do agir e do falar, atividades que se relacionam com as perguntas: O que é? Como é? Por que é?

Perguntas que fazemos desde o nosso nascimento até a nossa morte. Assim, a reflexão é característica de qualquer ser humano, dotado de uma faculdade racional de investigação. Mas existem outras questões que podem ser formuladas às quais chamamos de reflexão filosófica. São elas: Por quê? O quê? Para quê?

Essas questões procuram responder sobre nossa capacidade e a finalidade de conhecer e agir.



Confuso?

Não se preocupe! A filosofia se preocupa em pensar sobre essas questões. Vamos aproveitar e continuar esta viagem maravilhosa ao mundo do saber. Sigamos em frente!

Seção 3 - As formas de conhecimento humano

Sei que nada sei.
Sócrates

Conhecer implica apropriar-se de algo que modifica nosso comportamento diante da vida, do mundo, de nós mesmos. Contudo, não se vê o mundo por um ângulo apenas; ele pode ser visto por diversas **lentes**, com qualidades e estruturas próprias. Tais lentes indicam a possibilidade de um objeto, por exemplo, o mundo, ser apreendido de vários modos, ou seja, não se conhece o mundo apenas pela reflexão rigorosa, ou pelos sentidos, ou pela experiência vivida por cada um de nós, mas também pelas artes, pelas ciências, pelo mito, pela religião etc.

Estas são formas de conhecimento e se constituem em possibilidades, legítimas, de Ver o mundo. Nem melhores nem piores, apenas diferentes **formas de conhecimento**.

Esta consideração não é consensual. É comum encontrar nos manuais de Filosofia a tendência de separar o conhecimento humano em fases pré-reflexiva e reflexiva, com mito e religião de um lado e filosofia e ciência de outro. Consideramos que esta separação é desnecessária já que o relevante, neste estudo, é contextualizar as formas de conhecimento e não hierarquizá-las.

Dentre as várias formas de conhecimento (o mito, a ciência, o “senso comum”, a arte, a religião, a filosofia) três delas serão aqui destacadas: o mito, o “senso comum” e a filosofia.

O mito: entre o humano e o divino?

Etimologicamente, mito vem do termo grego *mythos*, que significa palavra e se refere a uma forma de narrativa, caracterizada pela linguagem oral.

O termo **mito**, ao longo do tempo, congregou uma variedade de sentidos, nem sempre muito próprios: refere-se a narrativas fabulosas e lendárias, algo sobrenatural e inatingível, pessoa muito importante, algo do imaginário coletivo de um determinado povo ou cultura, conjunto de crenças, algo fantasioso etc.

Dessa variedade, pode-se concluir, ao menos, que o mito não é coisa do passado nem de “sociedades atrasadas”. O mito perpassa toda a história da humanidade e se constitui, legitimamente, em um modo de explicar a realidade, o mundo, o ser humano.

Conforme Eliade (1998), o mito, desde o século passado, foi estudado pelos eruditos ocidentais não mais como uma fábula, mas como “histórias verdadeiras”. Neste sentido, o mito é vivo, dinâmico e, quando é cristalizado, a sua essência.

O mito narra uma história sagrada, um acontecimento que ocorreu num tempo primordial, os chamados **mitos de origem**. Nele, uma realidade passou a existir, tal como nas narrativas da origem do mundo na tradição mítica grega, por meio dos poemas de Homero e Hesíodo e na tradição judaico-cristã, por meio da Bíblia.

Os personagens do mito são os entes sobrenaturais e seus feitos indicam a indissociável relação entre o sagrado e o profano. Nestas narrativas, o ser humano se reconhece como tal, explica de onde veio, quem é e para onde vai. Também são modos de compreender as vicissitudes da vida, como na narrativa grega da origem dos males, ou no infatigável sofrimento de Prometeu que desafiou o todo poderoso Zeus, ou de explicar o implacável embate entre o divino e o humano, entre o sobrenatural e o natural, **como no mito de Édipo**.

Leia sobre a origem dos males no mito de Pandora; sobre o mito de Prometeu, na tragédia grega de Ésquilo Prometeu Acorrentado e sobre o mito de Édipo em Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona, de Sófocles.

São nas venturas e desventuras de Édipo que se atualiza a condição humana, a nossa condição, seres mortais, e esta atualização se dá por meio de ritos, como nos de **passagem**: o nascimento, a passagem da juventude para a idade adulta, o casamento, a morte.

Desse modo, o mito pode ser considerado como uma forma de conhecimento que dá conta das coisas, explica o mundo e consola o ser humano. Marca, mesmo que inconscientemente, nosso dia a dia; refaz um tempo primordial em que o ser humano reencontra sua identidade, sua origem. Isto não é difícil de reparar hoje: quem de nós, ocidentais, desconhece a narrativa mítica do Livro do Gênesis sobre a criação do mundo? Quem desconhece o mito de Adão e Eva e o de Pandora? Quanta influência sobre nós eles exercem? Embora o conhecimento científico possa afirmar que nunca **“existiram”**, permeiam nossa maneira de interpretar as coisas, compreender o mundo e, por isso, estão “verdadeiramente vivos”.

Filosofia: saber-se ignorante, admiração, desejo e crítica?



O que ‘saber-se ignorante’, ‘admiração’, ‘desejo’ e ‘crítica’ têm a ver com filosofia? E mais, o que a sábia e alta filosofia tem a ver com alguns sentimentos tão humanos? Afinal, de que filosofia estamos falando?

Se perguntarmos a dez pessoas o que é filosofia, é provável que recebamos nove respostas distintas.

Para iniciar esta reflexão, podemos recorrer à **etimologia** da palavra **filosofia**:

filo – derivado de filia, amizade, amor.

sofia – sabedoria.

Assim, filosofia significa **amizade, amor à sabedoria**.

Tal amizade, amor, implica, em princípio, um paradoxo porque dela se exige cumplicidade e quanto mais cumplicidade nesta amizade, neste amor, mais distante da sabedoria parece se estar.

Etimologia é a parte da gramática que trata da origem e formação das palavras.

Sócrates é um emblema deste paradoxo, pois considerou que o processo pela busca do conhecimento iniciava na medida em que o homem reconhecia a própria ignorância, ou seja, reconhecia que não **sabia**, como você pôde observar na seção anterior.

Leia o instigante diálogo de Platão - Defesa de Sócrates.



Figura 1.2 - Ilustração de Sócrates
Fonte: Reference Department of Albright Memorial Library (2001).

Daí o “sei que nada sei”, o **saber-se ignorante**. Afastar-se da opinião (*doxa*) e buscar o conhecimento seguro, “ciência” (*episteme*).

Doce rebeldia? Não, apenas a constatação silenciosa de que o ser humano é o artífice desta sabedoria, aquele que é capaz, ainda que diante de seus inesgotáveis limites, de buscá-la, erigi-la, mesmo que jamais se possa alcançá-la e para saber-se ignorante é preciso ao menos saber uma coisa: que não se sabe!



O que move o homem para o conhecimento?

Segundo Aristóteles, **o desejo**. Segundo Platão, **o amor**. Ambos consideraram que a filosofia inicia pela **admiração**, pelo espanto. Um discurso claro, sem ambiguidades, diante do mundo que se revelava. Admiração diante do banal, do óbvio... Primeiramente diante das coisas mais simples, como a chuva, para perguntar o que é? Depois, avançando para questões mais complexas, como as mudanças da lua, do sol, das estrelas: o que é o que é? Por que é? A filosofia, segundo esta perspectiva, põe o ser humano diante do comum, do banal, de modo admirado, espantado.

As perguntas vão se estabelecendo com tanta intensidade que as respostas tornam-se, neste processo, secundárias. Como bem aponta Guiraldelli (2003), “tudo com o qual estamos acostumados, fica sob suspeita, sob o crivo de uma sentença indignada, e então deixamos de nos ver acostumados com as coisas que até então estávamos acostumados!” É pôr-se em atitude crítica diante do que é banal, óbvio. A filosofia como **crítica** tem seu clímax com o pensamento de Kant, mas uma crítica peculiar.

Apresentada nas três críticas de Kant: Crítica da Razão Pura, Crítica do Juízo e Crítica da Razão Prática. Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, um dos pensadores mais influentes dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrado, em 22 de abril de 1724. Não casou nem teve filhos, falecendo em 1804 aos 80 anos. Kant afirmava que o negócio da filosofia é responder a três questões: O que sei? O que devo fazer? O que devo esperar? No entanto, as respostas para a segunda e terceira perguntas dependem da resposta para a primeira: nosso dever e nosso destino podem ser determinados somente depois de um profundo estudo do conhecimento humano.

Kant apontou que o papel da filosofia era pôr a razão em um tribunal. Neste, a razão seria réu e juiz, ou seja, a razão como crítica de si mesma. Conforme Guiraldeli Jr. (2003), neste contexto, as questões centravam-se no problema do conhecimento, especificamente nas condições do conhecimento e das normas, ou seja, os limites da razão tanto para a produção do saber quanto para a delimitação das normas de conduta.

Mesmo diante desta “polifonia da razão”, a filosofia, como forma de conhecimento, é marcada, definitivamente, pela **admiração** diante do que é, e do que não sei, e do que eu preciso investigar, perguntar; pelo **saber-se ignorante** e pelo **desejo** de conhecer, que leva o ser humano a examinar saberes constituídos, sistematizar discursos, refletir sobre problemas comuns e complexos, **criticar** a própria possibilidade do conhecimento e buscar compreender e explicar a si mesmo e o mundo que o cerca, através do **logos**, da razão.

Logos: vocábulo grego que significa palavra, discurso sistematizado.

A ciência: método, universalidade e experimentação?

A referência mais comum à ciência é aquela que a considera um **conhecimento provado**. Todo conhecimento é derivado daquilo que pode ser observado e **experimentado** empiricamente, por meio de rigoroso **método**, e ter validade **universal**. Depreende-se desta consideração que a ciência é objetiva, portanto, desprovida



Figura 1.3 - Pesquisador em um laboratório químico: imagem prototípica da ciência
Fonte: Medfarm Trening (2011).

de qualquer elemento subjetivo, mágico, religioso, mítico e, também, por que não, filosófico. Contudo, esta referência é apenas a mais comum e não deve servir como o único parâmetro para esta discussão.

Aquilo que chamamos de ciência tem suas raízes na filosofia grega. A busca pelo conhecimento seguro (*episteme*), pela verdade, ocupou boa parte dos pensadores deste período, que se opuseram em parte ao conhecimento mítico, mágico e sensorial como fonte de *episteme* e buscavam na observação os elementos primordiais e causais para explicar o mundo.

Mas, foi no século XVII, com os sucessos empreendidos pelos experimentos de Galileu e Newton, principalmente, que aquela concepção de ciência tornou-se popular (CHALMERS, 1999).

Assim, a ciência moderna constituiu-se como uma forma de conhecimento da natureza, do real, dos fenômenos, baseada em um método seguro, objetividade empírica e universalidade.

Deste modo, o conhecimento científico tornou-se sinônimo de conhecimento “verdadeiro” e uma forma legítima de explicar a realidade das coisas, pois, para todo fato existe uma causa que pode ser observada, mensurada, definida e universalizada.

Senso comum: comum por quê?

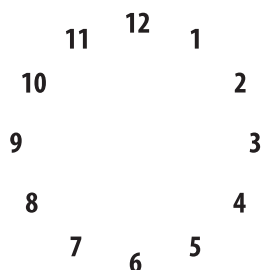
Geralmente considera-se “senso comum” o conjunto de crenças, valores e opiniões aceitos num determinado grupo social. Por conta disso, o termo “senso comum”, por si só, é carregado de preconceitos. Tende-se a considerá-lo como algo desprovido de valor significativo, pouca relevância para o conhecimento. Assim, não é incomum ouvir dizer que determinada explicação sobre alguma coisa é carente de fundamentação, método e objetividade e, por isso, não deve ser levada a sério.

Problema 2

Organize com cartas de baralho ou em uma folha de papel o relógio que se segue:

O problema a ser resolvido é o seguinte:

(Fazer com um amigo ou parente. Primeiramente tente solucionar o problema, depois olhe a solução no final e faça com um amigo.)



Escolha uma hora, qualquer uma. Mantenha-a em segredo. Eu começarei a bater sobre as cartas (horas), pausadamente. A cada batida minha você deverá contar, mentalmente, em silêncio, até 20, a partir do número escolhido. Assim, se você tiver escolhido 4, quando eu der a 1ª batida você contará 5; na 2ª batida você contará 6, e assim sucessivamente, até 20. Quando você contar 20, eu estarei batendo na carta que você escolheu. E você terá de me dizer “acertou”. E isso porque, embora eu acerte sempre, eu não sei quando acerto.

Você terá de acreditar em mim. Eu acerto sempre. Não há erros. O problema é: como é possível que isso aconteça? Os dados que lhe forneci são necessários e suficientes para você resolver o enigma. Tente resolver. Mas proceda logicamente. Não há truques. E explique a seguir como você procedeu.

Questões envolvidas na solução do Problema 1

1. Se uma pessoa não sabe coisa alguma, só lhe resta chorar e esperar que alguém pare para ajudá-la. Confesso, entretanto, que não conheço tal pessoa. Qualquer um terá a ideia de abrir a tampa do motor, ver se há algum fio solto, dar algumas batidinhas nas peças. Este comportamento revela muita coisa. A pessoa sabe que o motor funciona porque há canos por onde circula a gasolina, canos que podem ficar entupidos. Caso contrário suas batidinhas não teriam razão de ser. Ela sabe também que a eletricidade tem de fluir, que isto não ocorre quando fios estão desligados ou arrebitados. Essa pessoa age da forma como age porque dispõe de um modelo do motor, muito embora extremamente rudimentar e impreciso. E o seu modelo é formado por canos por onde a gasolina deve fluir e que ficam eventualmente entupidos, e fios por onde a eletricidade deve passar e que são acidentalmente desligados. Assim, quando ela busca fios soltos e dá suas batidinhas no motor, ela está agindo de forma inteligente, a partir do modelo de que dispõe.

E se um **azande** estivesse dirigindo o carro? Que faria ele?

Provavelmente procuraria o responsável pela feitiçaria. O seu modelo para o funcionamento do motor seria outro.

2. Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. O que não é problemático não é pensado. Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entra lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos – o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que “pensamento é doença dos olhos”. É verdade, mas nem toda. O mais certo seria “pensamento é doença do corpo”.

A gente pensa porque as coisas não vão bem – alguma coisa incomoda. Quando tudo vai bem, a gente não pensa, mas simplesmente goza e usufrui...

Membro da tribo dos azandes, que habitam o sudoeste da África e são conhecidos por praticarem bruxaria.

3. Todo pensamento começa com um problema.

Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência.

Não é curioso que os nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? O que se testa nos vestibulares, e o que os cursinhos ensinam, não é simplesmente a capacidade para dar respostas? Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno.

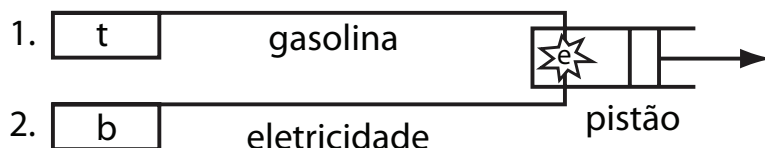
4. Qual é o problema?

O carro parou. Você deve descobrir o que está errado.

Mas o que é isto?

Você sabe que o automóvel, tal como foi planejado, é uma máquina ideal que funciona perfeitamente. Antes de ser transformada em peças, engrenagens, tubos, parafusos, ela foi **construída idealmente**, na imaginação, por pessoas que foram capazes de simular o real. Esta é a grande função e o poder mágico do pensamento: **ele pode simular o real**, antes que as coisas aconteçam. Acontece que neste modelo ideal do automóvel não há defeitos. Os defeitos aparecem quando a máquina real se desvia do plano ideal. Ora, o seu problema é fazer com que o carro ande novamente, isto é, fazer com que ele funcione conforme foi idealmente planejado. Isto significa que você só pode resolver o seu problema se for capaz de reconstruir, idealmente, o plano da máquina. A partir deste modelo você poderá inspecionar, mentalmente, os possíveis defeitos no funcionamento do auto.

Vamos construir um modelo muito simplificado. Você sabe que o motor funciona em decorrência de uma explosão numa câmara fechada. Esta explosão depende de pelo menos dois fatores: combustível e eletricidade. A explosão produz pressão. A pressão faz o carro andar. Você já sabe então: sem gasolina, motor parado; sem eletricidade, motor parado. Você já tem aí dois circuitos a serem explorados.



No circuito 1, a gasolina deve sair do tanque **t** e chegar até a câmara onde se dá a explosão **e**, em virtude da faísca elétrica. No circuito 2, a eletricidade deve ir da bateria **b** até a mesma câmara onde se dá a explosão **e**.

O modelo do motor lhe permite levantar três hipóteses:

Hipótese 1: falta gasolina.

Hipótese 2: falta eletricidade.

Hipótese 3: faltam gasolina e eletricidade.

Em qualquer um destes casos o carro para. Agora você vai fazer aquilo que os cientistas chamam de pesquisa: testar as suas hipóteses, isto é, verificar, na prática, quais das suas construções mentais do defeito é a verdadeira.

5. Como é que você procedeu?

- Em primeiro lugar você tomou consciência do problema. Começou a pensar.
- Em segundo lugar construiu um modelo ideal da máquina. Note que os bons mecânicos fazem isto automaticamente, **sem pensar**. Todos fazemos o mesmo, em áreas que dominamos. Quando alguém diz “nós vai”, sentimos logo um arrepio. Por quê? Por que esta maneira de falar contraria o modelo ideal da linguagem que está presente, de forma inconsciente, em nossas mentes, mesmo que não tenhamos estudado gramática. Este modelo ideal é o plano geral da coisa.
- Em terceiro lugar você elaborou hipóteses sobre o defeito. Hipóteses são **simulações** ideais das possíveis causas do enguiço do motor.
- Finalmente você testou as suas hipóteses. Por meio deste procedimento você descobrirá **quem é o criminoso**, qual a causa do defeito.

6. Este é o caminho que normalmente seguimos na ciência. É assim que procede um médico, ao tentar fazer um diagnóstico. O sintoma (sentido pelo paciente ou detectado pelo exame) é o enguiço a ser corrigido, o crime a ser desvendado. Mas o médico nada poderá fazer se não tiver, na cabeça, um plano ideal de como funciona o organismo. Antigamente, quando uma pessoa sentia uma dor de barriga muito forte, a primeira coisa que se fazia era dar um purgante bem forte. Que modelo dos intestinos se encontra por detrás desta prática? Intestinos = tubulação.

Tubulações podem ficar entupidas. Conclusão: antes de mais nada é necessário nos certificarmos de que toda a canalização está desobstruída. Daí a aplicação do purgante.

Qualquer prática curativa, da “comadre”, curandeiro, ao médico “classe A”, implica o uso de modelos como pré-requisito para o diagnóstico.

Questões envolvidas na solução do Problema 2

1. Chegamos ao truque do baralho. Se você pôs a sua imaginação a funcionar, é provável que já tenha a resposta. Lembre-se de que a pessoa que o inventou não teve o benefício do enunciado do problema e da realização prática do truque, como você. Ela teve de criá-lo a partir de sua imaginação criadora.

É claro que você só se esforçará para decifrar o enigma se acreditar que ele se constrói sobre uma ordem, ordem que pode ser descoberta racionalmente.

2. Para ajudar, vou representar a execução do truque.

A letra V representa a contagem silenciosa que você fará.

O número entre parênteses, depois de V, é a hora que você escolheu.

Lembre-se de que eu a ignoro.

A letra E representa os números (horas, cartas) em que vou bater.

Primeiro truque:

E	4	7	8	3	9	5	1	12	11	10	9	8	7	6	5	4
								(dama)	(valete)							
V (4)	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20

Quando você contou 20 eu estava batendo, sem saber, no número escolhido: 4. De novo?

E	6	9	1	4	2	7	4	12	11
V (11)	12	13	14	15	16	17	18	19	20

Uma vez mais?

E	1	3	5	7	9	11	2	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
V (1)	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20

3. Estes três exemplos são suficientes. Observe os quadros acima. Procure as suas regularidades.

Você notou que, a partir de uma certa batida, eu sempre bato nas horas de forma regular. decrescente? Até este momento as batidas foram feitas a esmo, sem padrão algum ou ordem. O seu objetivo é despistar, confundir.

Você sabe que não sou adivinho.

Sabe que eu disse que acertaria sempre, qualquer que fosse o número escolhido. E isto, sem o saber, mesmo que vários números sejam escolhidos ao mesmo tempo.

Tal fato não pode ser obra do acaso. Qual é o modelo para que eu acerte sempre?

Comece a pensar do fim, da condição para que o truque funcione. Eu só posso acertar sempre, sem saber, se unia certa condição existir para todas as minhas batidas, menos as 7 primeiras.

Esta condição é muito simples. Basta que o número da minha batida, somado ao número que você escolheu, seja sempre 20. É lógico. Se eu conseguir uma forma de fazer com que isto aconteça sempre, eu acertarei sempre.

Imaginemos que você escolhe 12, que é o maior número do relógio. Por quantas batidas minhas, no mínimo, não há formas de você chegar até 20, na sua contagem? Por 7 batidas você não poderá chegar a 20, porque 12 e 7 são 19. Mas, e se você tiver escolhido 12? Minha 8ª batida deverá ser no 12, porque $12 + 8 = 20$. Se você tiver escolhido 11, na minha 9ª batida você contará 20, por isto minha 9ª batida será no 11. Vou representar o truque, **relacionando o número de ordem da minha batida com a hora em que eu bato**:

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º	13º	14º	15º	16º	17º	18º	19º	20º
?	?	?	?	?	?	?	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	

O número de ordem somado ao valor da carta dá sempre 20. Você entendeu? Não? Então faça o truque mecanicamente com os amigos.

A receita é assim:

- da 1ª até a 7ª batida, bata a esmo, em qualquer número;
- na 8ª batida, aponte para o 12 (dama);
- a partir daí vá, sucessivamente, sem saltos, apontando para o 11, o 10, o 9... até o 1.

Você acertará sempre e sem saber quando. Por quê?

Os problemas e suas soluções foram extraídos e adaptados do seguinte livro:

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 15-19.

Como você viu acima “todo pensamento começa com um problema” (ALVES, 2000, p. 24). O importante não é separar o “senso comum” da ciência, mas perceber que eles são frutos da busca dos seres humanos de compreender o mundo e buscar uma ordem no universo que o rodeia.

Conforme Rubem Alves, ser bom em ciência e “senso comum” é saber inventar soluções, ou melhor, aquele que não delega ao outro o pensar, mas que reflete, avalia, analisa as situações cotidianas que lhe são propostas. Hoje o conhecimento confiável ficou muito restrito às Universidades e nós, muitas vezes, achamos que apenas os iniciados, isto é, os chamados doutores podem trazer novas respostas a velhos problemas. Contudo, não foi sempre assim, temos inúmeros representantes (que não passaram pela academia) em nossa história que descobriram novas soluções para velhos problemas, como, por exemplo, Leonardo Da Vinci.

Pesquise e apresente, no espaço a seguir, alguns feitos de Leonardo Da Vinci.



Síntese

Nesta unidade, você investigou alguns aspectos da atividade reflexiva, como o desejo do ser humano de compreender o mundo e o ato de pensar. Neles, você observou que o ser humano busca dar sentidos às coisas, explicar sua existência, explicar acontecimentos e, por isso, constantemente faz perguntas.

Investigou também algumas formas de conhecimento, tais como o mito, a filosofia, a ciência, o “senso comum” e observou que: **conhecer** implica apropriar-se de algo que modifica nosso comportamento diante da vida, do mundo e de nós mesmos; que as formas de conhecimento são como lentes que usamos para Ver o mundo. O mito, como expressão de uma narrativa fabulosa, pode ser caracterizado como “histórias verdadeiras”,

pois é vivo e dinâmico; a filosofia como amizade à sabedoria busca compreender as coisas através de uma “polifonia da razão” em que a admiração, o desejo, o saber-se ignorante e a crítica são emblemas desta busca; a ciência, como saber seguro, busca, através de um método rigoroso - experimentação e universalidade - dar conta do mundo; o “senso comum”, como saber comum, constitui-se numa forma legítima de explicar o mundo, nem mais nem menos.



E então, como foi o estudo desta unidade da disciplina? Uma das maneiras de se autoavaliar e sistematizar os conhecimentos produzidos até agora é realizar as atividades de autoavaliação a seguir.



Atividades de autoavaliação

- 1) Com base nos trechos dos textos a seguir, identifique as formas de conhecimento humano (“senso comum”, mito, filosofia e ciência) e explique o que as caracteriza:
 - a) “Não aceitas, como eu, raciocinar. Examina primeiramente: quem preferirá o comando e os seus temores à paz do sono, se o poder é o mesmo?”

b) "A mais elevada das ciências e superior a qualquer subordinada é, portanto, aquela que conhece aquilo em vista do qual cada coisa se deve fazer."

c) "Examine cada coisa, cada fato, cada notícia, com sabedoria, bondade e otimismo e separe o joio do trigo."

d) "É improvável que as comunidades contenham um conjunto aleatório de espécies que por acaso a invadiram; pelo contrário, parece que as interações entre as espécies permitem que algumas combinações persistam, enquanto excluem espécies que não se adequam."

- 2) Quando os mitos não deram mais conta de explicar satisfatoriamente a realidade, iniciou-se uma nova fase na história humana. A razão passou a ser o instrumento utilizado para buscar estas explicações. Surge, então, o filósofo: "o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber" (MARILENA CHAUÍ). Explique o que diferencia a filosofia do mito e de que modo os primeiros filósofos inauguram um outro olhar sobre o mundo.

- 3) Some as sentenças corretas sobre o conhecimento. (2.0 pontos)
- 01. Para Sócrates, os sentidos são fonte de conhecimento e através dele o ser humano pode alcançar o conhecimento seguro.
 - 02. Não há influência do pensamento de Sócrates em Platão.
 - 04. Sócrates critica os sofistas por terem relativizado a verdade, considerando o "homem a medida de todas as coisas".
 - 08. Para Platão, a verdade se encontra na aparência das coisas sensíveis.
 - 16. Para Rubem Alves, a ciência é uma metamorfose do "senso comum".
 - 32. No período homérico, os deuses são a referência para a explicação das coisas e não as forças naturais.

Somatório: _____

4) Segue um exemplo de como pode funcionar o “senso comum” nos cálculos matemáticos:

Um professor organizou em uma de suas turmas de 5ª série um debate sobre a noção matemática de divisão. Em um dado momento, Mário perguntou: “Como vocês fazem o cálculo 125 dividido por 8?” Enquanto alguns alunos começavam a escrever algo em seus cadernos, José, um aluno que vendia chicletes e balas em um farol, após o período de aula, contou: “Nós somos mais ou menos dez caras quase todo dia, alguns meninos e algumas meninas. Daí, dividimos assim: mais para as meninas que são mais responsáveis do que os meninos, mais para os maiores do que para os menores”. Intrigado, o professor pediu exemplos de como tinha sido feita esta divisão nos dias anteriores, ao que José respondeu: “Ah! Assim... eram 4 meninas, 1 é das pequenas; 6 meninos grandes e 2 mais ou menos pequenos. Então, nós éramos mais ou menos 12 e os chicletes eram 60. Daí foi dado metade e metade, um pouco mais para as meninas. A menina pequena ficou com 3 e as outras com 6 ou 7, eu não me lembro bem... Os meninos [...]”. Nesse momento, Mário sentiu que estava com dificuldade para fazer intervenções, sobretudo porque estava lidando com problemas genuínos de comunicação e com uma situação, dentro do contexto escolar, que levava em conta argumentos próprios de um grupo social diferenciado. (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2005).

Agora, o importante não é se ater aos cálculos do aluno José, mas explicar, por meio do que foi apresentado sobre a diferença entre “senso comum” e ciência, que há inúmeros caminhos para se chegar ao conhecimento.



Saiba mais

Sugestões de filmes para aprofundamento dos assuntos debatidos nesta unidade:

Alexandre – filme inspirado na vida de Alexandre, o Grande, um conquistador que, aos 32 anos, criou um dos maiores impérios que o mundo já viu. Lembranças da infância e a ascensão de Alexandre ao poder se desvelam lado a lado com o último dia da expansão de seu império, seu gradual declínio e a queda final.

Para aprofundar as questões abordadas nesta unidade, você poderá consultar as seguintes obras:

- Para iniciar o trabalho filosófico, é fundamental adquirir o hábito de consultar um dicionário, pois as principais ferramentas da filosofia são os conceitos, e nada melhor ou mais elaborado do que um dicionário específico da área como: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- É interessante também consultar o dicionário de mitos de um grande pesquisador brasileiro sobre o tema: BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega**. 2 volumes. Petrópolis: Vozes, 1991.
- Nesta unidade você também conheceu a grande polêmica entre ciência e “senso comum”. Em seu livro: ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981, o filósofo, psicanalista e educador nos oferece uma excelente reflexão sobre o tema.

UNIDADE 2

0 pensamento grego

2



Objetivos de aprendizagem

- Compreender o surgimento da filosofia como forma de conhecimento.
- Conhecer o pensamento dos filósofos do período homérico, clássico e helenístico.
- Perceber como a filosofia grega nos influencia até os dias de hoje.



Seções de estudo

- Seção 1** A origem da filosofia: os pré-socráticos
- Seção 2** O período clássico: Sócrates, Platão e Aristóteles
- Seção 3** O período helenístico: Epicurismo, Estoicismo e Ceticismo



Para início de estudo

A filosofia tem origem na Grécia, é parte de nossa história e possui uma história própria. Esta história, contudo, não se restringe a um espaço cronologicamente organizado que demarca o trajeto da filosofia. É mais que isso: é, também, um modo de identificar, compreender e analisar questões filosóficas que foram e são investigadas nos diversos períodos, consagrados pela tradição, e as possíveis correlações existentes entre elas.

Neste sentido, no estudo desta unidade você deverá afastar-se de juízos de valores, ou seja, não pense qual dos períodos é o mais importante, nem qual filósofo que mais se destaca, nem procure avaliar o sucesso ou fracasso de determinada concepção filosófica. O estudo desta unidade deverá levá-lo à origem e aos desdobramentos de algumas questões filosóficas, que também são nossas.



E então, pronto para viajar?

Antes de viajar pelos períodos da **história da filosofia**, acompanhe, no quadro abaixo, a disposição deles.

Tradicionalmente, são quatro os períodos da história da filosofia: antigo, medieval, moderno e contemporâneo. No quadro a seguir, eles estão ampliados, mas preservam o mesmo princípio e têm como base a divisão sugerida por Chauí (1994, p.44-48).

Períodos (Filosofia)	Alguns Filósofos do Período
Filosofia Antiga (do século VI a.C. ao século VI d.C.)	Tales, Anaximandro, Heráclito, Pitágoras, Parmênides, Demócrito, Protágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro, Pirro, Sêneca, Plotino.
Filosofia Patrística (do século I ao século VII)	Orígenes, Clemente, Santo Agostinho.
Filosofia Medieval (do século VIII ao século XIV)	Avicena, Scotus Erígena, Abelardo, Averróis, Santo Tomás de Aquino, Duns Scotus, Guilherme de Ockhan, Dante Alighieri.
Filosofia da Renascença (do século XIV ao século XVI)	Erasmus, Giordano Bruno, Maquiavel.
Filosofia Moderna (do século XVII a meados do século XVIII)	Francis Bacon, Descartes, Hobbes, Locke, Spinoza, Leibniz, Hume.

continua...

Períodos (Filosofia)	Alguns Filósofos do Período
Filosofia da Ilustração (meados do século XVIII ao começo do século XIX)	Kant, Montesquieu, Rousseau, Voltaire.
Filosofia Contemporânea (meados do século XIX até nossos dias)	Fichte, Hegel, Comte, Stuart Mill, Marx, Engels, Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Adorno, Merleau-Ponty, Habermas, Popper, Carnap.

Quadro 2.1 - Os períodos da História da Filosofia e seus principais filósofos
Fonte: Elaboração do autor (2006).



Agora que você já acompanhou a disposição dos períodos da filosofia, conheça melhor alguns deles.

Seção 1 - A origem da filosofia: os pré-socráticos

A filosofia fala grego.
Châtelet

Pode uma atividade humana identificar-se plenamente com determinada época, lugar, povo? Se você pensar em filosofia é muito provável que a resposta seja sim e a afirmação de Châtelet torna-se irretocável. Mas, por quê?



Refleta sobre essa questão e anote nas linhas a seguir, suas reflexões. Quando concluir o estudo desta unidade, volte e releia o que você escreveu. Verifique o que foi aprendido de novo com o estudo dela.

A origem da filosofia: um milagre?

A afirmação de Chatêlet nos leva a uma questão importante para alguns historiadores da filosofia: sua originalidade grega. A palavra filosofia é de origem grega e a tradição considera que a filosofia nasceu na Grécia, por volta do século VI a.C. Contudo, houve uma discussão, principalmente no século passado, sobre tal originalidade. Mas, por quê?

Para alguns, embora a filosofia seja grega, sofreu influência de outros povos, como persas e egípcios, ou seja, aquilo que se entende por filosofia ocidental teria origem no pensamento oriental. Logo, não haveria originalidade grega. Entretanto, a maioria dos historiadores, como apontou Pessanha (1987), “admite que somente com os gregos começa a audácia e a aventura expressas numa teoria”. Neste sentido, a filosofia poderia ser considerada originalmente grega. Como ela surgiu? Foi um “milagre”?



Você pode estar perguntando: milagre, aqui, significa o quê? Trata-se de a filosofia ter recebido uma mãozinha dos deuses? Ou de ter tido filiação sobrenatural? Ou, ainda, porque seu nascimento é um mistério? O que você pensa sobre essas questões?

A filosofia tem origem num complexo conjunto de variáveis que, articuladas, provocaram uma grande revolução na Grécia do século VI a.C. Estas variáveis podem ser organizadas do seguinte modo, como aponta Reale (1990, p.14-20): a arte, a religião e as condições sociopolíticas.

- **A arte:** os poemas (epopeias) de Homero, Hesíodo, Píndaro e Teôgonis constituíram grande parte do ideário grego, forjando um ambiente propício para a livre expressão (intuição e imaginação), já que eram de tradição oral e transmitidos de geração em geração.
- **A religião:** de característica politeísta (vários deuses), a religião grega não possuía uma dogmática (conjunto de verdades de revelação divina), nem livros sagrados e,

por isto, nem uma casta sacerdotal guardiã da verdade, implicando liberdade na expressão religiosa. Todo este contexto foi importante para que a filosofia não encontrasse obstáculos.

- **As condições sociopolíticas:** nos séculos VII e VI a.C., considera Reale (1990), a Grécia passou por grandes transformações. O florescimento das cidades em função do crescimento da indústria artesanal e do comércio, o que resultou em grandes centros comerciais, o aumento da população e a desconcentração do poder político, anteriormente concentrado na nobreza fundiária. Isto proporcionou um ambiente de liberdade, resultando num dos grandes pilares da cultura grega: a democracia.

Dentro deste contexto, é possível considerar que a filosofia é filha da liberdade e que, sem ela, talvez, a filosofia ficasse apenas em gestação. É neste sentido que a origem da filosofia na Grécia é um “milagre”: nenhum outro povo forjou um ambiente tão adequado para o seu nascimento. Contudo, atenção, esta concepção não é consensual. Por isto, é preciso continuar investigando.

São pensadores deste início: Tales, Anaximandro, Anaxímenes (todos de Meleto), Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, entre outros. Pela tradição, Tales é considerado o primeiro filósofo.

Período pré-socrático: apenas antes de Sócrates?

Os primeiros filósofos foram chamados, pela tradição, de **pré-socráticos** (séculos VI e V a.C.), aqueles que precederam Sócrates.

Uma das bases da filosofia deste período é a busca pelo **princípio (arque)** de todas as coisas. Este deveria sustentar a explicação do mundo, da vida... Um princípio sob o qual todas as coisas se assentariam. Mas, na tradição mítica, como vimos, também há um princípio para o universo, para a vida, para as coisas.



Então, o que há de distinto entre a tradição mítica e os primeiros filósofos?

αρχή: origem, fundamento (Pereira, Dicionário de Grego-Português, (p. 84.) Segundo Petters: “A busca da ‘substância’ básica de que são feitas todas as coisas é a mais antiga da filosofia grega e é acompanhada pelo problema com ela relacionado de qual é o processo que por sua vez faz surgir das coisas primárias as coisas secundárias.” (Termos filosóficos gregos: um léxico histórico, p. 36).

Não é complexo entender: a busca empreendida ao princípio das coisas pelos pré-socráticos é deslocada do sobrenatural para o natural, ou seja, a explicação, acerca do universo, parte da **observação da natureza**, composta, geralmente, pelos seus elementos primordiais: água, terra, ar e fogo. Estes passam à margem do divino, embora ainda motivados por ele.



No período pré-socrático são as forças naturais, as referências para a explicação das coisas e não mais os deuses.

Mas, atenção, tal deslocamento se dá de modo lento e gradual. É um processo de dessacralização. O destino dos seres humanos, antes fortemente “guiados” pelas mãos dos deuses, dá, aos poucos, lugar às observações e decisões humanas. Assim, como bem aponta Pessanha (1985), a filosofia:

Fruto da progressiva valorização da ‘medida humana’ e da laicização da cultura efetuada pelos gregos, despontou, nas colônias da Ásia Menor, uma nova mentalidade, que coordenou racionalmente os dados da experiência sensível, buscando integrá-los numa visão compreensível e globalizadora.

Escola	Filósofo	Período	Origem
Jônicos	Tales de Mileto	625-548 a.C. Aprox.	Água
	Anaximandro	610-547 a.C. Aprox.	Apeiron (ilimitado)
	Anaxímenes	585-528 a.C. Aprox.	Ar
	Pitágoras	580-497 a.C. Aprox.	Um (unidade)
	Heráclito	540-470 a.C. Aprox.	Fogo
Eleática	Parmênides	530-460 a.C. Aprox.	Princípio da não-contradição: “O ser é e não pode não-ser”.
	Anaxágoras	Séc. V a.C.	Nous (o espírito)
	Empédocles	Séc. V a.C.	Os quatro elementos (terra, ar, água e fogo)
	Demócrito	460-370 a.C. Aprox.	Átomo

Quadro 2.1 - Os períodos da História da Filosofia e seus principais filósofos
 Fonte: Elaboração do autor (2006).

Nosso objetivo não é reduzir o estudo dos pré-socráticos a uma tabela. Contudo, a complexidade e dificuldade que temos de nos deslocar para um modo de compreensão do universo, muitas vezes expresso apenas por meio de aforismos, e a dificuldade de encontrar os fragmentos de suas ideias, fez com que optássemos por apenas mostrar como há inúmeras formas de pensar a origem do universo. Ao final desta unidade, na seção Saiba mais, haverá indicações de bibliografias sobre o tema.

Seção 2 - O período clássico: Sócrates, Platão e Aristóteles

O período clássico da filosofia grega compreende partes dos séculos V e IV a.C. Nele, situa-se o que se pode chamar de ‘trinca de ases’ da filosofia antiga: Sócrates, Platão e Aristóteles. É o contexto em que as questões filosóficas deslocam-se do **problema do princípio das coisas** para o **problema ser humano**: a política, a ética, o conhecimento etc. Para os gregos, o ser humano é reconhecido como parte de uma engrenagem que movimenta o mundo e possui participação importante em seu desenvolvimento e preservação.

Ele, o ser humano, é, de certo modo, a medida para que a sociedade, cidade-estado (*polis*), esteja organizada e conduza seus cidadãos e seu povo ao bem comum. O pano de fundo desta organização é a relação entre cidade/cidadão.

Uma das imagens mais recorrentes para compreender o que representa esta relação, neste contexto, é a imagem **da embarcação**: assim como o timoneiro consegue guiar sua embarcação por rota segura, mesmo em águas turbulentas, observando a posição dos astros, que é “fixa”, os seres humanos também podem guiar a vida da cidade e sua própria vida. Ora, se há ordem no céu, deve haver ordem na cidade, deve haver leis universais que organizam a vida da sociedade e promovam o bem comum. As filosofias de Sócrates, Platão e Aristóteles passam, necessariamente, por esta perspectiva.

Por utilizar o mar em diversas atividades, as imagens envolvendo tal contexto eram comuns entre os gregos.



Deste modo, você é convidado a acompanhar agora algumas questões discutidas por esta “trinca de reis”. Vamos lá?

O homem e a *polis*: entre o bem comum e o bem privado?

O pensamento filosófico, geralmente, não é considerado a-histórico, sem pátria, nem acima do bem e do mal. Ao contrário, parece estar contextualizado, possui identidade, relaciona-se com o mundo ao qual pertence. Aliás, a filosofia é filha da sociedade, identifica-se com ela e com o ser humano. Os conceitos de sociedade e de ser humano são, por consequência, questões filosóficas. Tais questões serão abordadas a seguir.



Sócrates argumenta perante diversos ouvintes. Diante dele, da esquerda para a direita, observa-se Xenofonte de Atenas, com uniforme militar, Ésquines e Alcibiades, que, segundo um dos diálogos de Platão, estava apaixonado pelo mestre de forma nada intelectual. Abaixo, sentados, a filósofa neoplatônica Hipatia de Alexandria e o pré-socrático Parmênides de Eléia.

Figura 2.1 - **Detalhe do quadro** “A Escola de Atenas” (1511), de Rafael Sanzio
Fonte: Ribeiro Jr (2000).

Uma tese que é contrária a esta na qual os seres humanos são inclinados à vida em comunidade, é a dos contratualistas.

Desde os gregos, a relação entre cidade/cidadão, *polis*/povo, ocupou boa parte das reflexões filosóficas. Uma das questões centrais era a reflexão sobre a condição humana e uma possível natureza social do ser humano, ou seja, a questão era saber se os seres humanos eram naturalmente ou não inclinados à vida em grupo, em comunidade. **A tese que alimentou a possibilidade de serem inclinados à vida em comunidade foi sustentada por Aristóteles.**

Como notamos acima, a reflexão sobre a condição humana e a constituição da sociedade está permeada pelo conceito de estado de natureza, que tem a função de explicar a situação pré-social na qual os indivíduos existem isoladamente. Duas foram as principais concepções do estado de natureza.

1. A concepção de Hobbes (no século XVII), segundo a qual, em estado de natureza, os indivíduos vivem isolados e em luta permanente, vigorando a guerra de todos contra todos ou “o homem lobo do homem”. Neste estado, reina o medo e, principalmente, o grande medo: o da morte violenta. Para se protegerem uns dos outros, os humanos inventaram as armas e cercaram as terras que ocupavam. Essas duas atitudes são inúteis, pois sempre haverá alguém mais forte que vencerá o mais fraco e ocupará as terras cercadas. A vida não tem garantias; a posse não tem reconhecimento e, portanto, não existe; a única lei é a força do mais forte, que pode tudo enquanto tenha força para conquistar e conservar.

2. Na concepção de Rousseau (no século XVIII), em estado de natureza, os indivíduos vivem isolados pelas florestas, sobrevivendo com o que a natureza lhes dá, desconhecendo lutas e comunicando-se pelo gesto, pelo grito e pelo canto, numa língua generosa e benevolente. Esse estado de felicidade original, no qual os humanos existem sob a forma do bom selvagem inocente, termina quando alguém cerca um terreno e diz: “É meu”. A divisão entre o meu e o teu dá origem à sociedade privada.

3. John Locke e a teoria liberal – No pensamento político de Hobbes e de Rousseau, a propriedade privada não é um direito natural, mas civil. Em outras palavras, mesmo que no estado de natureza (em Hobbes) e no estado de sociedade (em Rousseau) os indivíduos se apossam de terras e bens, esta posse é o mesmo que nada, pois não existem leis para garanti-la. A propriedade privada é, portanto, um efeito do contrato social e um decreto do soberano. Esta teoria, porém, não era suficiente para a burguesia em ascensão.

De fato, embora o capitalismo estivesse em vias de consolidação e o poderio econômico da burguesia fosse incontestado, o regime político permanecia monárquico, assim como o poderio político e o prestígio social da nobreza. Para enfrentá-los em igualdade de condições, a burguesia precisava de uma teoria que lhe desse uma legitimidade tão grande ou maior do que o sangue e a hereditariedade davam à realeza e à nobreza. Esta teoria será a da propriedade privada como direito natural e sua primeira formulação coerente será feita pelo filósofo inglês Locke, no final do século XVII e início do século XVIII.

Locke parte da definição do direito natural como direito à vida, à liberdade e aos bens necessários para a conservação de ambas. Estes bens são conseguidos pelo trabalho.

O Estado existe a partir do contrato social. Tem as funções que Hobbes lhe atribui, mas sua principal finalidade é garantir o direito natural da propriedade.

Desta maneira, a burguesia se vê inteiramente legitimada perante a realeza e a nobreza e, mais do que isto, surge como superior a elas, uma vez que o burguês acredita que é proprietário graças ao seu próprio trabalho, enquanto reis e nobres são parasitas da sociedade.

O burguês não se reconhece apenas como superior social e moralmente aos nobres, mas também como superior aos pobres. De fato, se Deus fez todos os homens iguais, se a todos deu a missão de trabalhar e a todos concedeu o direito à propriedade privada, então, os pobres, isto é, os trabalhadores que não conseguem tornar-se proprietários privados, são culpados por sua condição inferior. São pobres, porque não são proprietários e são obrigados a trabalhar para outros; porque são perdulários; porque gastam o salário em vez de acumulá-lo para adquirir propriedades; ou porque são preguiçosos e não trabalham o suficiente para conseguir uma propriedade.

Se a função do Estado não é a de criar ou instituir a propriedade privada, mas de garanti-la e defendê-la contra a nobreza e os pobres, qual é o poder do soberano? (CHAUÍ. 2000, pp. 220-223).

Afirma Aristóteles na obra *Política* (1997, p.15): “o homem por natureza é um animal social”. Mas como entender isto? A natureza, segundo Aristóteles, deu ao homem a disposição para a vida em sociedade e, se todas as coisas tendem a realizar-se segundo sua natureza, pode-se concluir que ele sempre deveria conseguir realizá-la, pois é por meio desta realização que os seres humanos visam alcançar um bem, ou seja, é contra a natureza humana viver fora da sociedade. Isto indica uma relação indissociável entre o ser humano e a sociedade, entre o cidadão e a *polis* (cidade-estado).



O que é *polis*? É provável que você já tenha ouvido falar; e acabou de ver que significa “cidade-estado”. O que você sabe sobre *polis*?

Sistematize seus conhecimentos, nas linhas a seguir, antes de prosseguir na leitura desta unidade. Escreva o que sabe, sem se preocupar em estar certo ou errado.

Segundo Aristóteles,

Toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem [...] se todas as comunidades visam a algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política.

O bem a que se refere Aristóteles é o bem comum forjado na base de toda cidade, devendo promovê-lo e dar condições aos seus cidadãos de alcançá-lo. Na obra *Ética a Nicômaco* (1985), Aristóteles considera que a finalidade da ciência política é o bem do homem e é mais desejável alcançá-lo ou persegui-lo para uma

cidade do que para um único homem. Este bem do homem é a felicidade e é na cidade que o homem se realiza, se identifica, se torna feliz. É uma via de mão dupla: não há homem feliz sem a cidade o ser; não há cidade feliz sem o homem o ser. Para ajustar tal via, Aristóteles considerava que os homens deveriam ser educados para agirem de modo bom, através do hábito de ações virtuosas, que formariam seu caráter, contribuindo, desta forma, para o bem da cidade.

A afirmação de Aristóteles (1985, p. 13) pode auxiliar na compreensão de seu pensamento:

[...] não são os mais belos e os mais fortes que conquistam a coroa, mas os que competem (pois é dentre estes que hão de surgir os vencedores), também as coisas nobres e boas da vida só são alcançadas pelos que agem retamente.

Outro filósofo grego que se dedicou a investigar a relação entre homem e sociedade foi Platão. Em seu Mito da Caverna, Platão também faz uma alegoria do percurso para se atingir o bem, a sabedoria.

Este percurso não era somente de ida, pois caberia ao filósofo retornar à caverna para “governá-la”. Ela é, também, a imagem da cidade, onde muitos não sabem o que fazem, precisam ser “resgatados” da ignorância a fim de compreender seu papel na *polis*. Não há como “fugir” dela, há como melhorá-la. No diálogo *Crítion*, Platão discute as “leis da República”.

Sócrates, o que vais fazer? Levar teu projeto a cabo não implica destruir-nos completamente, uma vez que de ti dependem, para nós, as leis da República e a todo o Estado? Acreditas que um Estado pode subsistir quando as sentenças legais nele não têm força e, o que é mais grave, quando os indivíduos as desprezam e destroem? (PLATÃO, 1991, p. 109).

A possibilidade de fuga de Sócrates poria, segundo as leis, toda a cidade em perigo. Por quê? Porque cidadão e *polis* são indissociáveis, ao menos como ideal. Os interesses privados claramente confrontam-se com os interesses públicos, muitas vezes, justos. Mas, em Platão, não há dúvida, a ação isolada pode implicar prejuízo para o bem comum e, com isso, para toda a cidade.



Será que é possível viver dessa maneira?

Até agora você percebeu a relação estreita que há entre o homem e a *polis* no pensamento grego antigo, mas há uma outra preocupação que nasce com Sócrates e que acompanhará boa parte das questões filosóficas até os dias de hoje: a procura de um método para se chegar à verdade.



Figura 2.2 - Ruínas do Panteão de Atenas
Fonte: Bilgere (2010).

Você verá como cada um dos filósofos da “trinca de reis” trata desse problema do conhecimento.

Sócrates e os Sofistas

O pensamento de Sócrates (470/399 a.C.) está ordenado com base em quatro fontes principais: Platão, Xenofonte, Aristófanes e Aristóteles. Isto porque não temos escritos deste importante ateniense e não há nada de estranho nisso, já que, naquele contexto, o **diálogo** era o motor das reflexões filosóficas. É no discurso que se encontra a força e o método do pensamento socrático. Mas não é qualquer discurso. Este precisa estar fundado no exercício laborioso de investigação, no exame.

dia: através de e logos:
discurso, palavra.

O discurso, segundo o pensamento socrático, não se constitui verdadeiro por si mesmo, mas na sua correspondência aos fatos e ao uso preciso das palavras, pois nele não pode haver ambiguidade. É daí que surgiu um dos mais instigantes embates filosóficos da Grécia clássica: Sócrates X Sofistas.

Os Sofistas eram “filósofos” itinerantes, professores da aristocracia grega. Andavam de cidade em cidade ensinando a jovens a arte retórica ou a arte da persuasão para atuarem nas assembleias da *polis*, em que se discutiam os destinos da cidade.

Sócrates critica os sofistas por terem relativizado a verdade, considerando o “homem como medida de todas as coisas”. O homem como medida (*metron*) deslocaria a busca da verdade para

verdades que fossem circunstancialmente interessantes, em que não há **ordem, em que** não há **leis** universalmente válidas, em que não há um rumo seguro para guiar a embarcação.

Quem ganhou este embate? É difícil afirmar. Por um lado, Sócrates foi condenado à morte, o que aliviaria alguns dos sofistas; por outro, o pensamento de Sócrates logrou prestígio no ocidente e os sofistas ficaram com a fama de demagogos e fabricantes de ilusões.

O método que Sócrates utiliza, denominado ironia e maiêutica, tem como objetivo demonstrar por meio de perguntas precisas a fraqueza dos argumentos do interlocutor. Sócrates, por meio da ironia mostrava ao seu interlocutor as falhas de seu argumento e tinha como objetivo auxiliar o interlocutor a parir a “verdade”, isto é, chegar ao conhecimento verdadeiro. Também conhecido como maiêutica ou método da parteira.

Nos diálogos de Platão chamados “**socráticos**”, quando Sócrates é questionado pelo seu interlocutor sobre o que ele pensa sobre o tema que foi proposto, ele foge da resposta, afirmando saber que nada sabe, ou seja, que é ignorante.

Esta alegação de ignorância, na verdade, além de ser irônica, é uma lição de método; é um modo de mostrar ao interlocutor que devemos superar a linguagem comum e as concepções “vulgares” recebidas da tradição e fazer o exercício filosófico, que é o de definir precisamente os conceitos para poder se chegar ao conhecimento verdadeiro das coisas do mundo.

Outro aspecto fundamental do pensamento socrático é a introdução do debate ético, o que aparece claramente nos diálogos platônicos nos quais Sócrates é o interlocutor e que sempre se baseia em um debate sobre um tema ético, como no diálogo Mênon sobre a virtude.

Sócrates provocava os atenienses estimulando-os a questionar, através dos mitos, os valores passados pelas gerações anteriores e mostrava como é fundamental questioná-los e conhecer por que devemos aceitá-los como corretos.

Vá até o fim desta unidade e na seção Saiba mais conheça um diálogo socrático de Platão intitulado Mênon.

Acompanhe a seguir, a diferença entre Ética e Moral.

O termo ética vem da palavra grega *ethos* e pode ter dois significados, pois na língua grega existem duas vogais para nossa vogal “e”, a vogal *epsilon* que é breve e a vogal *eta* que é longa. Por isto, *ethos* com a vogal longa, significa costumes e com a vogal breve, caráter, isto é, temperamento ou modo de ser de um sujeito.

Quando definimos *ethos* por costume, esta definição é equivalente à moral que vem do latim *mores* que também significa costume. Portanto, neste caso, moral e ética tratam da mesma questão, dos costumes de um determinado grupo ou sociedade, dos valores que elegemos coletivamente como corretos.

Mas ética também é definida como modo de ser ou caráter, mostrando seu caráter individual, no qual o sujeito admite como seus os valores aceitos por sua sociedade, pois entende seu significado e sabe qual a importância de agir de acordo com eles. Assim, pode-se dizer que ele realmente é virtuoso.

Ética, como você viu no quadro acima, difere de moral, pois chamamos de moral, os costumes que são adquiridos por hábito, dos quais o sujeito não tem consciência do significado. Isto não acontece com o sujeito ético, que sabe e conhece porque age de acordo com um determinado valor ou princípio. Assim, a diferença entre agir de acordo com os valores adquiridos apenas por hábito, por meio da moral de nosso grupo e o verdadeiro exercício ético, ou seja, a reflexão sobre os valores que elegemos como corretos, é o exemplo de por que é errado mentir.

No caso da mentira, podemos refletir sobre o porquê de ela ser uma regra que esperamos que seja seguida. Pensemos um pouco sobre a promessa. Qual a necessidade de ela existir?

Para que a promessa exista, você precisa ter a garantia de que possa confiar na pessoa que fez a promessa. Por isto, devemos levar em consideração que “não mentir” é uma regra que se espera que seja respeitada pela pessoa que faz a promessa. Acompanhe o exemplo no quadro a seguir.



Análise da expressão “não mentir”.

Esta frase dirige-se não apenas ao sujeito que fala, mas a todas as pessoas que devem obedecer a esta regra. Pensemos no seguinte caso: você é fiador do seu cunhado. Então, ao assinar o contrato de aluguel como fiador, você está se responsabilizando por pagar o aluguel, caso o inquilino não o faça, mas você espera que isso não aconteça, afinal o seu salário é mais baixo do que o do seu cunhado, e você confia nele. No entanto, em uma determinada ocasião, seu cunhado resolve trocar seu carro novo nacional por um importado e, por isso, deixa de pagar o aluguel (enquanto você ainda não conseguiu comprar um carro novo nacional). O que pode acontecer nesta situação? Você será obrigado a pagar os aluguéis atrasados e esperar que seu cunhado cumpra com sua dívida. E caso ele não cumpra, isso pode levar você a não acreditar mais em nenhuma promessa. Imagine se logo que você sofreu este dano moral, sua irmã, que foi largada pelo marido (aquele que trocou de carro, trocou também de mulher) pede que você seja novamente fiador, afinal você é o único parente que restou na família? E, ainda, você sabe que sua irmã dependerá da pensão do ex-marido?

Percebemos que, neste caso, não cumprir a promessa (quebrar a regra “não mentir”) faz com que tenhamos, a todo o momento, que desconfiar do outro e faz também com que cada vez mais tenhamos receio de ajudar outras pessoas, mesmo no caso em que elas realmente precisam de nossa ajuda. Logo, a mentira não pode ser uma regra, já que todas as relações, tanto pessoais como profissionais, dependem da confiança. Se você, por exemplo, não pudesse confiar que seu chefe pagará seu salário em dia, o que você faria?

Para você entender melhor, aprendemos quando crianças que não devemos mentir, mas quando atingimos a vida adulta, ou mesmo antes, a adolescência, mentimos. Então, por que existe a regra de que é errado mentir?

Há diversas maneiras de responder a esta questão. O pensador Immanuel Kant, um filósofo iluminista, apresenta uma interessante resposta sobre esta questão. Aguarde, logo você conhecerá a resposta. Agora vamos continuar nosso caminho pelo pensamento grego.

Platão e o conhecimento verdadeiro

Platão (428-347 a.C.) foi o mais importante discípulo de Sócrates. Seu pensamento influenciou parte da filosofia cristã e, juntamente com Sócrates e Aristóteles, solidificou as bases de todo o pensamento ocidental.

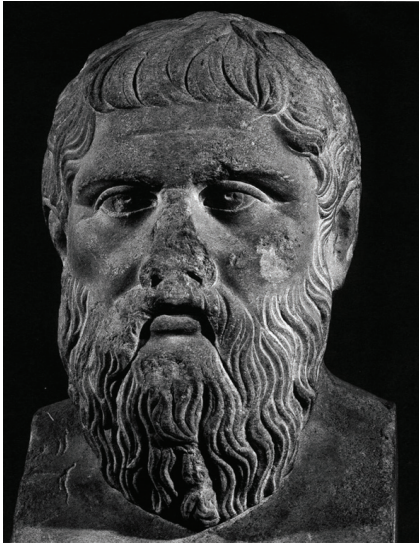


Figura 2.3 - Busto de Platão
Fonte: Baumeister (1888).

Um dos aspectos mais importantes da filosofia de Platão é o problema do conhecimento. Segundo ele, para o ser humano chegar à verdade, é preciso um exame cuidadoso acerca das coisas, pois a verdade não se encontra na aparência, mas fora das coisas sensíveis. Por isto, o trabalho infundável do filósofo, que buscava a verdade através de uma atividade racional, deixando de lado a aparência dos sentidos e dos discursos floridos. Tal atividade é expressa numa imagem muito conhecida e chamada de **“Alegoria da caverna”**, contida na primeira parte do Livro VII de *A República*. Um dos trechos exprime bem o processo de educação da alma humana, no qual o filósofo chega à verdade, à contemplação das ideias.

Leia a alegoria completa no Ambiente Virtual de Aprendizagem, que contém mais informações sobre Platão e sua filosofia.

Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e de outros objetos, refletidos na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria

capaz de contemplar o que há no céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e seu brilho de dia [...] Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar. (Cf. Livro VII, 516 a-b).

Para chegar à verdade, Platão utilizava o método dialético, no qual propunha diálogos, na maioria das vezes tendo Sócrates como interlocutor, de modo a mostrar que o diálogo oferece um método filosófico para revisar e investigar os conceitos e a essência das coisas. Os diálogos platônicos atualmente podem ser considerados, como aponta Alexandre Koiré em seu livro *Introdução à leitura de Platão*, um gênero literário especial e pouco explorado. Sua composição dramática nos permite chegar à verdade não por algo imposto a nossa alma, como fazem as teorias, mas por meio da dialética. Nos diálogos, além dos dois interlocutores que participam dele, há um terceiro que é o leitor-ouvinte que, ao invés de se deparar com teorias prontas, é convidado a tirar suas próprias conclusões.



A visão de Aristóteles de uma natureza hierarquicamente ordenada influenciou o pensamento europeu por mais de mil anos. A enciclopédia de Valmont-Bomare, do século XVIII, começa com essa ilustração emblemática.

Figura 2.3 - Aristóteles catalogando a natureza segundo o Dicionário Racional Universal de História Natural (1775)

Fonte: Valmont-Bomare (1775, p. 1).

Aristóteles e os sentidos

Aristóteles (384-322 a.C.) nasceu em Estagira (Macedônia) e foi discípulo de Platão. Seu pensamento abarcou quase todas as questões de seu tempo: física, poética, lógica, conhecimento, botânica, biologia, ética e política, entre outras.

Quanto à questão do conhecimento, Aristóteles, em parte, diferiu de seu mestre, Platão. Segundo o estagirita, os sentidos eram fonte de conhecimento e era através deles que o ser humano poderia alcançar o conhecimento seguro. Ele parte do princípio de que todos os homens desejam conhecer (cf. *Metafísica*, Livro I) e que este desejo inicia-se pelo prazer que nos fornecem os sentidos. Disto se derivam os graus de conhecimento: a memória, a experiência, a arte e a ciência. Este é o grau mais forte, o conhecimento teórico. Nele, o ser humano alcança a sabedoria, partindo dos sentidos.

Para Aristóteles, era necessário cumprir duas etapas para se chegar ao conhecimento verdadeiro, ou seja, ao conhecimento científico. Primeiramente, parte-se da experiência comum e da observação na qual, por meio da indução, isto é, partindo do particular, pode-se chegar ao universal. Depois de estabelecidas algumas premissas, deve-se procurar conhecer as causas. Assim a dedução (silogismo), isto é, partir de um universal e chegar a um particular, levaria à conclusão verdadeira, desde que as premissas também fossem verdadeiras.



Um exemplo clássico de silogismo:

Proposição 1: Sócrates é um animal.

Proposição 2: Todos os animais são mortais.

Logo, Sócrates é mortal.

Com esse exemplo, podemos notar que a indução foi utilizada para se chegar à generalização de que “todos os animais são mortais”. Parece que é difícil contestar essa afirmação, pois a provamos continuamente com a morte de amigos, parentes e também de outros animais. Contudo, a indução ainda não confere validade científica, portanto, quando chegamos à conclusão de que Sócrates é mortal, não apenas chegamos a

uma conclusão verdadeira, mas encontramos a causa da morte de Sócrates, que pode ser aplicada a todos os animais. Portanto, essa dedução pode ser aplicada a qualquer animal e se chegará à conclusão que ele é mortal.



É nisto que Aristóteles difere de Platão. Por quê?

Para Platão, como você observou, o conhecimento verdadeiro é atingido pela superação das aparências. Já Aristóteles, considerava que o conhecimento inicia-se através dos dados oferecidos pelos sentidos. Perceba que não está em questão aqui qual das teses é certa ou errada. São dois modos de compreender como se dava o conhecimento humano. Além disso, essas teses compuseram, em parte, o modo como o homem ocidental estruturou sua concepção de mundo, ou seja, queiramos ou não, somos um pouco de Platão e Aristóteles. Bem-vindo à filosofia!

Seção 3 - O período helenístico: Epicurismo, Estoicismo e Ceticismo

Todo grande império um dia sucumbe. Esta máxima tem sentido, ao menos no que se refere ao “império” grego.

No final do século IV a.C., a Grécia enfraquecida, principalmente pela Guerra do Peloponeso, viu todos os seus ideais: a democracia, as cidades-estado, a liberdade, a medida etc. desmoronarem lentamente. O auge da decadência grega foi a incapacidade de resistir à investida macedônica contra seu território. Dominada por seus vizinhos, os ideais da *polis* deram lugar às necessidades individuais. A felicidade não era mais algo a ser alcançado pela sociedade, mas estava nas mãos dos indivíduos. A filosofia também foi atingida por este contexto. A base das reflexões não se fixava mais na busca por definição do papel do cidadão na *polis*, do papel das leis, mas naquilo que cada indivíduo podia fazer para ser feliz. Eram os problemas do dia a dia que estavam em questão.



Você Sabia?

Guerra do Peloponeso

A rivalidade político-econômica entre Atenas e Esparta provocou um confronto que se estendeu de 431 a.C. a 404 a.C. Atenas, democrática, mercantil e imperialista, baseou sua força em um imenso poderio naval e agrupou seus aliados na Confederação de Delos. Esparta, conservadora, agrária e autonomista, dispôs do mais combativo Exército da Grécia e liderou a Liga do Peloponeso. A vitória de Esparta marcou o fim da hegemonia ateniense.

Uma das principais causas da guerra foi o imperialismo de Atenas, que controlava dezenas de cidades, explorando-as por meio do pagamento de tributos. Além disso, Atenas procurava implantar regimes democráticos nas cidades, provocando o temor de que pudesse unificar a Grécia em torno de si. O estopim foi um conflito comercial e marítimo entre Atenas e Corinto, aliada espartana. Durante a guerra, os camponeses atenienses refugiaram-se na cidade. A falta de higiene, somada à má alimentação, trouxeram pestes que mataram um terço da população, inclusive Péricles, o maior dirigente da democracia ateniense. Em 421 a.C., atenienses e espartanos assinaram a Paz de Nícias. Mas, em 413 a.C., voltaram a se enfrentar até o triunfo de Esparta na batalha naval de Egospótamos (404 a.C.). Atenas foi invadida e passou à condição de satélite de Esparta. A Confederação de Delos foi dissolvida. A Grécia saiu desta guerra devastada e mergulhou em um período de decadência.

O período helenístico é importante porque representou um momento no qual a cultura grega se fundiu com a cultura oriental e também consolidou a separação entre a filosofia e a ciência. A organização do Estado, do trabalho e do conhecimento se modificou dando origem a novas escolas filosóficas e novos ambientes de pesquisa, como Alexandria, por exemplo.

Três escolas destacaram-se neste período:

1. Estoicismo

Escola fundada por Zenão de Cício, próximo ao ano 300 a.C. Tinha como base o primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como vida contemplativa, e seu ideal era a busca pela *ataraxia*. Seus principais seguidores foram: Sêneca (4 a.C –65 d.C.), Epíteto (50-130 d.C.) e Marco Aurélio (121-180 d.C.).

Notamos, com a seguinte passagem de **Diógenes Laertios (VII, 40)**, uma das principais características das teorias estoicas: a explicação dos critérios de certeza, das regras de vida e de ação através de sua relação direta com a própria natureza:

Eles compararam a filosofia a um animal: os ossos e os nervos são a lógica, a carne é a mora, a alma é a física. Ou, então eles a comparam com um ovo: a casca é a lógica, o branco é a moral e o que se encontra no meio é a física. Eles a comparam ainda a um campo fértil: o muro que se encontra em volta é a lógica, o fruto é a moral, a terra ou as árvores são a física [...].

Você pode notar a importância da natureza para os estoicos, tanto que para estes pensadores, “Deus era a própria natureza”. E sendo tudo divino, a natureza era a causa de todas as coisas, portanto, tudo o que estivesse de acordo com a natureza era bom e verdadeiro. Outro aspecto fundamental do pensamento estoico é a valorização da individualidade, assim a natureza não se expressava por meio de universais como propunham os filósofos gregos, mas se revelava em suas particularidades. Contudo, apesar de individuais, tudo se relaciona mutuamente na natureza, não havendo separação, como diz Sêneca: “Tudo está em tudo” (Questões naturais, III).

Para os estoicos, quem proporcionava essa íntima relação com a natureza era a razão e era esta que garantia a harmonia com a natureza. Portanto, somente os homens a conquistavam, ou seja, ao se submeter à natureza, eles se submetiam a deus e vice-versa.

Os trechos dos pensadores estoicos, epicuristas e céticos foram retirados do livro de Andery (1996).

Outro aspecto importante dos estóicos é sua compreensão de moral e esta não pode estar dissociada da lógica e da natureza, como vemos a seguir:

É por isto que Zenão, o primeiro, no seu livro sobre a Natureza humana, disse que o fim supremo era viver conforme a natureza porque é vivê-la segundo a virtude, pois a natureza nos conduz à virtude. [...] Eis porque o fim supremo é viver segundo a natureza, ou seja, segundo a sua natureza e a do todo, não fazendo nada do que é proibido pela lei comum, a reta razão distribuída através de todas as coisas. A verdade do homem feliz e o curso bem ordenado da vida nascem da harmonia do gênio de todo com a vontade daquele que tudo organiza. (LAERTIOS, VII, 87-88 apud ANDERY, 1996, p. 107).

Desse modo, o homem virtuoso é o homem sábio e este vive de acordo com a sua natureza. Contudo, viver de acordo com sua natureza não significa se entregar às paixões, pois estas podem ser tirânicas, mas seguir a reta razão.

Agora que você já conheceu o estoicismo, vamos convidá-lo a conhecer o Epicurismo, outra escola importante do período helenístico.

2. Epicurismo

Escola fundada por Epicuro de Samos no ano 306 a.C., em Atenas. Tinha como base a *ataraxia* (a paz da alma) e as sensações como critério da verdade e do bem. Além disso, considerava o prazer como início e fim da vida feliz.

Os epicuristas se assemelham bastante aos estóicos ao propor que a felicidade pode ser conquistada com uma vida vivida de acordo com a natureza. Contudo, a concepção de natureza dos epicuristas é diversa da dos estóicos.

A concepção de natureza dos estóicos se assemelha muito a dos gregos, principalmente, ao propor uma natureza humana que depende da existência de seres divinos. Já para os epicuristas, as explicações da natureza são materiais, ou seja, a origem do universo e dos homens pode ser explicada através de causas encontradas na própria natureza, como podemos perceber nesta passagem: “Tudo na natureza, os corpos e seres do universo, era formado a partir de átomos, elementos mínimos que se juntavam” (ANDERY, 1996, p. 110).

Os epicuristas resgatam principalmente a teoria de Demócrito para explicar o universo, estabelecendo relações entre os átomos, sendo assim denominada a **visão da natureza de atomista**: “Tudo o que existe é corpo e espaço vazio no qual os corpos existem.” (ANDERY, 1996, p. 112).

Você pode conhecer um pouco mais sobre as teorias estóicas e epicuristas na indicação de bibliografia, na seção Saiba mais, ao final desta unidade.

A ética epicurista era uma ética *eudaimonista*, isto é, uma ética do prazer. Mas o prazer que se buscava não era dos prazeres efêmeros como o luxo, a volúpia, mas a satisfação das necessidades naturais. A busca do prazer era racional e reflexiva, de modo a evitar a confusão entre o verdadeiro prazer e o aparente. Por outro lado, dever-se-ia evitar a dor por meio de uma vida simples.

Vejamos, através de uma passagem de Epicuro, em sua Carta a Meneceu sobre a moral (350 a.c.), como é possível alcançar o estado de *ataraxia*:

O hábito, por conseguinte, de viver de uma maneira simples pouco custosa oferece a melhor garantia de uma boa saúde; ele permite ao homem cumprir tranqüilamente as obrigações necessárias da vida, o torna capaz, quando ele se encontra de tempos em tempos diante de uma mesa suntuosa, de melhor fruí-la e o coloca em condições de não temer os golpes do acaso. Quando, portanto, nós dizemos que o prazer é o nosso fim último, nós não entendemos por isso os prazeres dos devassos nem aqueles que se ligam à função material, como o dizem as pessoas que ignoram a nossa doutrina, ou que estão em desacordo com ela, ou que a interpretam em um mau sentido. O prazer que nós temos em vista é caracterizado pela ausência de sofrimentos corporais ou de problemas da alma. (EPICURO, 350 a.C. apud ANDERY, 1996, p. 117).

3. Ceticismo

Escola filosófica iniciada por Pirron (365-275 a.C.), que afirmava a impossibilidade humana de alcançar a verdade. Seus principais representantes são Timon de Filonte (morto em 241 a.C. aprox.) e Sexto Empírico (180-240 d.C. aprox.). Tal como os estóicos e epicuristas, os céticos também se preocupavam com a felicidade, contudo ao invés de conquistá-la por meio de uma vida simples como os epicuristas ou de acordo com sua natureza para os estóicos, estes buscavam a eliminação de tudo o que fosse capaz de produzir inquietação e a conquista da *ataraxia*.

Para os céticos não é possível o conhecimento das coisas em si, não podemos conhecer o mundo ou construir alguma opinião segura sobre as coisas. As interpretações são subjetivas, portanto, é impossível conhecer a verdade. Duas atitudes são importantes para os céticos: a *afasia*, abstenção de emitir qualquer opinião, tanto negativa quanto afirmativa e, a *epoché*, a suspensão do juízo diante de teses opostas.

Dizemos que o fim do cético é a imperturbabilidade nas coisas que se referem à opinião e a moderação nas afecções derivadas da necessidade. (..) Por outro lado, não consideramos o cético absolutamente livre de perturbações, mas dizemos que somente é perturbado pelos fatos derivados da necessidade. E ouvimos que às vezes sente frio, fome e outras afecções do mesmo gênero, mas nestes casos também os homens comuns sofrem duplamente os efeitos: pelas afecções mesmas e não em menos grau porque opinam que estas circunstâncias são más por natureza. Em compensação, o cético, por deixar de lado as opiniões acrescentadas, de que cada uma destas coisas seja um mal por natureza, consegue também libertar-se a si mesmo com moderação muito maior. Por isso dizemos que a finalidade do ceticismo é a imperturbabilidade nas coisas originadas de opinião e a moderação das afecções originadas da necessidade. (SEXTO EMPÍRICO, 200 a.C. apud ANDERY, 1996, p. 120)



Síntese

Nesta unidade você viu como se deu o surgimento da Filosofia com os chamados filósofos pré-socráticos. Percebeu também que a história da Filosofia está separada em períodos e o pensamento grego é o primeiro deles. Esse período teve como característica as bases do pensamento ocidental e a busca pela sistematização do conhecimento.

Você conheceu também o pensamento dos filósofos do período homérico, clássico e helenístico. Tendo como principais pensadores do período clássico, a “trinca de ases” (Sócrates, Platão e Aristóteles), conheceu quais métodos esses filósofos criaram, como se diferenciava seus modos de organizar o conhecimento e, principalmente, qual a influência do pensamento deles até os dias de hoje.

Do período helenístico, notou como ele representou um momento no qual a cultura grega se fundiu com a cultura oriental e também consolidou a separação entre a filosofia e a ciência. E, principalmente, como o problema da busca da felicidade foi deslocado da sociedade para o indivíduo.



Atividades de autoavaliação

- 1) Sócrates reconhecia sua ignorância e afirmava: “Sei que nada sei”. Qual a relação desta afirmação com o seu método para se chegar ao conhecimento verdadeiro, que podemos também chamar de método da parteira?

- 2) Como, ao escrever na forma de diálogos, Platão ensinava aos seus discípulos o exercício da dialética?

3) Associe a segunda coluna de acordo com a primeira. Associe a explicação para cada um dos métodos de conhecimento estudados.

- a) Maiêutica
- b) Dialética
- c) Dedução/Indução

- () “Nesses debates, as questões formuladas deviam forçar o interlocutor a precisar suas respostas, por sua vez, levavam a novas questões. Esse processo impedia, ou pelo menos dificultava, o mal-entendido, evitava a duplicidade de sentido.” (NIELSEN, 1997).
- () “A ação do filósofo consistia então em ajudar o outro a descobrir por si mesmo a verdade que já possuía desde antes de nascer.” (Ibidem).
- () “A investigação científica deve induzir princípios explicativos para, a partir daquilo que se examina, deduzir enunciados acerca dos fenômenos postos em análise. A investigação científica é, portanto, a passagem de um conhecimento de um fato às explicações das razões desse fato” (Ibidem).

4) Por que, para Aristóteles, apenas as conclusões obtidas pela dedução poderiam ser reconhecidas como conhecimento científico?

5) Some as sentenças corretas sobre o conhecimento.

- 01. Era comum nas escolas filosóficas epicuristas, estóicas e céticas a busca pelo que pode nos trazer o estado da felicidade.
- 02. Os estóicos buscavam por meio da *ataraxia* a suspensão dos juízos.
- 04. A ética epicurista buscava o prazer de modo a evitar a dor, contudo, sempre utilizando a reflexão de modo a não confundir o verdadeiro prazer com o aparente.
- 08. Os estóicos buscavam na natureza a explicação de todas as coisas do universo.
- 16. A possibilidade de se chegar a uma verdade era o ponto de partida da escola cética.
- 32. O conceito de *ataraxia* é comum nas escolas epicurista, estóica e céticas, contudo seu uso se apresenta de modo diverso em cada uma delas.

Somatório: _____



Saiba mais

Para aprofundar as questões abordadas nesta unidade, você poderá, ainda, consultar as seguintes obras.

- ANDERY, M. A. et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. São Paulo: Educ, 1996.
- **Os Pré-Socráticos.** Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

É interessante também conhecer a defesa de Sócrates, na qual o discípulo Platão mostra como Sócrates se defende da condenação dada a ele sob a alegação de que ele corrompia os jovens atenienses e não acreditava nos deuses.

- PLATÃO. **Defesa de Sócrates.** São Paulo: Abril Cultural, 1987.

Nesta unidade você também conheceu o pensamento dos epicuristas, estoícos e céticos. Os fragmentos de seus textos podem ser encontrados no seguinte livro:

- LAÉRCIO, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Brasília: Editora da UnB, 1988.

A seguir, você pode ter acesso ao texto integral do diálogo entre Mênon e Sócrates, presente no Banquete de Platão (1991, p. 201).

MÊNON: Estarias disposto a dizer-me, Sócrates, se a virtude pode ser ensinada? Ou se pode ser adquirida pelo exercício? Ou quem sabe se não é nem ensinável nem adquirível pela prática, mas recebida de nossa própria natureza? Ou, talvez, de outra qualquer maneira?

SÓCRATES: - Os tessálios, Mênon, eram afamados e admirados entre os gregos por sua arte de montar e por suas riquezas, mas hoje, segundo me parece, o são também por sua sabedoria! E nem estão em último lugar os larisseos, concidadãos de teu amigo Aristipo. Tal é o merecimento de Górgias! Quando este, com efeito, esteve em Larissa, conseguiu atrair para a sabedoria os mais nobres chefes dos Aleudes, a que pertence teu amigo Aristipo, e outros tessálios. E vos acostumou assim, a responder corajosa e infalivelmente a qualquer pergunta que se vos faça, como, aliás, é muito natural aos sábios e a ele próprio. Permitia a cada grego que o interrogasse sobre o que quisesse, **sem faltar com a resposta!**

Em nossa cidade, todavia, se passa justamente o contrário: como se aqui tivesse havido uma degeneração da sabedoria, e esta emigrasse da nossa terra para a vossa. E tanto assim é que, se assim interrogares a quem quer que seja dentre nós, todos se hão de rir e responder-te: "Muita honra me fazes, estrangeiro, a ponto de me julgares sabedor de se a virtude é ensinável ou se ela se adquire de outro modo. Na realidade, confesso-te que não sei nem se a virtude pode ser ensinada, nem se não pode; para dizer tudo, não sei sequer o que é a virtude!" Eu, pelo menos, estou nessas condições. Encontro-me na mesma miséria que meus concidadãos, e confesso que nada sei sobre a virtude. E, não sabendo o que é uma cousa, como queres que saiba como ela é? Ou acaso te parece possível que alguém, não sabendo quem é Mênon, possa não obstante saber como ele é, se belo ou rico, se é nobre ou não? Achas que isso seria possível?

MÊNON: - Não. Mas, é mesmo verdade, Sócrates, que ignoras o que seja a virtude? Queres que **espalhem isso em nossa terra?**

SÓCRATES: - E não só isso, Mênon - mas que também jamais encontrei uma pessoa que o soubesse!

MÊNON: - Como! Não te encontraste com Górgias quando ele esteve por aqui?

SÓCRATES: - Encontrei-me.

MÊNON: - E julgaste que ele não o sabia?

SÓCRATES: - Não me recordo bem, caro Mênon, nem te posso relatar que impressão recebi naqueles tempos ao ouvi-lo. Pode muito bem ser que o soubesse, e que tu também saibas o que ele dizia. Recorda-me, pois, o que ele ensinava; ou, melhor, dize-me tu mesmo o que é a virtude, pois, segundo penso, participas de seu modo de ver.

MÊNON: - De fato.

SÓCRATES: - Deixemo-lo, então, em paz, já que está ausente. Mas tu, Mênon, em nome dos deuses! Dize-me o que pensas que seja a virtude. Fala; e serei feliz em reconhecer meu erro, se conseguires provar-me que vós, tu e Górgias sabeis o que é a virtude, a virtude que eu há pouco disse jamais haver encontrado alguém que a conhecesse.

MÊNON: - Não é difícil dizê-lo, caro Sócrates. Em primeiro lugar, se desejas saber o que é a virtude do homem, aqui a tens: ser capaz de bem dirigir o Estado; e, quando estiver administrando, fazer bem aos amigos e mal aos inimigos, sempre evitando o mal para si mesmo. Se queres saber qual a virtude da mulher, não é difícil dizer que ela deve bem administrar a casa, cuidar da família, e sempre obedecer ao marido. Há ainda uma virtude própria às crianças de um ou de outro sexo; outra própria ao velho; a que convém ao homem livre, outra ao escravo. Há muitos gêneros de virtudes e não faltam as definições. Jamais te sentirás embaraçado quando te vires na necessidade de dizer o que é a virtude: conforme a ação, conforme a idade, conforme o trabalho, há uma virtude particular. E tenho, ademais, caro Sócrates, a convicção de que o mesmo se pode dizer do vício.

SÓCRATES: - Como sou feliz, caro Mênon, e que sorte a minha! Eu que procurava uma só virtude acabo de encontrar em ti um enxame de virtudes! Entretanto, já que falamos de enxames: se

eu te perguntasse: “que é a abelha?” E tu me respondesses: “as abelhas são numerosas e várias” - que haverias de replicar se em seguida eu te perguntasse: “afirmas que elas são numerosas e várias?” Ou não haverias, pelo contrário, de dizer que não é como abelhas que elas diferem umas das outras, mas, sim, por outras cousas, como, por exemplo, pela beleza, ou pelo tamanho, ou por qualquer outro característico do mesmo gênero? Que responderias àquela pergunta?

MÊNON: - Claro que diria que as abelhas, como abelhas, não se distinguem umas das outras.

SÓCRATES: - E se, continuando, eu te pedisse: “dize-me que caráter é esse ‘pelo qual elas se assemelham e que é idêntico em todas as abelhas?’ Que nota é essa? Saberias dar-me para isso uma resposta satisfatória?

MÊNON: - Sem dúvida.

SÓCRATES: - Pois o mesmo se dá com as virtudes. Por mais numerosas e várias que sejam, haverá sempre um certo caráter geral, que as abrange a todas e por força do qual elas são virtudes. É este caráter geral que se deve ter em vista, para se saber o que é a virtude. Compreendes o que digo?

MÊNON: - Sim, creio compreender o objeto da questão mas não ainda tão claramente como eu o desejaria.

SÓCRATES: - É unicamente a propósito da virtude, caro Mênon, que tens a opinião de que seja uma para o homem, outra para a mulher, outra para outro qualquer, ou pensas da mesma forma no que concerne à saúde, ou ao tamanho, ou à força? Crês que a saúde seja uma para o homem, outra para a mulher, e assim por diante, ou, pelo contrário, que a noção da saúde como saúde é a mesma em toda parte, tanto para o homem como para qualquer outro objeto?

MÊNON: - A saúde me parece ser a mesma cousa tanto para o homem como para a mulher.

SÓCRATES: - E o tamanho? E a força? Quando uma mulher é forte, acaso não o é segundo o mesmo caráter geral de força? Mesma força quer dizer, nada mais nada menos: força é força, e é indiferente que se encontre num homem ou numa mulher ou não importa em quê. Percebes aí alguma diferença?

MÊNON: - Nenhuma.

SÓCRATES: - Então? Para que a virtude seja virtude, deve distinguir-se entre virtude de criança e virtude de velho, virtude de mulher e virtude de homem?

MÊNON: - Parece-me, contudo, caro Sócrates, que para a virtude não vale a mesma regra que para as demais cousas!

SÓCRATES: - Como!? Acaso não acabaste de dizer que virtude do homem é administrar bem o Estado, e da mulher, administrar bem uma casa?

MÊNON: - Sim, disse.

SÓCRATES: - É possível administrar-se bem uma cidade, ou uma casa, ou o que quer que seja, se não se age sábia e justamente?

MÊNON: - Certamente que não.

SÓCRATES: - E administrar com justiça e com sabedoria, não será aplicar justiça e sabedoria à administração?

MÊNON: - É certo.

SÓCRATES: - Logo, os dois, homem e mulher, para serem virtuosos, precisam das mesmas qualidades: justiça e sabedoria.

MÊNON: - Sim.

SÓCRATES: - Mas se a criança e ancião são perturbados e injustos, podem ser virtuosos?

MÊNON: - Não.

SÓCRATES: - Mas sendo sábios e justos?

MÊNON: - Sim!

SÓCRATES: - Logo, todos os homens são virtuosos da mesma maneira, pois são as mesmas qualidades que assim os fazem.

MÊNON: - É exato.

SÓCRATES: - Mas tal não poderia ser, se a virtude de todos não fosse a mesma!

MÊNON: - Nunca, de fato.

SÓCRATES: - Pois bem; se a virtude de todos é a mesma, procura lembrar-te e dizer-me de que modo Górgias define a virtude, e tu com ele.

MÊNON: - Se o que desejas é uma definição única, aplicável a todos os casos, ei-la: **a virtude é a capacidade de governar homens.**

SÓCRATES: - É isso de fato o que ando a procurar. Mas tu crês, meu caro Mênon, que é próprio da virtude de uma criança e de um escravo governar o seu amo? E achas que uma pessoa que governa é ainda escrava?

MÊNON: - Não, Sócrates, não o creio.

SÓCRATES: - Isso seria, com efeito, muito estranho, meu caro amigo! Todavia, repara mais no seguinte: dizes que virtude é capacidade de governar; mas não deveríamos acrescentar: "com justiça" e não de outro modo?

MÊNON: - De fato, devemos. A justiça é virtude, meu caro Sócrates!

SÓCRATES: - Como? Ela é a virtude, ou uma virtude?

MÊNON: - Que queres dizer?

SÓCRATES: - O que diria para um objeto qualquer. Olha, por exemplo, direi que o círculo é uma figura, e não que é a figura, porque há muitas outras figuras além dele.

MÊNON: - Tens razão. Quer-me também parecer que nem só a justiça é virtude, mas que há muitas outras.

SÓCRATES: - E quais são? Dize! Se queres, enumerarei as outras figuras; e tu, as outras virtudes!

MÊNON: - Creio que a coragem é uma virtude, assim como também a inteligência, e a sabedoria, a generosidade, e muitas outras.

SÓCRATES: - Estamos a caminhar inutilmente em volta do mesmo ponto, caro Mênon! Procurando uma virtude, vamos encontrar muitas virtudes, mas não descobrimos ainda a virtude, que abrange as demais.

UNIDADE 3

0 pensamento medieval



Objetivos de aprendizagem

- Compreender como se estabelece a união entre fé e razão.
- Perceber a grande mudança que acontece neste período ao conhecer o pensamento de dois importantes representantes deste período, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.
- Entender a influência da Igreja e da Teologia cristã no pensamento medieval.



Seções de estudo

- Seção 1** Entre fé e razão
- Seção 2** A Patrística: Santo Agostinho
- Seção 3** A Escolástica: Tomás de Aquino



Para início de estudo

O que os conceitos de fé e razão têm em comum? São inconciliáveis? O que tais questões têm a ver com o conhecimento? Perguntas como estas foram postas, de modo específico, no final da filosofia helenística e dominaram grande parte da filosofia medieval. Mas por quê? São essas e outras questões que você vai estudar nesta unidade.

Seção 1 - Entre fé e razão

É preciso compreender para crer e crer para compreender.
Santo Agostinho

Fé x Razão: quem dá mais?

A ascensão e expansão do Império Romano trouxe para a sua região central, Roma, por volta do século I d.C., além do poder econômico, político, militar e artístico, uma substancial parte do ideário grego: a cultura, a organização política, a filosofia, a arte, compondo o que depois se chamou de tradição greco-romana. Some-se a isto, no final do século IV d.C., uma doutrina religiosa que se tornou, apesar de todas as perseguições sofridas, a religião oficial do Império Romano: o cristianismo.

É dentro deste ambiente em que o embate entre fé e razão se desenvolverá e marcará decisivamente toda a filosofia medieval. De um lado, a doutrina cristã precisará de sustentação racional para expandir-se; de outro, um pensamento arraigado no *logos*, na *ratio*, pouco simpático a verdades reveladas.

Esta batalha será travada, principalmente, em dois campos: o da **teologia** e o da **filosofia**.

No campo da teologia, quem coordenava as ações era, em último grau, a fé. Sobre o problema do tempo, Agostinho (1980, p. 221), afirma que:

Este modo misterioso está demasiado acima de minha inteligência. Supera as minhas forças. Por mim não poderei atingi-lo. Porém podê-lo-ei por Vós, quando mo concederdes, ó doce Luz dos ocultos olhos da minha alma.

Deus, criador do tempo e de todas as coisas era quem **revelava a verdade** insondável pela inteligência humana. Fé e razão, neste sentido, eram conciliáveis desde que, sob qualquer tensão entre elas, a fé expressasse a verdade absoluta.

No campo da filosofia, havia, pelo menos, duas perspectivas: numa, a razão poderia contribuir para que a fé fosse “racionalizada”, dando sustentação às verdades reveladas e, por isto, conciliáveis; noutra, razão e fé possuíam fundamentos tão antagônicos que se tornavam inconciliáveis: o que era do âmbito do divino, questão para a teologia; o que era do âmbito humano, questão para a filosofia.

A tendência com maior força, no contexto da filosofia medieval, era a filosofia como serva da teologia.

Não se sinta constrangido em não visualizar uma solução para estas questões. Quer um consolo? O embate entre fé e razão é tão problemático que até nos nossos dias é motivo de ferrenhas discussões, embora algumas filosofias considerem tal embate um problema não filosófico.

Agora, convido você para conhecer um pouco mais sobre dois pensadores importantes do período.

Seção 2 - A Patrística: Santo Agostinho

Santo Agostinho de Hipona (354-430) viveu no período da decadência do Império Romano, o que denominamos Alta Idade Média, que vai da formação dos reinos germânicos, a partir do século V, até a consolidação do feudalismo, entre os séculos IX e XII.

Tardamente se converteu ao cristianismo e passou a contribuir para a consolidação da doutrina cristã por meio da união entre fé e razão. Em seu livro *Confissões*, texto autobiográfico, expôs toda a sua trajetória antes e depois da sua conversão, além de tratar de algumas questões importantes de sua teoria, como o tempo e a criação.

Agostinho contribui para a racionalização da fé, dando sustentação às verdades reveladas. Sua teoria, ao vincular o conceito de verdade ao de bem, guarda uma forte influência platônica, como é característica dos neoplatônicos. Contudo, a verdade é fruto de revelação divina e somente Deus é capaz de nos conceder a iluminação. Portanto, para Agostinho fé e razão são conciliáveis desde que a fé seja responsável por expressar a verdade absoluta, isto é, a razão apenas é responsável por confirmar as verdades reveladas pela fé.

Deus é o criador de todas as coisas, de todos os seres e de todo o universo. E, como o mundo teve um começo, esse é o começo do tempo, não sendo, portanto, eterno. O tempo é responsável pela mudança e só existe para a criatura, sendo o criador eterno. Ele cria tudo do nada, mas cria incompleto, de modo que cabe aos homens a busca do caminho da perfeição por meio da revelação divina.

Nas palavras de Agostinho, nas *Confissões*, cap. XI:

Como poderiam ter passado inumeráveis séculos, se Vós, que sois o autor e o criador de todos os séculos, ainda os não tínheis criado? Criaste todos os tempos e existir antes de todos os tempos. (AGOSTINHO, 1997).

Deus é o criador de todas as coisas, do universo e de todos os seres. E criou os homens a sua imagem e semelhança, por isto são superiores aos outros seres e os únicos que possuem razão e inteligência e, apesar de não terem total domínio sobre o mundo, possuem controle sobre todas as coisas animadas e inanimadas, os peixes do mar, as aves do céu, como escrito no Gênesis.

O mundo é perfeito e nele só existe o bem, sendo o “mal” fruto da visão incompleta do homem, que por causa de seu corpo, fonte de todos os males e de todos os pecados, deixa por meio da vontade que as paixões dominem a alma. Contudo, a alma é capaz de se sobrepor ao corpo e por meio da graça divina voltar-se para Deus, ou seja, para o bem supremo, libertando-se assim do pecado.

Essa visão do corpo como fonte do pecado perdura por um bom tempo no pensamento ocidental, sendo questionada principalmente por Nietzsche na modernidade.



Com base no que você viu até agora na unidade reflita sobre a seguinte questão: Ainda hoje vemos embates entre a fé e a razão, como no debate sobre as pesquisas com as células-tronco, no qual, de um lado está a fé e de outro, a razão científica. Quais as semelhanças e diferenças deste momento histórico em relação ao período medieval quanto ao embate fé e razão? Faça seu comentário nas linhas a seguir.

Seção 3 - A Escolástica: Tomás de Aquino

Santo **Tomás de Aquino** (1225-1274) foi filósofo, italiano e doutor da Igreja da Ordem Dominicana. Viveu no período denominado Baixa Idade Média, que vai do séc. XIII até o século XV. Tal período foi caracterizado pelo crescimento das cidades, pela expansão territorial e pelo florescimento do comércio.

Sobre este período, vale ressaltar como aconteciam as “**questões disputadas**”, que consistiam no debate de um determinado tema proposto pelo professor, no qual a estrutura da questão disputada seguia aproximadamente a ordem do debate. Inicialmente, o mestre, no caso Santo Tomás, apresentava a tese do artigo, que era seguida pelas as objeções dos alunos e as objeções em contrário do bacharel. Só então, o mestre dava a solução do problema enunciado na tese do artigo. Além da solução, o mestre também apresentava a resposta às objeções e a resposta aos argumentos em contrário, quando houvesse tais respostas.

Algumas perguntas que aparecem nas questões disputadas sobre a verdade, segundo Aquino, (1999):

- Que é a verdade?
- A verdade encontra-se antes no intelecto do que nas coisas?
- A verdade está somente no intelecto componente e dividente?
- Há somente uma verdade pela qual todas as coisas são verdadeiras?

Alguns filósofos influenciaram o pensamento de Tomás, como Santo Agostinho, seu professor Alberto Magno e Platão. Contudo, principalmente pela influência das obras de Aristóteles que teve, através dos comentadores árabes, Avicenna e Averoes, que Tomás se destacará, não somente na filosofia, mas também contribuirá para revolucionar as ideias da Igreja e da fé cristã.

Entre as obras de Santo Tomás destacam-se as Questões Disputadas, A Verdade, A Potência, O Mar e Doze Outras Questões; opúsculos sobre O Ser e a Essência, A Unidade do Entendimento, Da Eternidade do Mundo, A Trindade; Comentários a Boécio; Comentários a Aristóteles; Summa Theologiae e Summa contra Gentiles.

Lembre-se que a Filosofia, antes de se preocupar com as respostas das questões, preocupa-se em formulá-las. Assim, notamos nas questões disputadas um excelente exemplo de como podemos filosofar.

Os livros de Aristóteles foram **proibidos pela Igreja** e Tomás sofre bastante resistência quando resgata o pensamento do filósofo. Brilhantemente, ele estabelece uma delimitação entre o estudo da filosofia, sobre o qual cabe o estudo da natureza e o estudo da teologia, que se preocupa com o sobrenatural e principalmente com fé.

Assim, ao mesmo tempo em que ele é capaz de mostrar a independência da razão em relação à fé, garante que as verdades da fé devem ser fundamentadas pela razão, como podemos perceber a seguir em sua conhecida Cinco Vias da Prova da Existência de Deus, no qual Tomás pretende, através de argumentos racionais, provar a existência de Deus (MARCONDES, 2005).

Você pode constatar tal proibição no filme indicado na seção Saiba mais: O Nome da Rosa. Na estória desse filme, todos os que lêem certo livro (uma obra de Aristóteles) é envenenado.



Síntese

Nesta unidade, você conheceu mais um período filosófico importante, o período medieval, que configura, entre outras coisas, o embate entre as verdades da fé e as verdades da razão.

Você percebeu a grande mudança que aconteceu ao conhecer o pensamento de dois importantes representantes deste período: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Enquanto Agostinho contribuiu para a racionalização da fé, dando sustentação às verdades reveladas, Tomás de Aquino estabeleceu uma delimitação entre o estudo da filosofia, sobre o qual cabe o estudo da natureza e o estudo da teologia, que se preocupa com o sobrenatural e, principalmente, com a fé.

É importante lembrar também, a partir desta unidade, a influência da Igreja e da teologia cristã no pensamento medieval.



Atividades de autoavaliação

1) No período da Idade Média, qual a relação entre razão e fé?

2) Qual a visão de criação do universo e dos seres para Santo Agostinho?

3) Explique como eram as “questões disputadas” no tempo de Tomás de Aquino.



Saiba mais

Para aprofundar seu conhecimento sobre os assuntos debatidos nesta unidade, sugerimos o seguinte filme.

O Nome da Rosa - Em 1327, William de Baskerville (Sean Connery), um monge franciscano, e Adso von Melk (Christian Slater), um noviço que o acompanha, chegam a um remoto mosteiro no norte da Itália. William de Baskerville pretende participar de um conclave para decidir se a Igreja deve doar parte de suas riquezas, mas a atenção é desviada por vários assassinatos que acontecem no mosteiro. William de Baskerville começa a investigar o caso, que se mostra bastante intrincado, com a crença dos mais religiosos de que é obra do Demônio. William de Baskerville não partilha desta opinião, mas, antes que ele conclua as investigações, Bernardo Gui (F. Murray Abraham), o Grão-Inquisidor, chega ao local e está pronto para torturar qualquer suspeito de heresia que tenha cometido assassinatos em nome do Diabo. Considerando-se que ele não gosta de Baskerville, ele é inclinado a colocá-lo no topo da lista dos que são diabolicamente influenciados. Esta batalha, junto com uma guerra ideológica entre franciscanos e dominicanos, é travada enquanto o motivo dos assassinatos é lentamente solucionado.

Sugerimos, também, a leitura da seguinte obra.

BREHIER, Emil. **História da filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1986.

0 pensamento moderno



Objetivos de aprendizagem

- Conhecer dois momentos históricos importantes do pensamento moderno: o Renascimento e o Iluminismo e os principais pensadores do período.
- Compreender as características do racionalismo e do empirismo no pensamento moderno.
- Conhecer as duas principais correntes éticas normativas do período.



Seções de estudo

Seção 1 Renascimento

Seção 2 Racionalismo, Empirismo e Iluminismo

Seção 3 Correntes éticas normativas: teleológicas e deontológicas



Para início de estudo

Você já parou para pensar porque chamamos o período entre a Idade Média e a Idade Moderna de “Renascimento”? Por que atualmente se critica tanto a teoria de Descartes? Quem é esse filósofo que tanto citamos até hoje? O que é o Iluminismo, que influência ele teve no pensamento moderno?

Estas são algumas das questões que serão respondidas nesta unidade, além de conhecermos um pouco mais sobre as correntes éticas normativas deste período. Vamos solucionar estas dúvidas?

Seção 1 - Renascimento

Ousa saber!
Kant

Renascimento: de quem?

Segundo Abbaganano (1998, p. 852):

A palavra e conceito de Renascimento têm origem religiosa [...] é o segundo nascimento do homem novo e espiritual de que falam o Evangelho de São João e São Paulo. [...] A partir do século XV, porém, essa palavra passa a ser empregada para designar a renovação moral, intelectual e política decorrente do retorno aos valores da civilização em que supostamente o homem teria obtido suas melhores realizações: a greco-romana.

No contexto que se inicia ao final do século XIV e vai até o fim do século XVI, é comum admitir que a frequente recorrência à Antiguidade exprime uma certa dose de nostalgia de uma, talvez, ‘humanidade essencialmente Primeira’. É o que poderíamos chamar de *arque* humana. Não no sentido de um princípio criador, mas de um ideal original forjado dentro de um contexto

limitado pelas categorias de espaço e tempo, ou seja, dentro de um contexto histórico.

Assim, o “modelo” de humanidade cunhado na Grécia e Roma perfaz um trajeto singular, na medida em que forjou a construção de uma humanidade universal, percebeu-a transitando com “liberdade”. É deste ideal de humanidade que os renascentistas reclamam. É mesmo um segundo nascimento, o renascimento de um “espírito” perdido no período medieval; um “espírito” que tornou inseparáveis *logos* e *fisis*, “razão” e “natureza”, e que proporcionou ao homem grego reivindicar a autonomia de **ser racional**.

O Renascimento, deste modo, ergueu-se como uma oposição ao modelo medieval: teocêntrico e feudal. É diante do limite deste modelo que, aos poucos, surge uma nova perspectiva de compreender o mundo, não mais atrelada a um passado próximo, mas a uma identidade perdida. É como se no Renascimento os homens não se reconhecessem como filhos da Idade Média, mas filhos da Antiguidade. Contudo, ressalta Abbagnano (1984, p.8),

[...] não é possível considerar o Renascimento meramente como a afirmação da imanência em contraste com a transcendência medieval, ou da irreligiosidade, do paganismo, do individualismo, do sensualismo, do ceticismo, em contraposição à religiosidade, ao universalismo, ao espiritualismo e ao dogmatismo da Idade Média.

De certo modo, o Renascimento, movimento literário, filosófico e artístico, é o prenúncio de uma nova era, uma antiga novidade: a da primazia da razão. Representam este período, no campo da filosofia: Maquiavel, Campanella, Giordano Bruno, Nicolau de Cusa, entre outros.

Os Renascentistas questionam os modelos feudais contribuindo para o surgimento do capitalismo, para a ascensão da burguesia e apontando para algumas crises com o velho modelo medieval. Uma crise de consciência, ao propor um universo infinito; religiosa, com a reforma protestante e política, pois o Sacro Império Romano-Germânico estava sendo destruído pelos reinos modernos independentes.

O Renascimento pode ser visto também como um momento no qual a Filosofia se liberta da religião, proporcionando o surgimento da ciência moderna, na qual a ciência não mais será a busca da verdade na propriedade lógica dos conceitos, mas a busca através de instrumentos (telescópios e microscópios)

Portanto, este é um período de Renascimento para todas as áreas, não apenas para a filosofia e a ciência moderna, mas também para as artes, tendo como principais representantes nomes como: Botticelli, Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael.

Michelangelo - entre 1508 e 1512 trabalhou na pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano. Para esta capela, concebeu e realizou grande número de cenas do Antigo Testamento. Entre tantas que expressam a genialidade do artista, uma particularmente representativa é a criação do homem.

Obras destacadas: Teto da Capela Sistina e a Sagrada Família.

Seção 2 - Racionalismo, Empirismo e Iluminismo

Racionalismo Moderno: qual razão?

O século XVII ampliou a resistência aos valores medievais e imprimiu um radical ceticismo a tudo que pudesse parecer duvidoso. Nem o naturalismo renascentista escapou à incerteza. Num certo sentido, era preciso erguer um novo “edifício” sob bases seguras e, para tanto, era necessário investigar e determinar novas fundações, novos materiais; a construção de certezas universais, ou seja, um novo método para as ciências, que desse conta das novas descobertas.

Admite-se, sem obstáculo, que deste contexto emergem, no campo do pensamento filosófico, duas correntes metodológicas:

- O **racionalismo moderno** de René Descartes (1596-1650): ele buscava, por meio da razão, um método indubitável para a ciência.
- O **empirismo** de Francis Bacon (1561-1626): Francis Bacon preconizava uma ciência que se sustentava pela observação e pela experimentação.

O ideário de um novo método para o “edifício” do conhecimento é fundamental no pensamento de Descartes. Para ele, este “edifício” apresentava muitas e severas rachaduras. Era preciso, então, demoli-lo e construir um novo. Mas, como percebeu Descartes, não bastava apenas pôr abaixo a construção; necessário era também retirar as velhas fundações, primeira causa de comprometimento do edifício “visto que a ruína dos alicerces carrega, necessariamente, todo o resto do edifício”. Tal afirmação exprime, sem rodeios, sua pretensão:

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário seriamente, uma vez em minha vida desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos se quisesse estabelecer algo de firme e de constantes nas ciências. (1988, p.17)

A partir disto, restava a Descartes pôr em dúvida tudo aquilo que até então havia aprendido. Mas você pode estar se perguntando se a dúvida de Descartes não o levaria, exatamente, àquilo que não desejava: a impossibilidade da certeza. Ora, a princípio, parece ser assim, entretanto um exame mais cuidadoso indica que a dúvida levada às últimas consequências poderia desvelar uma certeza indubitável. Este processo é chamado de dúvida metódica.



Descartes, pela dúvida, chegará a uma certeza indubitável: *Penso, logo existo*.

Qual seria o significado desta afirmação? O que você entende que Descartes pensou ao fazer esta afirmação? Procure responder a esta questão antes de prosseguir. Socialize sua reflexão na ferramenta Exposição no ambiente virtual de aprendizagem.

Como Descartes chegou a este **fundamento**? Ao pôr todas as coisas em dúvida, de uma coisa ele não poderia duvidar: **que duvidava**. Ora, se duvidava era porque pensava sobre a dúvida e, se pensava, existia. Perfeito, não?!

Sustentado pela matemática e depositando todas as “fichas” na razão, Descartes construiu um método valioso para as ciências que é considerado relevante até hoje, mesmo com seus desmembramentos e contundentes críticas. A razão subia mais um degrau rumo ao topo do mundo.

O método de Descartes, o método cartesiano, teve como modelo a matemática, especificamente, a geometria, e tinha como objetivo oferecer um caminho seguro para se chegar a verdade. Esses passos metodológicos compreendiam as seguintes regras, ou, como ele denominava, quatro preceitos metodológicos:

1. “O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que o indivíduo não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em seus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente ao seu espírito, que não tivesse nenhuma ocasião de pô-la em dúvida”.
2. O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades examinadas em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.
3. O terceiro, o de conduzir os pensamentos ordenadamente, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer; subindo, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos e, finalmente, pressupondo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.
4. E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES, 1973, p. 45-46)

Passaram-se praticamente XVI séculos e a busca pela verdade continuou como uma preocupação filosófica que, com Descartes, produziu um novo rumo para a ciência e possibilitou um novo modo de chegarmos a um conhecimento tido como ‘seguro’.

Agora você conhecerá um pouco mais do Empirismo e verá como ele se diferencia do Racionalismo.

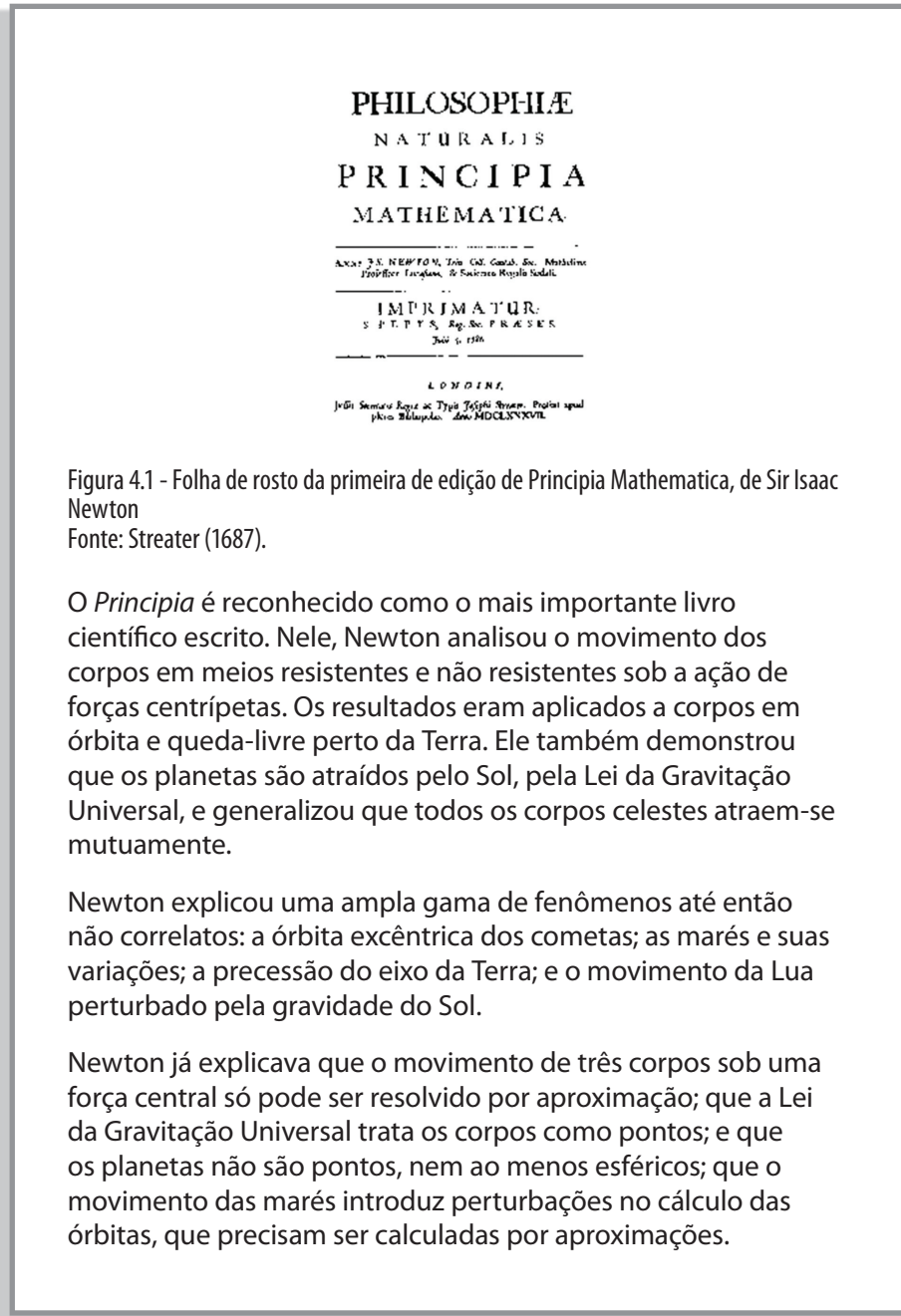


Figura 4.1 - Folha de rosto da primeira de edição de Principia Mathematica, de Sir Isaac Newton
Fonte: Streater (1687).

O *Principia* é reconhecido como o mais importante livro científico escrito. Nele, Newton analisou o movimento dos corpos em meios resistentes e não resistentes sob a ação de forças centrípetas. Os resultados eram aplicados a corpos em órbita e queda-livre perto da Terra. Ele também demonstrou que os planetas são atraídos pelo Sol, pela Lei da Gravitação Universal, e generalizou que todos os corpos celestes atraem-se mutuamente.

Newton explicou uma ampla gama de fenômenos até então não correlatos: a órbita excêntrica dos cometas; as marés e suas variações; a precessão do eixo da Terra; e o movimento da Lua perturbado pela gravidade do Sol.

Newton já explicava que o movimento de três corpos sob uma força central só pode ser resolvido por aproximação; que a Lei da Gravitação Universal trata os corpos como pontos; e que os planetas não são pontos, nem ao menos esféricos; que o movimento das marés introduz perturbações no cálculo das órbitas, que precisam ser calculadas por aproximações.

Empirismo

Para o Empirismo, diferentemente do Racionalismo, o ponto de partida para se chegar ao conhecimento verdadeiro é a experiência. Ele parte de um contexto histórico também diferente, no qual a forte industrialização, que primeiramente aconteceu na Inglaterra, e influenciou fortemente o modo pelo qual as teorias filosóficas foram desenvolvidas a partir de então.

Francis Bacon, importante filósofo empirista do período que vai do séc. XVI até metade do séc. XVII tem como objetivo principal produzir um conhecimento capaz de auxiliar o progresso da industrialização por meio da ciência e, conseqüentemente, a melhoria das condições de vida humana.

Seu método experimental, a indução, baseia-se na observação e experiência que se adquire com o contato com a natureza e procura, principalmente, as implicações práticas desse método, como vemos a seguir:

Só há e só pode haver duas vias para a investigação e para a descoberta da verdade. Uma, que consiste no saltar-se das sensações e das coisas particulares aos axiomas mais gerais e, a seguir, descobrirem-se os axiomas intermediários a partir desses princípios e de sua inamovível verdade. Esta é a que ora se segue. A outra, que recolhe os axiomas dos dados dos sentidos e particulares, ascendendo contínua e gradualmente até alcançar, em último lugar, os princípios de máxima generalidade. Este é o verdadeiro caminho, porém ainda não instaurado.

Tanto uma quanto outra via partem dos sentidos e das coisas particulares e terminam nas formulações da mais elevada generalidade. Mas é imenso aquilo em que discrepam. Enquanto que uma perpassa na carreira pela experiência e pelo particular, a outra aí se detém de forma ordenada, como sempre. Aquela, desde o início, estabelece certas generalizações abstratas e inúteis; esta se eleva gradualmente àquelas coisas que são realmente as mais comuns na natureza. (ANDERY, 1996, p. 197)

Aristóteles apresentou a indução e percebeu a diferença e a elaboração mais aprofundada do que Bacon o faz.

Enquanto a indução aristotélica apenas se preocupa em registrar as condições nas quais os fenômenos se apresentam, a indução baconiana realiza um processo de eliminação, no qual procura não somente a observação, mas eliminar aquilo que não faz parte do fenômeno. E essa eliminação é realizada através de experiências diversas, “alterando as condições de sua realização, repetindo-as, ampliando-as, aplicando os resultados; verificando as circunstâncias em que o fenômeno está presente, circunstâncias em que está ausente e as possíveis variações dos fenômenos.” (ANDERY, 1996, p. 198).



Um exemplo do método de Bacon (apud HAMLIN, 1990, p. 114):

Queremos descobrir a forma do calor, reunimos na primeira escala vários exemplos de calor, sendo o objetivo eliminar o que não têm em comum: isto é, o que não está presente em geral quando o calor está presente. Na segunda escala, reúnem-se os casos que são iguais aos da primeira, mas que não se fazem acompanhar de calor. Por exemplo, na primeira poderíamos ter incluído os raios do Sol, que produzem calor; na segunda poderíamos incluir coisas tais como os raios da Lua ou das estrelas, que não geram calor. Nessa base, poderíamos eliminar todas as coisas que estão presentes quando o calor está ausente. Finalmente, na terceira escala, reuniríamos os casos em que o calor está presente em graus variáveis a fim de verificar se essas coisas variam com os graus de calor. Se não variam, podem ser eliminadas. A esperança é que o emprego desses três métodos juntos elimine finalmente todos os candidatos à causa básica do calor, exceto a real, que Bacon pensava que era o movimento.

Iluminismo

Segundo Abbaganano (1998, p. 534-535), o iluminismo é uma “linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”. O Iluminismo, também chamado de época da luzes, ilustração, esclarecimento, foi forjado no contexto do século XVIII, mas já é

possível observar suas raízes no Renascimento. O iluminismo foi se consolidando durante o século XVII, principalmente com os pensamentos de Descartes e **Locke**.

João Locke nasceu em Wrington, em 1632. Estudou na Universidade de Oxford filosofia, ciências naturais e medicina. Em 1683 refugiou-se na Holanda, aí participando no movimento político que levou ao trono da Inglaterra Guilherme de Orange. De volta à pátria, recusou o cargo de embaixador e dedicou-se inteiramente aos estudos filosóficos, morais e políticos. Passou seus últimos anos de vida no castelo de Oates (Essex). Faleceu em 1704. As suas obras filosóficas mais notáveis são: o Tratado do Governo Civil (1689); o Ensaio sobre o Intelecto Humano (1690); os Pensamentos sobre a Educação (1693).

O movimento iluminista ajudou a gestar e parir uma **neorracionalidade**, parente próxima do *logos* grego; uma nova civilização, forjada em bases sólidas, promotora de uma vida justa e melhor. Sob a égide desta neorracionalidade, ergueu-se um novo pilar, com o qual as superstições, os dogmas, o uso da força, a desigualdade não teriam aderência, dando lugar a objetos aderentes como liberdade, igualdade, pacto social, tolerância, e outros. Um sonho lentamente gestado.

Neste sentido, o século XVIII é reconhecido como o ícone deste sonho: a razão como condutora primaz de uma nova civilização, de uma sociedade fundada em valores que promovessem, de fato, a vida humana, em todas as suas dimensões. Um modo de viver que conduzisse o ser humano a desenvolver aquilo que lhe era próprio, como a liberdade (conforme apontou Rousseau); que tornasse a vida, ao menos, suportável (como pareceu indicar Hobbes); e um modo de viver que conduzisse o ser humano a pensar por si mesmo, a sair de sua menoridade, como lembrou Kant (1985) ao definir o Esclarecimento como:

A saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* [Ousa saber!] Tem coragem de fazer uso do teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (p. 100).

Esta coragem, segundo Kant, reclamava nada além de **liberdade**, e liberdade significava fazer o uso pleno da **razão**. A saída do ser humano da menoridade não era tarefa fácil e não se fixava apenas nas transformações sociopolíticas. Mais que isso, a esperança de transformação se concentraria na mudança do próprio Homem e estava disseminada nas filosofias, nas ciências, nas artes, na literatura. Na filosofia, o pensamento original de Kant indicou um caminho próprio para a razão e a colocou no topo do mundo, marcando, definitivamente, as filosofias dos séculos XIX e XX.

Seção 3 - Correntes éticas normativas teleológicas e deontológicas

Age, diante de todos, do mesmo modo que desejarias que os outros agissem, diante de qualquer pessoa.
Tugendhat

Nesta seção, você conhecerá um pouco mais sobre outras formas de refletir a respeito das ações humanas, isto é, como podemos formular nossas regras de agir, e qual a fundamentação destas regras. Assim, a seguir, você conhecerá um quadro geral destas correntes normativas e como podemos refletir sobre questões como a da mentira para o filósofo Immanuel Kant.

Divisões da Ética

Normativa

Estudo das várias correntes de determinação da ação correta.

Metaética

Estuda as condições de verdade e validade dos enunciados éticos.

Ética Aplicada

Procura resolver conflitos práticos utilizando os princípios obtidos pela Ética Normativa.

Neste livro, vamos nos concentrar na explicação das Éticas Normativas, deixando de lado as questões de Metaética, que tratam de um estudo muito específico do debate filosófico.

Essas divisões são apresentadas no livro: BORGES, Maria de Lourdes et al. **O que você precisa saber sobre ética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Divisões da Ética Normativa

Ética Teleológica - determina o que é correto de acordo com uma certa finalidade (*telos*) que se pretenda atingir.

Ética Deontológica - determina o que é correto, segundo regras e normas em que se fundamenta a ação.

A Ética Teleológica pode ser subdividida em:

- a) **Consequencialista** - baseia-se nas consequências da ação e defende que os seres humanos devem agir de forma tal que produzam boas consequências. As duas correntes principais são:

Egoísmo ético - o ser humano deve agir em seu próprio benefício.

- Todos devem **convir** com o interesse do indivíduo;
- Agir apenas de acordo com o interesse pessoal, ignorando o interesse dos outros;
- Todos devem agir de acordo com o interesse do indivíduo.

Utilitarismo - agir de acordo com o interesse de todos. Proporcionar o maior bem ou a maior felicidade para todos que o cercam. Ex: Jeremy Bentham, John Stuart Mill e Peter Singer.

- b) **Ética de virtudes** - considera o caráter moral ou virtuoso do indivíduo.

Aristóteles - O que nós queremos em nossa vida? Qual a finalidade de nossas ações?

É a busca da felicidade (*eudaimonia*), que não consiste em uma alegria momentânea nem em uma euforia efêmera, mas sim em um estado duradouro de satisfação.

MacIntyre - objetivo da Ética: criação de homens virtuosos, cujos sentimentos e inclinações fossem cultivados moralmente. Alasdair MacIntyre é um defensor contemporâneo da Ética das virtudes.

As principais correntes da Ética Deontológica são:

- a) **Intuicionismo moral** - as pessoas são dotadas de um conhecimento imediato do que é correto.
- b) **Ética do dever** - pretende discriminar as regras do que é certo ou errado moralmente. Ex: Kant.
- c) **Ética do discurso** - determina as regras do que é com base em uma comunidade ideal de comunicação. Ex: Apel e Habermas.
- d) **Contratualismo moral** - as regras de justiça que devem reger as principais instituições decorrem de um contrato hipotético.

As éticas do discurso e o contratualismo moral são reformulações da ética kantiana.

Resumindo:



Figura 4.2 - Divisões da Ética Normativa
Fonte: Elaboração do autor (2006).

Você já estudou sobre a diferença entre ética e moral e viu como uma questão aparentemente tão simples quanto mentir ou não mentir pode se tornar complexa.

Agora, você vai conhecer como o filósofo Immanuel Kant responde a essa questão: Será que podemos tornar regra uma lei universal, isto é, válida para todos de que é correto mentir? Não, pois seria insustentável vivermos em um mundo em que não podemos confiar nas pessoas, sem saber o tempo todo quem estaria falando a verdade. Podemos dizer que viveríamos em estado de guerra.

Notamos nesta resposta de Kant que, para ele discutir esta questão, levou em consideração a universalização da regra e partiu de um ponto da reflexão que deixa de levar em consideração casos relativos. No entanto, há a proposta das Éticas consequencialistas, dentre elas a Utilitarista que apresenta uma proposta relativista na reflexão sobre as ações humanas.

Sendo assim, a Ética consequencialista não se preocupa mais em apenas discutir chavões como “não minta”, “não roube”, pois estas normas perdem sua importância ao tratarmos de questões mais complexas, como, por exemplo, quando devemos escolher entre duas ações cujos resultados são contraditórios. Como era o caso de mentir ou não à Gestapo acerca da presença de judeus no sótão da casa, na época da 2ª guerra mundial. “Não mentir” concorre explicitamente com “não condene à morte” (SINGER, 1993). O que é correto diante da mentira?

A lei possui princípios éticos, que visam ao ideal de justiça, como:

- honestidade - não lesar a outrem, isto é, respeitar a liberdade do outro;
- a igualdade de direitos;
- o respeito à dignidade do ser humano e o respeito à vida.

É difícil decidirmos sobre o que é correto, mas temos como avaliar o porquê de considerarmos tal ação correta. E isto faz com que admitamos que todos nós temos senso moral, mas é necessário, além disso, consciência do significado de nossos atos.

Você é um bom exemplo?



Os seres humanos agem conscientemente e cada um de nós é senhor de sua própria vida. Mas como resolvemos o que fazer? Você em algum momento já pensou em como você toma as decisões sobre o que fazer em determinada situação? Você age impulsivamente, fazendo “o que lhe der na telha” ou analisa cuidadosamente as possibilidades e as consequências, para depois resolver o que fazer? Pense um pouco sobre estas questões antes de prosseguir. Se preferir, anote suas reflexões no espaço abaixo:

A teoria pode, sem dúvida, ajudar-nos muito em nossas escolhas, pois ela nos ensina a discernir entre o bom e o mau. No entanto, é necessária uma inteligência emocional, para que consigamos agir corretamente, assim como é necessário o exercício da vontade, já que tendemos a eleger nossos desejos como mais importantes do que os interesses alheios.

Portanto, o que nos ajudará a ter uma boa conduta não é apenas o conhecimento teórico, mas o conhecimento empírico dos fatos; a capacidade de prever as prováveis consequências de nossa ação; e uma certa intuição de qual seria a melhor conduta em determinada situação.



Você concorda com essa afirmação? Por quê?
Justifique abaixo sua resposta:



Para pensar na questão acima, vamos comparar a situação a um jogo de futebol. Supondo que se esteja armando um time de futebol entre garotos(as) que não conheçam as habilidades respectivas. Para que cada um seja aceito(a), é necessário que se suponha cada participante como sendo capaz de ter um desempenho razoável. Suponhamos ainda que, durante o jogo, alguém diga a seu companheiro(a): “Você está jogando mal, cara” e obtenha a seguinte resposta: “Estou jogando assim porque quero”. É evidente que este último garoto(a) não está jogando com a intenção normal de quem joga futebol, mas ainda, que está frustrando uma expectativa comum de todos os parceiros(as).

Este exemplo mostra que, no jogo, pede-se ao indivíduo tanto a intenção quanto o preparo para que esta regra seja seguida convenientemente; se as regras do jogo não são respeitadas, o desempenho do jogo é comprometido. O mesmo acontece em nossa sociedade, se não cumprirmos as regras de conduta, poderemos ser punidos pela lei, mas, antes de tudo, poderemos ser desprezados por nossos semelhantes. Cada um se reconhece como sendo capaz de participar ou não de certos sistemas de normas, mas o respeito mútuo ainda é fundamental para que possamos nos colocar no lugar do outro e escolher qual a melhor ação, buscando antes de tudo a integridade da relação (GIANOTTI, 2002).

Os hábitos e normas não são inventados todos os dias e, para que nós sejamos morais, vale a pena saber distinguir as situações em que devemos suspender nossos juízos. Existem muitas formas de moralidade, cada grupo social ou profissional tem sua identidade assegurada por normas consentidas, cuja infração provoca censura e até mesmo a exclusão do grupo.

A teoria pode não nos ajudar a agir corretamente, no entanto, ela pode nos ajudar a encarar as adversidades de maneira mais serena. Percebemos uma grande diferença entre o ser e o dever ser, pois a prática não acompanha o discurso e, o que é pior, muita gente não percebe a relação e a compatibilidade que deveriam existir entre os valores e a prática.

Realizar escolhas é eleger objetos para o desejo, situação para a qual o critério das escolhas é sempre racional. O motivo é sempre emocional, ou seja, impulsionados pelo desejo, movemo-nos em direção aos objetos. Nesse sentido, a capacidade racional de realizar escolhas permite-nos afirmar nossa condição de liberdade. O exercício da liberdade é a capacidade de escolher. É a escolha que define o caráter de um ser humano. Suas virtudes se manifestam nas escolhas que realiza no curso de sua vida. Quais são os valores que pautam suas ações?

Os valores são criações humanas e não entidades abstratas e universais, válidas em qualquer tempo e lugar. O local em que há respeito tende a ser um lugar de agradável convívio, onde toda a estrutura se fortalece, cresce.

Não existe uma receita universal, pronta e completamente eficaz. A decisão, a escolha, sempre varia de pessoa para pessoa, de consciência para consciência, mas o que pode nos ajudar é sempre parar, refletir, deliberar diante das alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Ter a capacidade de avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as consequências para si e para os outros e a conformidade entre fins e meios.

No entanto, a escolha envolverá crenças, leis e dependerá do limite e da vontade de cada pessoa. Valores, virtudes e crenças determinam a maneira como vivemos no ambiente de trabalho e fora dele.



O que acarretaria não ser ético? Por que ser ético?

Não ultrapasse seu limite ético. Agir eticamente, dentro ou fora do seu ambiente de trabalho, será uma decisão pessoal: uma vez que você tenha despertado para o assunto, mais ele tende a ser considerado nas decisões num processo permanente, sem fim. Sempre estamos sujeitos a deslizos e equívocos. Como disse o filósofo Spinoza, temos de escolher o que nos aumenta a vida e não o que a diminui, podemos decidir trabalhar para a alegria e não apenas para obter dinheiro.

A ética discute questões extremamente delicadas e, na maioria das vezes, de foro íntimo. A maioria de nós age com honestidade simplesmente porque quer dormir com a consciência tranquila – ou, então, porque tem medo das consequências, que podem resultar em atos ilegais ou contrários à ética. Ser ético nada mais é do que agir direito, proceder bem, sem prejudicar os outros. É também agir de acordo com os valores morais de uma determinada sociedade que você elege como modelo.

Percebemos que atualmente ser ético é a nova exigência do mercado de trabalho, onde não há mais lugar para a desonestidade, a omissão, a má conduta e a mentira. As empresas querem se livrar de gente que pode comprometer a imagem delas.

Para concluir, devemos rever nossos juízos endurecidos, tomando uma posição menos unilateral. Precisamos confrontar-nos com os outros e com a moral cosmopolita, estabelecendo regras de convivência e direitos. Devemos aprender a conviver com outras morais, reconhecendo a unilateralidade do nosso ponto de vista.



Síntese

Nesta unidade você aprofundou-se no período que compreende a Idade Moderna. Nela você pôde perceber como o Renascimento rompe com os dogmas da Idade Média e surge como um renascimento nas artes e principalmente na ciência, possibilitando que novas teorias surjam e alcancem o status de um conhecimento laico.

Você conheceu as duas principais correntes metodológicas do período, o **Racionalismo** que buscava, por meio da razão, um método indubitável para a ciência e o **Empirismo** que preconizava uma ciência que se sustentava pela observação e pela experimentação.

Conheceu também o Iluminismo, que inspirava uma nova civilização, chamado de época da luzes, da ilustração e do esclarecimento, que, junto à Revolução Francesa, preconiza os ideais de liberdade, igualdade e justiça.

E, por último, conheceu um pouco mais do debate ético, das correntes de determinação da ação correta: a **Ética Teleológica**, que determina o que é correto de acordo com uma certa finalidade (*telos*) que se pretende atingir; e a **Ética Deontológica**, que determina o que é correto, segundo regras e normas em que se fundamenta a ação.



Atividades de autoavaliação

- 1) O Renascimento é o período entre a Idade Média e a Idade Moderna. Explique por que esse período tem o nome de Renascimento, isto é, de que modo ele é uma ruptura com o pensamento medieval e se constitui num período de abertura para o surgimento da modernidade?

- 2) Descartes utiliza a dúvida para chegar à certeza. Com base nisso, de que modo o método matemático de Descartes proporciona o caminho seguro para a verdade?

3) Qual a principal diferença entre o método racionalista de Descartes e o empirista de Bacon?

4) A Ética Deontológica, a ética do dever kantiana, pretende apresentar uma regra universal de ação, dizendo-nos que nosso dever é não mentir e sempre falar a verdade. Contudo, nesta unidade você também viu que a Ética Teleológica, o Utilitarismo, apresenta um modo diferente de refletir sobre a mentira. Escolha a que você mais concorda e explique por quê?

5) Explique de que modo é fundamental unir a reflexão com a ação para nos tornarmos éticos, ou seja, de que modo podemos unir teoria e prática?



Saiba mais

Sugestão de filme:

Giordano Bruno – Giordano Bruno é uma das grandes obras do cinema político italiano dos anos 70. Com direção precisa de Giuliano Montaldo (Sacco & Vanzetti), o roteiro mostra um dos episódios mais polêmicos da história: o processo e a execução do astrônomo, matemático e filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600), queimado na fogueira pela Inquisição por causa de suas teorias contrárias aos dogmas da Igreja Católica. Um filme que retrata bem o final da Idade Média e o Renascimento.

Para aprofundar as questões abordadas nesta unidade, você também poderá realizar a leitura seguinte livro.

DESCARTES, R. Descartes. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

É interessante ler as Meditações cartesianas, na qual Descartes utiliza seu método para demonstrar como é possível ao sujeito pensante chegar à verdade.

0 pensamento contemporâneo



Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a crise da ciência, isto é, a crise da verdade.
- Compreender como a descoberta de novos paradigmas no início do séc. XX revolucionou a ciência, questionando a ideia de uma verdade absoluta.
- Observar o panorama geral sobre as principais aplicações da Ética na contemporaneidade, principalmente, com o debate sobre ética e ciência.
- Refletir sobre o papel das ideologias, a alienação que acontece no mundo do trabalho e nas relações sociais e como se estabelece a globalização.



Seções de estudo

- Seção 1** Revoluções científicas
- Seção 2** Ética e ciência
- Seção 3** Ideologia, alienação e globalização



Para início de estudo

Caro aluno, você chegou à contemporaneidade e muitas revoluções marcaram este período. Tente se lembrar se você já ouviu falar de uma revolução que não seja a revolução socialista?

Você já ouviu falar em revolução científica? Nesta unidade, este é um dos temas que serão discutidos. Ele marca este novo momento do pensamento humano e, principalmente, da ciência, no qual a ideia de uma verdade absoluta, de certezas e de neutralidade científica é colocada em jogo e que coloca a “razão em crise”.

Convido você a conhecer um pouco mais deste período.

Bom estudo!

Seção 1 - Revoluções Científicas

Nós não conhecemos. Nós só podemos dar palpites.
Karl Popper

A razão em crise

No final do século XIX e início do século XX, a verdade não é mais absoluta e as teorias científicas não seguem o padrão de evolução e progresso tão idealizados pelo Positivismo de Comte ou mesmo pelas ideias de Kant, Marx e Freud de que é possível uma ciência livre das emoções: “A ciência, por mais pura que seja, é o produto de seres humanos engajados na fascinante aventura de viver suas vidas pessoais”. (PERLS, et al., p. 24).

Ao invés de querer encontrar fundamentos e critérios para a ciência na lógica ou em regras metodológicas, como fez Descartes, os novos filósofos da ciência, entre eles Thomas Kuhn, passam a examinar a ciência através de sua história, do comportamento dos cientistas e das razões que levam o cientista a escolher uma teoria.

Outro rompimento provocado no ideal racional de encontrar a verdade ou “**uma verdade**”, dá-se pela teoria anarquista de Paul Feyerabend, que, em seu livro *Contra o Método* (1970), questiona o *status* da ciência, ao afirmar que nenhuma metodologia proposta até a pós-modernidade consegue ser bem sucedida.

As metodologias pretendem dar regras para a orientação de escolhas e decisões científicas, mas, na verdade, as teorias são escolhidas por julgamentos estéticos, de gosto, preconceitos metafísicos ou desejos religiosos. Portanto, algumas teorias são incomensuráveis, isto é, duas teorias rivais “podem ser tão radicalmente diferentes que não é nem mesmo possível formular conceitos básicos de uma teoria nos termos da outra. Não é possível comparar logicamente duas teorias rivais” (CHALMERS, 1993, p. 177).

Outra questão apontada por Feyerabend é: **a ciência não é necessariamente superior a outras áreas do conhecimento.** Por isto, a contemporaneidade não sustenta mais a ideia de que a ciência é uma forma de conhecimento superior ao senso comum. Freud escreveu uma carta a Einstein em 1932, onde perguntava se toda ciência não se reduzia a um certo tipo de mitologia? (RIEFF, 1979, p. 224).

O cientista virou um mito. Com seu avental branco, aparece nos noticiários de TV como o ‘sacerdote do saber’, o ‘dono da verdade’. Mas ele não é uma pessoa que pensa mais ou melhor do que as outras. Não raro, damos a eles o poder de pensar por nós, acreditamos que eles são especializados em pensar corretamente e apenas seguimos o que eles mandam.

Desta forma, é necessário questionarmos o mito do “cientista como o investigador sem preconceitos em busca da verdade; explorador da natureza – o homem que rejeita ideias preconcebidas quando entra no laboratório, que coleciona e examina fatos crus, objetivos, e é fiel a tais fatos e só a eles” (KUHN, 1989 apud ALVES, 1981). O senso comum e a ciência estão, de maneira geral, à procura do mesmo: da compreensão do mundo com a intenção de viver melhor.

As Ciências Humanas

Outra mudança significativa que ocorreu neste período foi o surgimento das Ciências Humanas. São elas: as Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), a Psicologia, a Economia, a Lingüística e a História.

As Ciências Humanas se caracterizam por ter como objeto de estudo o próprio homem. O problema de ter surgido após o avanço e forte consolidação de outras ciências, fez com que o modelo de cientificidade e os métodos utilizados pelas Ciências Humanas estivessem muito atrelados às Ciências Matemáticas e Naturais. Portanto, os primeiros estudos nas Ciências Humanas tinham como modelo a matemática e a experimentação, como o comportamentalismo de **Skinner** na Psicologia.



Você sabia?

Burrhus Frederic Skinner (1904 - 1990), psicólogo americano, erroneamente tido como fundador do Behaviorismo, foi o mais famoso representante desta corrente da psicologia, cujo verdadeiro fundador foi seu compatriota John Watson. Ateu e materialista, Skinner não tinha nenhum interesse em compreender a mente humana. Era estritamente um behaviorista e preocupava-se somente em determinar como o comportamento era causado por forças externas. Ele acreditava que tudo que fazemos e que somos é moldado pela nossa experiência de punição e recompensa. Provocativo, polêmico e um excelente publicitário de suas próprias ideias, acreditava que o espírito e outros fenômenos subjetivos eram apenas questão de linguagem e não existiam realmente. Afirmava que não existe liberdade nem dignidade. O homem bom faz o bem porque o bem é recompensado e a sociedade poderia ser controlada, e criada uma nova cultura, se o indivíduo bom fosse automaticamente recompensado e o mau cidadão fosse automaticamente punido ou eliminado.

Contudo, esta associação estava com seus dias contados, já que quanto mais os estudos sobre o homem avançavam, mais as teorias não davam conta de utilizar este modelo.

Aponta Chauí (1997): “Os fatos humanos são históricos, dotados de valor e de sentido, de significação e finalidade e devem ser estudados com essas características que os distinguem dos fatos naturais”.

A partir disto, surge a necessidade de criar um novo método de explicação que dê conta de explicar os tão plurais e diversos fatos humanos.

Um dos debates mais ricos sobre a Epistemologia das Ciências Humanas foi realizado por Michel Foucault em seu livro “As Palavras e as Coisas” (2002). Neste, ele aponta as ciências humanas como fruto de um triedro de saberes, no qual temos a contribuição da matemática nos cálculos estatísticos; da biologia, ao possibilitar o conhecimento fisiológico do organismo humano; e da linguagem ao nos dar acesso à compreensão das instituições sociais e à forma com que as sociedades se organizam e classificam o que é valioso.

Você sabia?

Michel Foucault nasceu em Poitiers (França) em 1926 e morreu em 1984. Estudou filosofia e psicologia na *École Normale Supérieure* de Paris. Na década de 60 ficou à frente do Departamento de filosofia das Universidades de Clermont-Ferrand e Vincennes. Em 1970 foi eleito para o *Collège de France*, com o título de professor de História dos Sistemas de Pensamento, desfrutando um enorme prestígio internacional até à data da sua morte.

Foucault foi o principal representante do estruturalismo. Toda a sua obra foi um exaustivo trabalho de **arqueologia do saber ocidental**, pondo em evidência as estruturas conceituais que, à priori e na época, determinaram as articulações entre o saber e o poder, estabelecendo o que é interdito e o que é permitido.

O pensamento de Foucault explorou os modelos de poder nas várias sociedades e a forma que como ele se relaciona com as pessoas.

A sua obra pode ser dividida em três fases fundamentais:

a) Estudos sobre a Loucura. Quando foi leitor na Universidade de Uppsala (Suécia) dedicou-se ao estudo sobre a loucura no mundo ocidental. Obra central: **Loucura e Civilização** (1960);

b) Estudos sobre a rede conceptual, de uma dada época. Obra fundamental: **As palavras e as Coisas** (1966).

c) Estudo sobre o poder, prisões e sexualidade. Obras Fundamentais: **História da sexualidade** (1976,1984) e **Microfísica do Poder** (1979).

Revolução científica

Com os estudos feitos pela Sociologia e a Psicologia, foi impossível que as Ciências Naturais saíssem ilesas. Assim, Thomas Kuhn, ao observar a história, percebeu a característica revolucionária do progresso científico, na qual “uma revolução implica o abandono de uma estrutura teórica e sua substituição por outra, incompatível” (CHALMERS, 1993, p. 123).

Como exemplo desta revolução, temos: o abandono de modelos científicos tradicionalmente aceitos como o modelo geocêntrico (Terra como centro do universo), que foi substituído pelo modelo de Copérnico, heliocêntrico (Sol como centro do universo) e o modelo newtoniano de física, que foi superado por um novo paradigma como a teoria da relatividade de Einstein. Efetivando-se o que Kuhn chamou de ‘Revolução Científica’.



O que é uma revolução científica?

E o que são paradigmas?

De acordo com Kuhn (1994), filósofo da ciência, são o momento de ruptura epistemológica em que são criadas novas teorias, métodos e tecnologias que interferem em todos os campos de conhecimento humano.

Já por paradigma entendemos: “Um composto de suposições teóricas gerais e de leis e técnicas para a sua aplicação adotadas por uma comunidade científica específica” (CHALMERS, 1993, p. 124), isto é, são respostas mais gerais sobre o mundo do que as teorias podem abranger.



Por que acontecem e como acontecem as revoluções científicas?

As revoluções científicas acontecem porque, em um determinado momento, um paradigma, tradicionalmente aceito, passa a conter mais anomalias (enigmas que não conseguem ser respondidos pela teoria) do que respostas para um determinado problema, constituindo-se assim numa crise. Não uma crise comum, mas uma crise que compromete os fundamentos do paradigma, no qual os cientistas não conseguem mais encontrar soluções.

Acompanhe o esquema a seguir para compreender melhor uma revolução científica:

Pré-ciência – ciência normal – crise-revolução – nova ciência normal – nova crise

De acordo com Chalmers (1993, p. 124), assim se dá a revolução científica, uma mudança que é descontínua:

- **Pré-ciência:** Atividade desorganizada e diversa que precede a formação da ciência torna-se eventualmente estruturada e dirigida quando a comunidade atém-se a um único paradigma.
- **Ciência normal:** Paradigma aceito por um grupo de cientistas. Os cientistas normais articularão e desenvolverão o paradigma em sua tentativa de explicar e de levar a correspondência entre o paradigma e a natureza a um grau cada vez mais alto.
- **Crise-revolução:** Quando o cientista está dentro de um paradigma, ele entra em contato com anomalias, com dificuldades de resolver um determinado problema. Mas, “se dificuldades deste tipo fugirem ao controle, um estado de crise se manifestará”.
- **Nova ciência normal:** “Uma crise é resolvida quando surge um paradigma inteiramente novo que atrai a adesão de um número crescente de cientistas até que eventualmente o paradigma original, problemático é abandonado e substituído pelo novo”.
- **Nova crise:** “O novo paradigma, cheio de promessa e aparentemente não assediado por dificuldades supostamente insuperáveis, orienta agora a nova atividade científica normal até que também encontre problemas sérios e o resultado seja uma nova revolução”.

Vamos ver um bom exemplo de revolução científica. Você viu que a teoria física de Newton provocou grandes mudanças no modo do homem moderno compreender o universo. Mas em 1905, com a descoberta de Einstein da teoria da relatividade, acontece o que chamamos revolução científica e um novo paradigma de compreensão do universo passa a ser aceito.

Seção 2 - Ética e ciência

Na Idade Moderna, principalmente com Descartes e Bacon, acreditava-se que a ciência seria capaz de nos oferecer respostas verdadeiras sobre a realidade e que essas melhorariam nossas vidas. Contudo, depois das duas grandes guerras, o homem pós-moderno percebe que as utopias estavam derrubadas e eram insuficientes para resolver nossos problemas. Assim, a ciência, que na Idade Média carecia de neutralidade já que muitos foram queimados por suas ideias revolucionárias, passa a ser vista como um campo no qual há outros interesses e valores além do próprio conhecimento na escolha de teorias.

Deste modo, nesta seção, você conhecerá um pouco do debate sobre ética e ciência, que ainda permanece bastante atual.

Há um debate entre filósofos da ciência, como você viu nas teorias de Kuhn e Feyerabend, sobre a possibilidade da verdade. E esta discussão sobre a validade de uma teoria como uma interpretação da realidade é bem polêmica. Alguns, como Kuhn, acreditam que uma teoria seja válida até que uma revolução científica aconteça e um novo paradigma explique melhor os problemas que a teoria anterior já não consegue responder.

Já Feyerabend coloca que “vale tudo”, isto é, que existem diversas interpretações da realidade, sendo apenas necessário que elas sejam coerentes e bem explicadas por cientistas razoáveis e não charlatões.

No entanto, há uma outra defesa, do filósofo Karl Popper, de que mesmo que teorias do passado sejam suplantadas por teorias atuais, e mesmo que elas sejam falsas, a ciência progride e aproxima-se da verdade e isto justifica sua adoção.

Qual a relação de tudo isto com a ética?

Hugh Lacey, em seu livro **Valores e Atividade Científica**, afirma que é com a ideia de que o crescimento é um grande valor para a ciência e um produto do conhecimento que ele se adere à concepção realista, amplamente aceita pela ciência moderna, pois é através dela que conseguimos avançar no conhecimento e no controle da natureza.

Veja a referência desta obra nas páginas finais do livro em “Referências”.

Por meio de uma ampla discussão sobre o **Materialismo Científico**¹, Lacey (1993) analisa se a ciência é livre de valores, questionando a crença de que a aceitação de teorias é neutra.

A **neutralidade**² é derivada da concepção realista de que a teoria representa o mundo tal como ele é, independente de suas relações com os seres humanos. Portanto, a tese da neutralidade tem como ideia principal que a ciência é livre de valores e, por isso, acredita-se que as teorias científicas não cedem a um valor particular.



Mas como podemos saber se mesmo as melhores teorias representam o mundo adequadamente?

1 De acordo com Lacey (1993, p.19), o materialismo científico tem a seguinte tese: "O mundo, a totalidade espaço-temporal é constituída simplesmente de objetos, caracterizados completamente por um conjunto de quantidades interagindo com outros objetos, do mesmo tipo geral, de acordo com leis. A partir dessa interação entre objetos, componentes de estrutura e processos subjacentes, os fenômenos são gerados".

2 "A Neutralidade estabelece que as teorias não implicam nenhum enunciado sobre valores e, em princípio podem ser adotadas em práticas realizadas no interior de qualquer esquema de valor" (LACEY, 1993, p. 133).

3 Imparcialidade: "juízos científicos bem fundamentados acerca da aceitação de uma teoria com relação a um dado domínio sustentam-se unicamente em considerações sobre o grau em que a teoria manifesta os valores cognitivos (a luz dos dados empíricos disponíveis e de outras teorias aceitas) independente de como a teoria pode estar de acordo ou a serviço dos interesses de quaisquer perspectiva de valor" (LACEY, P, 20).

De acordo com Lacey (p. 19), estas perguntas surgem porque:

[...] não podemos comparar diretamente as nossas teorias com o mundo. "Representação" significa uma relação entre uma teoria e um domínio de fenômenos no mundo. Mas não podemos observar essa representação, além de a representação não ser uma das relações da ordem subjacente ao mundo e o termo "representação" não ocorrer nas próprias teorias científicas. Somos nós que produzimos as representações do mundo.

Lacey, como Popper, considera as representações como produtos humanos construídos historicamente através das práticas científicas, as quais empregam métodos provenientes da nossa capacidade humana de construir essas representações. Portanto, nossas experiências são o resultado da interação do homem com o meio e não simplesmente com o mundo. Então, para resolver essa questão, Lacey propõe a substituição da neutralidade pela **imparcialidade**³.

O que tem garantido a escolha do materialismo científico é a tecnologia, pois, ao ser bem sucedida, ela parece provar que se consegue obter conhecimento do mundo tal como ele é. Isto também faz crer que o seu sucesso é produto de um conhecimento imparcial e livre de relações com valores morais e sociais.

Contudo, Lacey também se sustenta no argumento de Kuhn, de que a ciência não representa o mundo como ele é, mostrando apenas uma imagem que está relacionada com os nossos valores. Na avaliação da escolha das teorias científicas, Kuhn sustenta que os valores cognitivos são decisivos e têm preferência sobre outros valores. No entanto, quando há paradigmas em conflito, os valores morais e sociais são de extrema importância na avaliação das teorias científicas decorrentes das práticas científicas.



Figura 5.1 - Pesquisadora em experimento químico
Fonte: Haught (2008).

Podemos então perguntar: a ciência é livre de valores?

Não, ao menos de acordo com muitos dos atuais filósofos da ciência. Sempre que escolhemos teorias, estamos escolhendo valores cognitivos, sociais e morais, que desempenham papéis diferentes na escolha de teorias. Portanto, não podemos considerar a ciência neutra.

E podemos dizer que, às vezes, temos a impressão de que podemos controlar o mundo, mas isso não passa apenas de um desejo.

Seção 3 - Ideologia, alienação e globalização

*Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a **produzir** os seus meios de vida, passo este que é condicionado pela sua organização física.*

Karl Marx

Ideologia: eu quero uma pra viver?



Você conhece a letra da música de Cazuza sobre ideologia?

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Frequenta agora as festas do *grand monde* [...]

Como vimos na primeira estrofe da música Ideologia, de Cazuza e Roberto Frejat, feita em 1988, nossas ilusões estão todas perdidas e nossos sonhos foram vendidos. Que ilusões são estas que a sociedade nos vende pelos mais diversos meios de comunicação: rádio, TV, jornais, revistas e *outdoors*? O que é ideologia? Por que nos deixamos convencer facilmente pela ideologia vigente em nossa sociedade? Por que não nos revoltamos contra ela? Por que acabamos vendendo nossos sonhos?

O conceito de ideologia

De acordo com Marilena Chauí (1998, p.113.):

ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, pelas divisões na esfera da produção.

[Pelo contrário,] a função da ideologia é a de apagar as diferenças, como as de classes, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando referenciais identificados de todos e para todos, como por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. (ibid., p. 114).

Como você observou, a ideologia é o convencimento dos membros que compõem uma sociedade por meio de um falseamento da realidade. Esta palavra, a princípio, designava apenas uma “teoria geral das ideias”, mas com o pensamento de Marx, em seu livro com Engels, **Ideologia alemã**, assumiu caráter de crítica política e passou a expressar a sujeição de uma classe dominante sobre as demais através de um **corpo de ideias**.

Esta sujeição se dá por meio da disseminação deste corpo de ideias por toda a sociedade, de modo a fazer com que todas as pessoas que a compõem passem a considerar as ideias da classe dominante como as melhores ou as únicas possíveis. Contudo, a classe dominante também é influenciada pela ideologia, ao acreditar que seus valores (específicos) são universais, como por exemplo, ao acreditar que o que garante o sucesso profissional é apenas o esforço do indivíduo, isto é, que todos podem ter sucesso.

De acordo com Gallo (1997, p. 38), “um corpo de ideias não domina pela ideia, mas pelas necessidades criadas por essas ideias, pelos desejos que elas despertam.”

A história de muitos brasileiros miseráveis, no entanto, aponta o contrário. As oportunidades não são iguais em nossa sociedade, muitos brasileiros vivem em condições subumanas, não tendo acesso à educação, saúde e boa moradia.



Mas por que aceitarmos estas ideias e não as questionarmos?

O discurso ideológico

“É aquele que consegue tocar nas vontades e ambições de cada indivíduo, dando-lhe a ilusão de sua realização.” (GALLO, 1997, p. 38).

Para compreendermos um pouco melhor como estamos sujeitos ao discurso ideológico, vamos analisá-lo na ciência.

É inegável que as ciências ocupam um lugar privilegiado em nosso mundo, em nossa cultura. Os conhecimentos que dela brotam e brotaram, ao longo de muitos séculos, contribuíram e contribuem para o desenvolvimento da vida humana e estão diariamente nos jornais, televisões, papos de esquina, ou seja, de algum modo, fazem parte do cotidiano das pessoas, mesmo que sem percebê-los. Contudo, o mais intrigante é que, mesmo diante deste cenário, quase sempre temos uma visão desbotada desta atividade humana.



Mas por quê? O que a ideologia tem a ver com ciência?

A Filosofia Moderna erigiu e inaugurou as bases da ciência moderna, uma ciência fundamentada em métodos seguros, procedimentos claros e experiências bem sucedidas, sempre sob a vigilância da razão. O desenvolvimento desta atividade humana marcou e marca profundamente a vida do ser humano até nossos

dias, tanto que a ciência é um dos emblemas mais significativos do século XX, ao menos até a sua metade; o ícone do sucesso da razão; a realização “máxima” dos ideais iluministas, dos ideais modernos. Mas teria sido este ícone do ideal iluminista superestimado? Talvez sim, pois este imaginário foi alimentado muito mais pelo grande otimismo da visão comum dos avanços científicos do que propriamente pelos meios científicos.

Quanto entusiasmo existe diante das descobertas das ciências biológicas e médicas para a cura das enfermidades humanas? Quantas esperanças são depositadas nelas? Assim, a ciência é comumente reconhecida com critério de verdade. Mas é isto mesmo que ela pretende: alcançar a certeza? É possível confiar cegamente na ciência? Qual discurso ideológico está presente na ciência?

Capitalismo e exclusão

A ideia por traz da exclusão na sociedade está diretamente associada ao debate sobre alienação desenvolvido, principalmente, por Marx em suas obras: **Manifestos Econômicos e Ideologia Alemã**.

Deste modo, agora você conhecerá como se dá o processo de alienação e de que modo ela pode gerar a exclusão.



Alienação

De acordo com Chauí (1997), alienação “é o fenômeno pelo qual os homens criam ou produzem alguma coisa, dão independência a essa criatura como se ela existisse por si mesma e em si mesma, deixam-se governar por ela como se ela tivesse poder em si e por si mesma, não se reconhecem na obra que criaram, fazendo-a um ser-outro, separado dos homens, superior a eles e com poder sobre eles.”

A alienação, da forma como foi descrita acima, pode ser tanto religiosa, como social, mas escolhemos como objeto de estudo a alienação social, econômica e intelectual.

Marx se preocupou em saber as causas que levavam os homens a não serem cidadãos, pelo menos de acordo com o ideal grego de participação política, de atuação na sociedade. Por que deixamos que os outros nos governem?

Os homens devem ser agentes da história, devem mudar a história.

As três formas de alienação são: social, econômica e intelectual.

- Na **alienação social**, não nos vemos como construtores da história, ou porque nos colocamos como seres passivos que devem aceitar o que nós é imposto, por ser “natural”, ou nos rebelamos individualmente para garantir nossa vontade.
- A **alienação econômica** caracteriza-se pela troca do trabalho pelo salário, o que transforma o trabalhador em mercadoria (coisa) a ser paga pelo patrão. E o problema surge porque esta mercadoria produzida pelo trabalhador, depois que vai ao mercado, não pode ser adquirida por quem a fez, isto é, a mercadoria vale mais do que o seu salário, do que seu preço.
- O terceiro tipo de **alienação** é a **intelectual**, na qual aqueles que produzem as ideias, isto é, acham que são produtores das ideias, esquecem que elas estão diretamente associadas à classe a que pertencem, à classe dominante, e as tomam como dogmas universais a serem seguidos. Também esquecem que as ideias são utilizadas apenas para explicar a realidade e não constituem a própria realidade, ou, ignoram que elas são construções humanas e não são ideias em si mesmas, como uma entidade independente do homem, que possui uma causa e efeito próprio.

Todas as três formas de alienação representam modelos ainda presentes em nossa sociedade, mas, como diria Foucault, somos sujeitos dessas relações e podemos transformá-las pela nossa própria ação. É o que fizemos e, na pós-modernidade, o grande debate passou a girar em torno do que chamamos de globalização dos mercados.

Globalização

Você acompanhou, até agora, a trajetória da racionalidade ocidental e percebeu que muitas mudanças aconteceram principalmente nos tempos modernos, mas nada se compara ao que chamamos de pós-modernidade, ou contemporaneidade em que todas as utopias foram destruídas. Vivemos duas guerras no séc. XX, criamos os computadores, temos acesso a uma grande quantidade e variedade de produtos propiciados pela globalização dos mercados. Contudo, uma pergunta permanece, somos mais felizes ou simplesmente felizes?

A indústria cultural vende cultura?

A partir dos anos 70, a arte de um modo geral passou a ser comercializada como produto, sendo fabricada em **série**. A arte não se democratiza, mas passa a ser massificada, todos podem ter acesso as grandes obras de arte por meio de reproduções feitas em papel. Quem não tem ou já não viu uma cópia de um Van Gogh?

Andy Warhol representou com maestria este período histórico fazendo reproduções em série de Marilyn Monroe.

Esta massificação acontece porque a obra de arte passa a ser produto de rápido consumo e os meios de comunicação garantem que quem as possui eleva seu *status* social automaticamente. Mas, neste turbilhão de vendas, a arte corre o risco de perder suas características próprias, de acordo com Chauí (1997): de expressivas, passam a reprodutivas e repetitivas; de trabalhos de criação, tornam-se eventos de consumo; de experimentação do novo passam a ser consagradas pela moda e pelo consumo.

Com a globalização dos mercados, a massificação ou cultura de massas, passa para todos os produtos, tudo pode ser comprado, mesmo que seja em uma loja de R\$ 1,99. Temos produtos americanos feitos na China, produtos japoneses *made in* Paraguay, até Mac Donald's na Arábia Saudita. O que queremos mais?

Contudo, a cultura não pode ser comprada, pois ela é fruto da imaginação, da sensibilidade, da reflexão crítica dos artistas, além de tudo ela é a expressão de inteligência e objeto de contemplação e tudo isto não pode ser comprado. O que nos é vendido é a ilusão de que podemos possuir tudo o que aparece na TV, mas ainda permanecemos alienados, ainda acreditamos que somos felizes ao consumir.



Síntese

Nesta unidade, você estudou o pensamento contemporâneo através do que chamamos na Filosofia de “Revoluções Científicas” e percebeu como não podemos mais garantir certezas, mas apenas temos teorias que são capazes de explicar os eventos da natureza por um determinado período. E, quando estas teorias não contemplam mais os questionamentos existentes, ela pode ser substituída por um novo paradigma, que passa a ser denominado de “ciência normal” até que uma nova crise aconteça.

Também estudamos, nesta unidade, que o ideal de neutralidade científica não pode ser alcançado. É fundamental, nos dias de hoje, considerarmos a presença de valores cognitivos, sociais e morais, os quais desempenham papéis diferentes na escolha de teorias. Portanto, não podemos considerar a ciência neutra.

Ainda, você pode aprender que, como dizia Cazuza: “As ilusões estão todas perdidas”, que há um discurso ideológico que pretende alienar o sujeito, deixando que os outros o governem, para que ele deixe de ser um cidadão autônomo, isto é, que determina suas próprias leis.

E, por fim, chegamos aos dias de hoje e percebemos que, mesmo com a globalização dos mercados, o homem ainda procura a contemplação dos ideais gregos de uma vida feliz. Assim, não cessamos as questões, afinal o debate filosófico continua, mas acredito que algumas perguntas foram respondidas e outras se repetem: Por que os seres humanos procuram compreender a si mesmos, as coisas, o mundo? Há um desejo natural que o impulsiona para dar sentido às coisas, para conhecer?

Parabéns! Mais uma unidade concluída. Se estiver encontrando alguma dificuldade, entre em contato com o professor por meio do Espaço Virtual de Aprendizagem (EVA).



Atividades de autoavaliação

1) Explique como acontece uma revolução científica.

2) Assinale os itens corretos sobre a questão: A ciência é livre de valores?

- 01. Kuhn sustenta que os valores cognitivos são decisivos e têm preferência sobre outros valores.
- 04. Quando há paradigmas em conflito, os valores morais e sociais não são importantes na avaliação das teorias científicas no decorrer das práticas científicas.
- 08. De acordo com Lacey, a ciência é imparcial, pois a teoria é independente de quaisquer perspectivas de valor.
- 16. A tese da neutralidade tem como ideia principal que a ciência é livre de valores e, por isto, acredita-se que as teorias científicas não cedem a um valor particular.
- 32. Temos a impressão de que podemos controlar o mundo, mas isso não passa apenas de um desejo.

Somatório: _____

3) Apresente as duas concepções mostradas no texto (Marx e Foucault) sobre as implicações dos discursos ideológicos.

4) De que modo a alienação contribui para a exclusão?

5) A indústria cultural é responsável por democratizar ou massificar a cultura? Explique por que isso acontece.



Saiba mais

Sugestões de filmes:

Matrix – Trilogia que conta a história de um jovem programador de computador que é atormentado por estranhos pesadelos nos quais se encontra conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus e Trinity, descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Morpheus, entretanto, está convencido de que Thomas é Neo, o aguardado messias capaz de enfrentar o Matrix e conduzir as pessoas de volta à realidade e à liberdade. O filme retrata com uma linguagem moderna a alegoria da caverna platônica (dúvida sobre o que é realidade); estabelece relações com a dúvida cartesiana (estou sonhando ou não); oráculo de Delfos (Sócrates: conheça a ti mesmo); Morpheu (mitologia grega: Deus do sonho); além de inúmeras citações dos evangelhos e de histórias como Alice no País das Maravilhas.

O Ponto de Mutação - Uma cientista, um poeta e um político discutem Física Quântica, Ecologia, os Novos Paradigmas. Baseado no livro Ponto de Mutação, de Fritjof Capra. O filme começa com um político liberal, democrata (inspirado em Al Gore) em crise de sentido, ligando para seu amigo escritor, o *ex-ghostwriter* de seus discursos, que está na França, dando um tempo, porque se encheu de viver no meio da fogueira das vaidades de Nova York. O escritor/poeta o convida para dar um tempo também, passar uns dias com ele no Monte Saint Michel, uma fortaleza antiga perto do Canal da Mancha, para relaxar e conversar sobre a vida. Lá, por coincidência, está hospedada a física, interpretada por Liv Ullmann, que resolveu, por sua vez, dar-se um tempo, quando descobre que as pesquisas

que fazia, dedicadamente, sobre aplicações de raio laser na saúde, estavam sendo usadas pelo governo americano (leia-se Ronald Reagan, o último republicano da Casa Branca), no polêmico projeto Guerra nas Estrelas, um resquício da guerra fria, hoje comprovadamente um fiasco. Da conversa entre os três, surgem todos os conceitos científicos, ideológicos, ambientais, holísticos, que estão nos ajudando a atravessar do século XX ao XXI.

Para aprofundar as questões abordadas nesta unidade, você poderá consultar a seguinte obra.

CHALMERS, Alan. F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.



Para concluir o estudo

Caro(a) aluno(a)!

Ao final do presente estudo, gostaríamos de parabenizá-lo(a)!

Esperamos que este tenha sido proveitoso. Ao longo das cinco unidades, analisamos, de forma simples e direta, os principais pensadores de cada período histórico, bem como os principais conceitos e aplicações práticas de cada uma destas teorias. Mostramos também a importância e os fundamentos da ética por meio das teorias deontológicas e consequencialistas, e estabelecemos relações entre os temas, de modo a mostrar a sua aplicação.

Enfim, a disciplina ofereceu uma visão panorâmica e introdutória destes temas concentrando a atenção, sobretudo, naquilo que entendemos ser mais importante para as reflexões iniciais e para o alcance dos objetivos traçados. Ou seja, a compreensão dos fundamentos do pensamento ocidental iniciando no pensamento grego e entrando em crise no pensamento contemporâneo. Também abordamos nas unidades 2, 4 e 5 algumas reflexões e teorias éticas.

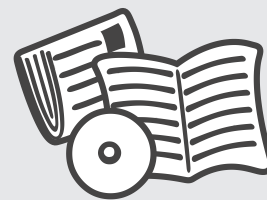
Esperamos ter alcançado nossos objetivos. Em primeiro lugar, procuramos destacar a relevância do estudo de temas como conhecimento, ética e política, conceitos dos quais a sociedade está carente e que são fundamentais para a transformação das condições precárias de vida que nos cercam, bem como para o exercício efetivo da cidadania. Em segundo lugar, objetivamos introduzi-los(as) ao assunto tratado, oferecendo-lhes nada mais que noções básicas sobre os temas em discussão, pois não pretendemos esgotá-las.

E, por fim, nossa principal meta, ao elaborar este curso, foi estimulá-los(as) a continuar os estudos sobre a matéria. Contudo, esperamos, sobretudo, que você tenha percebido a relevância social que esta apresenta e o interesse que, por si só, desperta. Finalmente, só nos resta colocar-mo-nos à disposição para qualquer ajuda que possamos oferecer.

Desejamos que você dê continuidade ao estudo dos assuntos iniciados nesta disciplina!

Caroline Izidoro Marim e José Dimas d' Avila Maciel Monteiro

Referências



ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARANHA, Maria L.; MARTINS, M. H. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.

ARISTÓTELES. **Política**. 3 ed. Brasília: UnB, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 2003.

BAUMEISTER, August. Busto de Platão. **Denkmäler des Klassischen Altertums** (Os Monumentos da Antiguidade Clássica). Vol. 3. Munique e Leipzig: Dreck e R. Oldenbourg: 1888. p. 1335.

BAUMEISTER, August. Busto de platão. **Denkmäler des klassischen altertums** (os monumentos da antiguidade clássica). Vol. 3. Munique e leipzig: dreck e r. Oldenbourg: 1888. P. 1335.

BECKER, O. **O pensamento matemático**: sua grandeza e seus limites. São Paulo: Herder, 1965.

BILGERE, George. Ruínas do Panteão de Atenas. **The White Museum**. Pittsburgh: Autumn House Press, 2010. Disponível em: <<http://www.alchemistpillow.com/2010/02/roman-pantheon-chuckles-at-grecian.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

BILGERE, George. Ruínas do panteão de atenas. **The white museum**. Pittsburgh: autumn house press, 2010. Disponível em: <<http://www.alchemistpillow.com/2010/02/roman-pantheon-chuckles-at-grecian.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 2000.

- BOFF, L. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BORGES, Maria de Lourdes et al. **O que você precisa saber sobre Ética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BRANDÃO, Junito. **Dicionário mítico-etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRANDÃO, Junito. **Mitologia grega**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BREHIER, Emil. **História da Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1986.
- CHALMERS, Alan F. **O que é a Ciência, afinal?** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHATELET, F. **História da Filosofia: idéias e doutrinas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- CHATELET, F. **O Iluminismo**. Coleção Os pensadores. Vol. 4. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. Público, privado, despotismo. In: NOVAES (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Uma ideologia perversa**. Artigo especial da Folha de São Paulo, 2000.
- CONTRIM, G. **Fundamentos de Filosofia**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Volta ao Mundo em 80 Matemáticas. **Scientific American Brasil**, Ed. Especial nº 11. São Paulo: Duetto Editorial. 2005.
- DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural. 1999.
- DESCARTES, René. **O discurso do método**. Coleção os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FEYERABEND, P. **Contra el método**. Barcelona: Ariel, 1970.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- GIANOTTI, José A. A moralidade pública e a moralidade privada. In: NOVAES (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HAMLIN, David Walter. **Uma História da Filosofia Ocidental**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

HAUGHT, Josh. Pesquisadora em experimento químico. **Laboratory Validation Specialists Inc. Website**, 2008. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/exhibition/darwin/images/A012722.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

HAUGHT, Josh. Pesquisadora em experimento químico. **Laboratory validation specialists inc. Website**, 2008. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/exhibition/darwin/images/a012722.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Trad., int. e comentários Mary de Camargo N. Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HORKEMEIER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Livros do Brasil, 1984.

JAEGER, W. **Paidéia**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Abril, 1983.

KOMER, S. **Uma introdução à Filosofia da Matemática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KUHN, T. **A tensão essencial**. Lisboa: Edições 70, 1989.

LOCATELLI, Rosimar. Cocar dos tapirapés do Mato Grosso. **Índio Apinajé**, 2011. Disponível em: <<http://indioapinaje.blogspot.com/2011/04/arte-indigena.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

LOCATELLI, Rosimar. Cocar dos tapirapés do mato grosso. **Índio apinajé**, 2011. Disponível em: <<http://indioapinaje.blogspot.com/2011/04/arte-indigena.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Medfarm Trening. Pesquisador em um laboratório químico: imagem prototípica da Ciência. **All-Biz Ukraine**, 2011. Disponível em: <<http://www.ua.all.biz/en/s103663>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

Medfarm Trening. Pesquisador em um laboratório químico: imagem prototípica da ciência. **All-biz ukraine**, 2011. Disponível em: <<http://www.ua.all.biz/en/s103663>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

MILL, John Stuart. **O Utilitarismo**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia: os filósofos do ocidente**. São Paulo: Paulus, 1998.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia: lições preliminares**. São Paulo: Mestre Jou, 1986.

PLATÃO. **Banquete**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

Reference Department of Albright Memorial Library. Ilustração de Sócrates. **Albright Reference Blog**, 2001. Disponível em: <<http://albrightreference.blogspot.com/2011/08/article-about-librarys-socrates-cafe-in.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

Reference Department of Albright Memorial Library. Ilustração de sócrates. **Albright reference blog**, 2001. Disponível em: <<http://albrightreference.blogspot.com/2011/08/article-about-librarys-socrates-cafe-in.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

RIBEIRO JR., Wilson A. Detalhe do quadro "A Escola de Atenas" (1511), de Rafael Sanzio. **Portal Graecia Antiqua**, 2000. Disponível em: <<http://greeciantiga.org/img/index.asp?num=0016>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

RIBEIRO JR., wilson a. Detalhe do quadro "a escola de atenas" (1511), de rafael sanzio. **Portal graecia antiqua**, 2000. Disponível em: <<http://greeciantiga.org/img/index.asp?num=0016>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

RIEFF, Philip. **Freud: The Mind of the Moralizer**. 3. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 1979.

Scientific American Brasil. Edição especial. São Paulo, n. 41, p. 92-99, out. 2005.

STREATER, Joseph. Folha de rosto da primeira de edição de Principia Mathematica, de Sir Isaac Newton. In: NEWTON, Sir Isaac. **Principia Mathematica**. Londres: Joseph Streater, 1687. Disponível em: <<http://www.library.usyd.edu.au/libraries/rare/modernity/newton3.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

STREATER, Joseph. Folha de rosto da primeira de edição de Principia Mathematica, de Sir Isaac Newton. In: Newton, Sir Isaac. **Principia Mathematica**. Londres: Joseph Streater, 1687. Disponível em: <<http://www.library.usyd.edu.au/libraries/rare/modernity/newton3.html>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

VALMONT-BOMARE, Jacques Christophe. Aristóteles catalogando a natureza. **Dictionnaire raisonné universel d'histoire naturelle**. Paris: Lausanne, 1775. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/exhibition/darwin/images/A012722.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

VALMONT-BOMARE, Jacques Christophe. Aristóteles catalogando a natureza. **Dictionnaire raisonné universel d'histoire naturelle**. Paris: lausanne, 1775. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/exhibition/darwin/images/a012722.jpg>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

Sobre os professores conteudistas



Caroline Izidoro Marim - Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi bolsista de PIBIC- CNPq por dois anos e estudou a proposta de uma ética ambiental, desenvolvida pelo filósofo Peter Singer. É Mestre em Ética e Filosofia Política também pela UFSC. Nesta oportunidade, estudou a obra Kantiana: Doutrina das Virtudes e aprofundou seus estudos em bioética. Atualmente, faz pesquisa de Doutorado em Ética na UFRJ. Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina, na qual ministra as disciplinas de Ética, Bioética e Filosofia nos seguintes cursos: Administração, Filosofia, Letras, Naturologia Aplicada, Nutrição, Psicologia e Turismo.

José Dimas – É Bacharel em Filosofia e Mestre em Letras (Teoria Literária) pela Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvendo pesquisas em Filosofia Grega (Aristóteles) e em Estética (Schiller). Na Universidade do Sul de Santa Catarina, participa do Grupo de Estudos em Ética e é professor de Ética e Políticas Gregas no curso de Filosofia, do qual também é Coordenador. É professor de Filosofia no curso de Direito e membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

Respostas e comentários das atividades de autoavaliação



Unidade 1

1)

A – Mito: refere-se a narrativas fabulosas e lendárias, algo sobrenatural e inatingível, pessoa muito importante, algo do imaginário coletivo de um determinado povo ou cultura, conjunto de crenças, algo fantasioso etc.

B – Filosofia: afastar-se da opinião (*doxa*) e buscar o conhecimento seguro, “ciência” (*episteme*). É pôr-se em atitude crítica diante do que é banal, óbvio.

C – Senso Comum

D – Ciência: o conhecimento científico tornou-se sinônimo de conhecimento “verdadeiro” e uma forma legítima de explicar a realidade das coisas, pois para todo fato existe uma causa que pode ser observada, mensurada, definida e universalizada.

2) A filosofia põe o ser humano diante do comum, do banal, de modo admirado, espantado. As perguntas vão se estabelecendo com tanta intensidade que as respostas tornam-se, neste processo, secundárias. Como bem aponta Guiraldelli Jr. (2003), “tudo com o qual estamos acostumados, fica sob suspeita, sob o crivo de uma sentença indignada, e então deixamos de nos ver acostumados com as coisas que até então estávamos acostumados!”. É pôr-se em atitude crítica diante do que é banal, óbvio.

Esta atitude crítica contrapõe-se ao mito que narra uma história sagrada, um acontecimento que ocorreu num tempo primordial, os chamados **mitos de origem**. Nele, uma realidade passou a existir, tal como nas narrativas da origem do mundo, na tradição mítica grega, através dos poemas de Homero e Hesíodo e na tradição judaico-cristã, através da Bíblia. Os personagens do mito são os entes sobrenaturais e seus feitos indicam a indissociável relação entre o sagrado e o profano.

- 3) Somatório: 52
- 4) Para responder a essa questão, você deve retirar do exemplo exposto no enunciado características inerentes ao senso comum, como noções adquiridas com experiências cotidianas, e contrapô-las às características da ciências, como objetividade etc.

Unidade 2

- 1) É no discurso que se encontra a força e o método do pensamento socrático. Mas não é qualquer discurso. Este precisa estar fundamentado no exercício laborioso de investigação. O discurso, segundo o pensamento socrático, não se constitui verdadeiro por si mesmo, mas na sua correspondência aos fatos e ao uso preciso das palavras, pois nele não pode haver ambiguidade. O método que Sócrates utiliza, denominado ironia e maiêutica, tem como objetivo demonstrar, por meio de perguntas precisas, a fraqueza dos argumentos do interlocutor. Sócrates, através da ironia, mostrava ao seu interlocutor as falhas de seu argumento e tinha por objetivo auxiliar o interlocutor a parir a “verdade”, isto é, chegar ao conhecimento verdadeiro. Também conhecido como maiêutica ou método da parteira, tal qual sua mãe.
- 2) Para chegar à verdade, Platão utilizava o método dialético, no qual propunha diálogos, na maioria das vezes tendo Sócrates como interlocutor, de modo a mostrar que o diálogo oferece um método filosófico para revisar e investigar os conceitos, a essência das coisas. A composição dramática dos diálogos nos permite chegar à verdade, não por algo imposto à nossa alma, como fazem as teorias, mas por meio da dialética. Nos diálogos, além dos dois interlocutores que participam dele, há um terceiro que é o leitor-ouvinte, que, ao invés de se deparar com teorias prontas, é convidado a tirar suas próprias conclusões.
- 3) B, A, C
- 4) A dedução (silogismo), isto é, partir de um universal e se chegar a um particular, levaria a conclusões verdadeiras, desde que as premissas também fossem verdadeiras. Para Aristóteles, a indução ainda não confere validade científica, portanto, quando chegamos à conclusão de que Sócrates é mortal, não apenas chegamos a uma conclusão verdadeira, mas encontramos a causa da morte de Sócrates, que pode ser aplicada a todos os animais. Portanto, pode-se aplicar esta dedução a qualquer animal e chegar à conclusão de que ele é mortal.
- 5) Somatório: 13

Unidade 3

- 1) O debate apresenta-se em dois campos: o da teologia e o da filosofia. Na teologia havia a tentativa de conciliação entre fé e razão, em que, geralmente, a fé se sobrepunha à razão, ou seja, a verdade revelada pela fé em Deus estava acima da compreensão da razão humana; na filosofia, havia pelo menos duas perspectivas para este debate: numa, a razão poderia contribuir para que a fé fosse “racionalizada”, ou seja, razão e fé conciliadas; noutra, razão e fé possuíam fundamentos tão antagônicos que se tornavam inconciliáveis.
- 2) Deus é o criador de todas as coisas, de todos os seres e de todo o universo. E, como o mundo teve um começo, esse é o começo do tempo, não sendo, portanto, eterno. O tempo é responsável pela mudança e só existe para a criatura, sendo o criador eterno. Ele cria tudo do nada, mas o cria incompleto, de modo que cabe aos homens a busca do caminho da perfeição por meio da revelação divina. Ele criou os homens a sua imagem e semelhança, por isso são superiores aos outros seres e os únicos que possuem razão e inteligência e, apesar de não terem total domínio sobre o mundo, possuem controle sobre todas as coisas animadas e inanimadas, os peixes do mar, as aves do céu, como escrito no Gênesis.
- 3) Consistiam no debate de um determinado tema proposto pelo professor, no qual a estrutura da questão disputada segue aproximadamente a ordem de como acontece o debate. Inicialmente é apresentada pelo mestre, no caso Santo Tomás, a *tese* do artigo. A esta são seguidas as *objeções* dos alunos e as *objeções contrárias* do bacharel. Só então o mestre dá a *solução* do problema enunciado na tese do artigo. Além da solução, o mestre também vai apresentar a *resposta às objeções* e a *resposta aos argumentos contrários*, quando houver tais respostas.

Unidade 4

- 1) O Renascimento questiona os modelos feudais, contribui para o surgimento do capitalismo, para a ascensão da burguesia e aponta algumas crises com o velho modelo medieval. Desperta uma crise de consciência ao propor um universo infinito; uma crise religiosa com a reforma protestante e uma política, pois o Sacro Império Romano-Germânico é destroçado pelos reinos modernos independentes.

Assim, este é um período de renascimento para todas as áreas, não apenas para a filosofia e a ciência moderna, mas também para as artes, tendo como principais representantes nomes como: Botticelli, Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael.

2) Sustentado pela matemática e depositando todas as “fichas” na razão, Descartes construiu um método valioso para as ciências que é considerado relevante até hoje, mesmo com seus desmembramentos e contundentes críticas. A razão subia mais um degrau rumo ao topo do mundo. O método de Descartes, o método cartesiano, tinha como modelo a matemática, especificamente a geometria, e tinha como objetivo oferecer um caminho seguro para se chegar à verdade. Estes passos compreendiam as seguintes regras, ou como ele denominava, quatro preceitos metodológicos:

O primeiro é o de jamais aceitar algo que eu tivesse dúvida de ser verdadeiro. O segundo é o de dividir cada uma das dificuldades encontradas em tantas parcelas quanto possíveis e necessárias para melhor resolvê-las. O terceiro o de conduzir os meus pensamentos ordenadamente, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, subindo, pouco a pouco, como por degraus, até a descoberta dos mais complexos, até mesmo pressupondo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente. E, por último, o de fazer enumerações constantes, completas e gerais, certificando-me de nada omitir.

- 3) Enquanto o racionalismo moderno buscava, através da razão, um método indubitável para a ciência, o empirismo preconizava uma ciência que se sustentava pela observação e pela experimentação.
- 4) Para solucionar esta questão, você deve se posicionar a favor de uma das duas éticas estudadas na unidade: a Ética Teleológica, que determina o que é correto de acordo com uma certa finalidade (*telos*) que se pretende atingir; e a Ética Deontológica, que determina o que é correto, segundo regras e normas em que se fundamenta a ação.
- 5) Não existe uma receita universal, pronta e completamente eficaz. A decisão, a escolha, sempre varia de pessoa para pessoa, de consciência para consciência, mas o que pode nos ajudar é sempre parar, refletir, deliberar diante das alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. É preciso ter a capacidade de avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as consequências para si e para os outros e a conformidade entre fins e meios. No entanto, a escolha envolverá crenças, leis e dependerá do limite e da vontade de cada pessoa. Valores, virtudes e crenças determinam a maneira como vivemos no ambiente de trabalho e fora dele.

Unidade 5

- 1) As revoluções científicas acontecem porque em um determinado momento um paradigma tradicionalmente aceito passa a conter mais anomalias do que respostas para um determinado problema, constituindo-se assim uma crise. As crises acontecem quando há comprometimento dos fundamentos do paradigma, no qual os cientistas não conseguem mais encontrar soluções dentro do paradigma. Primeiro temos uma atividade desorganizada e diversa que se chama pré-ciência, depois ela é estruturada e passa a compor um novo paradigma aceito pela comunidade científica. Nesse período, há o que chamamos de ciência normal, um período no qual os cientistas apenas desenvolvem o paradigma e veem sua correspondência com a natureza. Mas, em um determinado momento, as dificuldades e problemas encontrados não conseguem mais ser resolvidos e somente um novo paradigma pode resolver esta crise, dando-se, então, a revolução científica.
- 2) Somatório questão: 56
- 3) O termo ideologia, a princípio, designava apenas uma “teoria geral das idéias”, mas com Marx, passou a assumir o caráter de crítica política e passou a expressar a sujeição de uma classe dominante sobre as demais através de um corpo de idéias. Na abordagem marxista, portanto, a ideologia é o convencimento dos membros que compõem uma sociedade, podendo implicar um falseamento da realidade. Foucault, por outro lado, ao refletir sobre o conceito de ideologia, questiona-se: O que está por trás das relações sociais? Qual o efeito verdadeiro no interior dos discursos? Em resposta, o autor descreve a noção de ideologia como algo de difícil utilização, e com a qual devemos ter precauções, pois queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade.
- 4) Como foi desenvolvido pela teoria marxista, há três tipos de alienação que são capazes de gerar exclusão. Primeiro a alienação social, na qual os homens não se veem como construtores da história ou porque se colocam como seres passivos que devem aceitar o que é imposto, por ser “natural”, ou porque se rebelam individualmente para garantir sua vontade. A segunda é a alienação econômica, que se dá pelo processo de trabalho, no qual os trabalhadores não têm compreensão de sua sujeição aos poderes do patrão, ao virar mercadoria, pois seu salário não é suficiente para adquirir as mercadorias que produz. E, por último, a alienação dos ambientes acadêmicos, no qual o intelectual, que produz as ideias, acha que é o produtor das ideias, esquecendo que elas estão diretamente associadas à classe a que pertencem, à classe dominante e as tomam como dogmas universais a serem seguidos. E, também, esquecem que as ideias são utilizadas apenas para explicar a realidade e não constituem a própria realidade ou ignoram que elas são construções humanas e não ideias em si mesmas.

5) A indústria cultural, a princípio, alega que é responsável por democratizar a arte, mas é, na verdade, responsável por sua massificação. Primeiro, separa os bens culturais em classes: “caras e raras” que são destinadas ao privilegiados e as obras “baratas” que se destinam a grande massa. Segundo, cria a ilusão de que todos têm acesso aos bens culturais, mas existem diferentes produtos para cada grupo social. Terceiro, vende o velho com cara de novo, para contentar o público médio que se espantaria com o novo. Quarto, define a cultura como lazer, entretenimento e diversão, mas à distância do trabalho intelectual que a gerou. Portanto, a indústria cultural, ao invés de divulgar a cultura, a vulgariza.

Biblioteca Virtual



Veja a seguir os serviços oferecidos pela Biblioteca Virtual aos alunos a distância:

- Pesquisa a publicações on-line
<www.unisul.br/textocompleto>
- Acesso a bases de dados assinadas
<www.unisul.br/bdassinadas>
- Acesso a bases de dados gratuitas selecionadas
<www.unisul.br/bdgratuitas >
- Acesso a jornais e revistas on-line
<www.unisul.br/periodicos>
- Empréstimo de livros
<www.unisul.br/emprestimos>
- Escaneamento de parte de obra*

Acesse a página da Biblioteca Virtual da Unisul, disponível no EVA, e explore seus recursos digitais.

Qualquer dúvida escreva para: bv@unisul.br

* Se você optar por escaneamento de parte do livro, será lhe enviado o sumário da obra para que você possa escolher quais capítulos deseja solicitar a reprodução. Lembrando que para não ferir a Lei dos direitos autorais (Lei 9610/98) pode-se reproduzir até 10% do total de páginas do livro.

UnisulVirtual

A sua universidade a distância



UNISUL

ISBN 9788578173548



9 788578 173548